

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

24 de Setembro a 7 de Outubro de 2019 | Nº 190 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça

.... Kz 50,00

Pág. 3 **ECO DE ANGOLA**

Bienal De Luanda A Cultura da Paz a partir da identidade africana



LETRAS Pág. 7

E se
**Agostinho
Neto**
vencesse
o Prémio
Camões?



ARTES Pág. 8-10

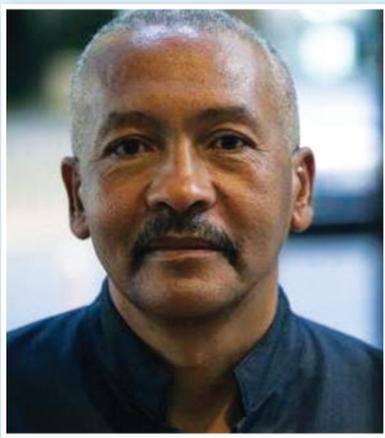


DIÁLOGO INTECULTURAL Pág. 16

A África do Sul
de Mandela: realidade
ou sonho
distante?



JOSÉ LUÍS MENDONÇA



Bienal de Luanda amplia ideal pan-africanista

O homem angolano deste tempo tem três bons motivos para ouvir falar e também falar de paz. O primeiro é a tensão político-militar no Golfo Pérsico, que opõe o Irão e a Arábia Saudita, com desdobramentos potenciais que perigam a paz mundial.

O segundo motivo é a paz firmada entre o Ruanda e o Uganda, sob os auspícios do presidente angolano, João Lourenço, que renova as esperanças de uma calma definitiva na região dos Grandes Lagos e o fim do sofrimento do povo congolês.

O terceiro motivo é a instabilidade social que se vive em Angola, motivada pelo incrível índice de desemprego.

É neste contexto nacional e global que Luanda acolheu, de 18 a 22 de Setembro, a primeira Bienal de Luanda, feita Fórum Pan-Africano para a Cultura da Paz, com mais de 800 participantes, representando 17 países. Este fórum representa mais um passo dado pela comunidade internacional, sob a égide da UNESCO e da União Africana, cujo lema cimeiro é a prevenção da guerra lá onde ela se inicia: nas mentes dos homens.

Durante o Fórum de Ideias, os participantes debateram os modos de prevenção da violência e dos conflitos através da Cultura e da Educação, a prevenção dos conflitos através da gestão transparente dos recursos naturais, a gestão da água, bem como abordaram a questão candente do ano: refugiados, retornados e deslocados africanos.

No último dia, o painel sobre os média seria particularmente interessante, se a moderadora não tivesse monopolizado o tempo com entrevistas seguidas aos oradores, deixando o público sem voz. Se voz tivesse havido para o público, gostaríamos de ouvir os oradores falar e o público reflectir sobre os temas que ainda continuam tabu nos média em África e particularmente em Angola: o VIH/Sida, o rapto e o tráfico de menores e a problemática das comunidades invisíveis nos média. E quem fala de VIH, também lhe poderia agregar a primeira causa de morte na África subsariana: as doenças diarreicas. Temas que raramente são focados pela imprensa, ou se o são, quase sempre sob o império da palavra oficial.

Esperamos sinceramente que, na próxima bienal, a organização não nos traga novamente a senhora Geórgia Calvin-Smith, jornalista da France 24, para moderar outro painel sobre “Média livre, independente e pluralista”, pois, a forma como ela conduziu os trabalhos é contrária à cultura de paz que o encontro visou promover.

No final dos trabalhos, os participantes recomendaram o estabelecimento de um Comité de monitorização e seguimento da implementação das recomendações saídas do encontro.

Esta coligação de parceiros vem, agora, ampliar o velho ideal pan-africanista de uma paz continental, pressuposto para a tão almejada unidade de África. E terá, a partir de Setembro deste ano, a tarefa de ajudar a prevenir as crises humanitárias e resolver e aliviar os conflitos que, sem sombra de dúvidas, fazem parte inalienável do ser humano em sociedade. É assim mesmo a Vida em sociedade: de um lado os que promovem, gostam, e sabem pegar em armas, como mecanismo final de resolução dos dissídios. Do outro, uma maioria silenciosa, cansada de servir como carne de canhão, sem voz, a que este Comité pode dar voz.

Como africano da região Austral, tira-me o sono a eternização da guerra na RDC. No dia em que eu vir na televisão o fim desta guerra, farei uma pausa na vida, beberei um trago de hidromel e escreverei um livro novo dedicado à Paz.

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Rui André
Marques Upalavela, Luena Kassonde
Ross Guinapo

Administradores Não Executivos

Filomeno Jorge Manaças
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 189/Ano VII/ 4 a 16 de Setembro de 2019
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editor:

Gaspar Micoló

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: David Mestre, Fernando Neya Huilipeny,

Portugal: Rodrigues Vaz

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha,
Correio da Unesco, Modo de USAR & CO,
Obvious Magazine e Engenharia é.

BIENAL DE LUANDA

A Cultura da Paz
a partir da identidade
africana

Josefa Sacko-Comissaria da União Africana

GASPAR MICOLO

Sob o lema "Construir e preservar a paz: um movimento de vários actores", a Bienal de Luanda - Fórum Pan-Africano para a Cultura de Paz, que teve início no dia 18 e encerra domingo, 22, visa enaltecer os valores da paz e da cidadania e materializar a aliança de povos em torno da cultura da paz. O objectivo é criar plataformas de reflexão sobre o futuro de África, tendo como focos temáticos a juventude, paz e segurança, a criatividade, empreendedorismo e inovação.

É possível promover uma Cultura de Paz à margem dos usos e costumes dos povos africanos? A resposta a questão coube ao médico cirurgião congolês Dinis Mukwege, numa conferência a que presidiu, logo após a cerimónia de abertura, no Centro de Convenções Talatona, que contou com a ministra da Cultura angolana, Maria da Piedade de Jesus, com a directora-geral da UNESCO, Audrey Azoulay, e com o presidente da Comissão da União Africana, Moussa Faki Mahamat.

O prémio Nobel da Paz 2018, Denis Mukwege, foi taxativo ao reafirmar que a cultura da paz "deve estar no centro das preocupações" individuais e colectivas e cabe aos africanos encontrar soluções para o caminho da paz e da prosperidade, com base nas suas culturas e tradições. Para o médico, o alcance dos desideratos da agenda 2063 sobre o desenvolvimento de África assinado em 2013 só será alcançado caso se desenvolva a identidade africana autêntica, o respeito dos direitos humanos e a diversidade cultural, o espírito da solidariedade e de não-violência.

Durante a sua intervenção, o ginecologista que se destacou por tratar milhares de mulheres vítimas de crimes sexuais no seu país, na República De-



Participantes do Fórum



Médico cirurgião congolês Dinis Mukwege

mocrática do Congo, defendeu a preservação da verdadeira identidade africana para uma efectiva promoção da cultura de paz a nível do continente, fazendo referência a vários pontos que considera estarem ainda muito longe de ser alcançados no ponto de vista político, social, direitos humanos e cultural. "O grande problema de África é não ter sabido capitalizar a cultura para desenvolver a sua identidade", disse Mukwege, para quem "a adopção de uma cultura importada" levou a uma incapacidade de dominar as próprias tradições africanas.

Para o médico, "depois dos tempos da escravatura e da colonização dos países ocidentais, hoje em dia as empresas asiáticas estão em vias de tudo monopolizar, no quadro de uma globalização inclusiva que não respeita nem mesmo o ambiente".

Denis Mukwege considerou que a instabilidade permanente é "o maior impedimento à construção de uma paz duradoura" e criticou os africanos que apenas procuram os seus interesses, questionado: "Onde está a nossa soli-

||
"Estamos longe de satisfazer
necessidades básicas
da nossa população e de
satisfazer as suas aspirações
legítimas"
||

dariedade? Onde está a nossa fraternidade? Onde está a nossa dignidade?"

Na sua intervenção no evento que reúne personalidades e grupos de 16 países, bem como dirigentes de importantes organizações como a Unesco e a União Africana, Denis Mukwege lamentou "que a distribuição da riqueza não seja feita de forma equitativa" e que as "mulheres sejam relegadas para segundo plano".

"Estamos longe de satisfazer necessidades básicas da nossa popu-

lação e de satisfazer as suas aspirações legítimas", o que, segundo o Nobel, explica que muitos jovens procurem outras alternativas de sobrevivência, juntando-se a milícias e à 'jihad', como no Sahel, ou busquem o exílio arriscando as vidas no Mediterrâneo.

Denis Mukwege refere que África tem meios humanos e materiais para o desenvolvimento continental em vários sectores, cabendo apenas o compromisso da boa governação democrática, onde a gestão económica dos recursos naturais possam satisfazer a necessidade dos povos.

O médico falou ainda sobre o seu próprio país, cujo ciclo de violência se mantém desde os anos de 1990 e já provocou mais de seis milhões de mortos, quatro milhões de deslocados e milhares de violações de mulheres e raparigas, incluindo bebés, apelando aos chefes de Estado, União Africana, Nações Unidas e sociedade civil para que se mobilizem em torno da justiça para punir os responsáveis pelos crimes.

CONJUGAÇÃO DE ESFORÇOS E DE VONTADES

A ministra da Cultura, Maria da Piedade de Jesus, defendeu a necessidade da conjugação de esforços e de vontades para o desenvolvimento sustentável do continente africano, apelando a governantes, intelectuais, estudantes, investigadores, entre outros, que reforcem a interactividade e as acções para a busca de mais e melhores caminhos para o alcance de uma paz duradora em África.

Maria da Piedade de Jesus, que falava na cerimónia de abertura do evento que acolhe dezasseis países africanos e outros da Europa e América do Sul, lembrou que a bienal tem como principal objectivo a partilha de experiências e de conhecimentos, o reforço da unidade africana e a promoção da diversidade cultural, pelo que é imperioso o comprometimento de todos para a promoção da cultura de paz, visto que a cultura pode e deve ser um meio de promoção da paz.

O presidente da Comissão da União Africana, Moussa Faki Mahamat, pediu aos africanos a envolverem-se colectivamente nos esforços de paz no continente, apontando a bienal como uma oportunidade para se cultivar a paz em África, destacando o papel da mídia na promoção da mesma.

Moussa Faki Mahamat, que falava na cerimónia de abertura do evento, sublinhou a importância de se assegurar a integridade, prosperidade e o alcance da paz definitiva em África, elementos sem os quais não haverá desenvolvimento, razão pela qual deve haver o comprometimento (dos africanos) com um mesmo objectivo, caminhando sempre juntos e unidos.

Já a directora-geral da Organiza-

ção das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), Audrey Azoulay, pediu maior compromisso dos governos para a manutenção da paz, por ser o maior alicerce para a promoção da qualidade de vida da população.

Audrey Azoulay referiu, durante o acto de abertura, ser preciso maior engajamento de todos para a preservação da paz que foi alcançada com muito esforço, devendo-se reafirmar, de forma permanente, o seu compromisso individual e colectivo com a qualidade de vida que esta acarreta para os povos.

A directora referiu que a Bienal funcionará como uma plataforma de reflexão sobre o futuro de África, com abordagens focadas sobre a educação, ciência, cultura ao serviço da cultura de paz, prevenção de conflitos e o papel da mídia na promoção da paz fundamental para os tempos modernos.

Além da directora da Unesco fizeram-se presentes ao país os presidentes da Namíbia e do Mali, Hage Geingob e Ibrahim Boubacar Keïta, o Prémio Nobel da Paz de 2018, Denis Mukwege, e o antigo internacional da Côte d'Ivoire, Didier Drogba.



Ministra da Cultura-Maria da Piedade de Jesus

É EPICENTRO DE CULTURAS

Até domingo, Luanda será o epicentro dos debates sobre a resolução de conflitos em África, num evento que conta com 800 delegados de todo o mundo e milhares de participantes nacionais, directamente envolvidos na bienal. Dezasseis países africanos e outros da Europa e América do Sul foram convidados para participar no evento, entre os quais Egito, Marrocos, Etiópia, Quênia, Ruanda, Mali, Nigéria, Cabo Verde, República do Congo, RDC, Namíbia, África do Sul, Brasil e Itália.

Na agenda constam um Festival de Culturas, a decorrer no Museu Nacional de História Militar, e fóruns da mulher, da juventude, de ideias e de parceiros que vão concentrar os participantes no Memorial António Agostinho Neto.

A organização considera o evento como uma oportunidade para intercâmbio e experiência, para se lançar

uma mensagem universal, através da criação artística, apoio ao diálogo intercultural, escuta mútua e paz.

De acordo com a coordenadora nacional da Bienal de Luanda, Alexandra Aparício, com a realização do evento se pretende criar uma cultura de paz e resiliência de conflitos e à necessidade de se viver uma adversidade com diferenças.

A Bienal é uma organização tripartida (Angola, União Africana e UNESCO) que visa, entre outros objectivos, a promoção da harmonia e irmandade entre os povos através de actividades e manifestações culturais e cívicas, com a integração das elites africanas. O desafio "foi assumido pela UNESCO", que formalizou em Dezembro de 2018 um acordo com o executivo angolano para a realização da Bienal em 2019 e 2021. O Governo angolano investiu 512 mil dólares no projecto e está confiante no retorno da iniciativa.

COOPERAÇÃO PARA A PAZ

A Bienal de Luanda-Fórum Pan-Africano para a Cultura de Paz vai proporcionar maior cooperação e parceria entre os vários países presentes no evento, sobretudo em matéria de responsabilidade social, nas diversas áreas carentes do país, considerou o Presidente da República, João

Lourenço, na abertura do evento.

Na sua intervenção, João Lourenço frisou que uma das grandes tarefas reservadas às lideranças do continente e aos diferentes actores da sociedade civil tem a ver com os objectivos da União Africana, na sua agenda para a promoção de uma cultura de paz e de não-violência denominada

"Silenciar as armas até 2020".

Segundo o Presidente angolano, este objectivo é aparentemente difícil de atingir, mas o legado deixado pelos líderes africanos, "que ergueram bem alto a bandeira do pan-africanismo e se bateram por todos os meios para a libertação da África do colonialismo e de outras formas de dominação",

constitui uma fonte de inspiração para os esforços conjuntos para pôr fim aos conflitos, que "lamentavelmente persistem no continente".

João Lourenço considerou importante o envolvimento dos meios de comunicação social e das redes sociais para que se promova a cultura da paz em todo mundo. "Os meios de comunicação tradicional e digitais têm também um papel de grande importância na difusão e valorização das nossas realizações e a juventude deve aproveitar estes meios para o reforço da cultura da paz e da não violência", sublinhou.

Numa mensagem mais directa aos jovens, o Presidente angolano apelou ao uso consciente das redes sociais, porque já ficou demonstrado em vários países o perigo que representam "quando utilizadas para desinformar e alterar a realidade dos factos, com o objectivo de criar convulsões sociais, como meio de pressão para a remoção do poder de Governos legítimos e democraticamente eleitos pela maioria dos cidadãos eleitores".



Doutrina com fabulações

De novo a poesia como doutrina e como arma



RODRIGUES
VAZ

«Está velho. Vermelho
o escaravelho
envelheceu
no seu trípico espelho.
Em boa verdade
o nobre velho
jamais re-conheceu
a riqueza do evangelho.»

O livro de J.A.S. Lopito Feijóo K., cujos títulos integram a palavra Doutrina - o primeiro que publicou, em 1987, chamava-se mesmo Doutrina, a que se seguiram Lex & Cal Doutrina (2012), Andarilho e Doutrinário (2013), ReuniVersos Doutrinários (2015), Pacatos & Doutrinários Recados (2016), Imprescindível Doutrina Contra (2017), Doutrinárias Lâminas Doutrinárias (2018) - é natural que se diga que esta é uma palavra fundamental e mesmo chave no seu projeto literário que também é, obviamente, um projeto de intervenção cívica, ou como ele próprio tem acentuado, de intervenção sociopolítica.

Porque este Doutrina com fabulações é o desenvolvimento natural e lógico desse mesmo projeto, para apresentar aqui e agora este seu novo livro, tive de optar também natural e logicamente por decalcar o que tinha dito do seu poemário anterior, Imprescindível Doutrina Contra (2017), que denunciou o regime anterior com rara acutilância, anunciando corajosamente uma rotura com o poder, através de variações sobre as suas preocupações recorrentes, que eram então o estado da sua nação, cujo levantamento fez estridentemente utilizando com eficácia provérbios angolanos, que compõem parte importante da literatura oral de Angola - e têm natureza pedagógica e filosófica. Um provérbio carrega sempre dois sentidos - literal e conotativo. Traz também uma lição, a síntese subjacente ao significado das palavras e de que se parte para a extracção da ideia, do valor, do pensamento, enfim o ensinamento moral ou filosófico.

Estruturado em 54 poemas que mais não são do que haikus ou haikais, como se diz na variante do português brasileiro, multiplicados umas vezes quatro outras vezes cinco ou seis, Lopito Feijóo serve-se do estilo cortante característico deste género poético para intensificar o martelamento das rimas repetidas até à exaustão para mais eficientemente passar a sua mensagem. Por isso opta por uma grande economia de palavras, que têm de ser, por outro lado, suficientes, rigorosas e objectivas.

Exactamente também por isso, ele avisa:

Aliás, pautando-se sempre por uma objetividade e clareza de realçar, ele próprio há três anos num depoimento que deu para o site Portal de Angola, declarava perentoriamente: «Toda a poesia que é feita com consciência do fazer e do dever fazer é doutrinária. Quando publicamos um texto literário, ele desprende-se do autor, passa a ser de quem o lê e de quem com ele se identifica. Começa a gerar-se um fluído de consciência, uma espécie de doutrina, que orienta o leitor e que o



A marca Lopito Feijóo distingue-se pela característica doutrinária, no sentido de estarmos a fazer doutrina poética.



obriga a ler e reler o texto de forma a que nele possa encontrar novos caminhos e orientação».

E já em 2014, em entrevista concedida ao jornalista Isaquiel Cori, publicada no quinzenário luandense Cultura, ele tinha sido taxativo: «Eu quero fazer uma literatura única e com sequência. A marca Lopito Feijóo distingue-se pela característica doutrinária, no sentido de estarmos a fazer doutrina poética. Queremos que o nosso pensamento poético fique e marque filosoficamente todo um processo literário e a história da literatura angolana. Ao leitor, depois de ler essa poesia, vão-lhe sobrar alguns princípios éticos e estéticos que lhe permitirão encaminhar a sua vida de forma mais esplendorosa, florescente e fluorescente».

Conjunto de princípios que servem de base a um sistema, o vocábulo Doutrina, que deriva do latim doctrina, está sempre relacionado com disciplina, com qualquer coisa que seja objeto de ensino, e pode ser propagada de várias maneiras, saber, ensino, norma, enfim, forma de raciocinar.

Por isso, não foi por acaso, que, recentemente, definiu o livro como uma ferramenta de extrema importância

para o desenvolvimento de qualquer sociedade, pelo facto de contribuir para o crescimento do intelecto do cidadão e representa um elemento indissociável na formação integral.

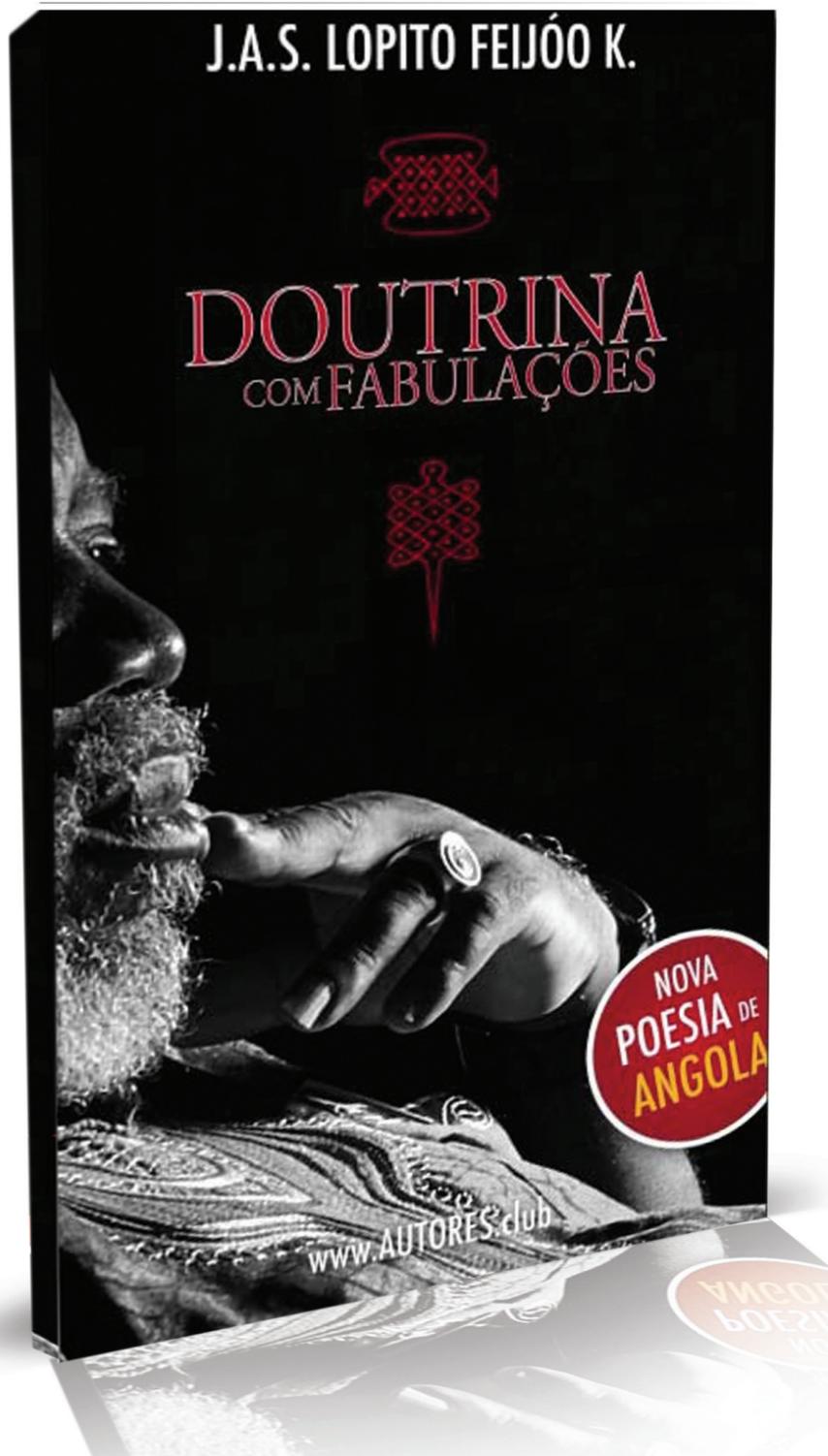
Nunca indiferente, muitas vezes panfletário, ele sabe denunciar:

«Cágado cágado
charmoso e medroso.
Especial exemplar
da última espécie
de homem vaidoso
teimoso turbo lento e rancoroso.
A natureza surpreende
a omnipresença superintende!»

Jogando com as palavras e as rimas em várias figuras de estilo que tanto têm a ver com metonímias como com anáforas, que vai usando de maneira tão espontânea como aparentemente natural, Lopito Feijóo socorre-se de todo um manancial de retórica numa escrita desenvolvida, fazendo aparecer inúmeras «trouvailles» como resultado lógico das lucubrações de um

poeta de causas, mas que não esquece que, mesmo assim, a poesia é um objeto que precisa de ser lapidado, pelo que utiliza com eficiência jogos de trocadilhos através de rimas marteladas muito ao gosto dos vários grupos de jograis que proliferaram em Luanda nos anos 50 e 60, por acaso ou nem tanto, a maior parte integrados por africanos. De notar ainda o esforço de recuperação de personalidades e frases correntes que fizeram época, como a referência ao Jacaré bangão e ao Armando Kanguirima, aqui apresentado como Armado, num jogo recorrente de palavras em que se tornou exímio.

Natural e recorrentemente filosofante, na medida do seu plano doutrinário de grande ambição «deitando mão a diversíssimos formatos arquitectuais (soneto, ode, haiku, dístico, epigrama, prosopoema)», como acentuou em devido tempo o professor Pires Laranjeira, Lopito Feijóo «traz à cena do discurso um descomplexado



ensejo de confrontar códigos e linguagens, por um processo requintado de (re)construção significativa que é herdeiro direto e dileto não só do modernismo e tradição vanguardista, mas (...) do romantismo rebelde, apaixonado, revolucionário.»

Senhor de uma escrita cujas origens se podem reconhecer num seu avô viciado em petições e que nunca deixou de fazer requerimentos para fazer valer a sua razão, por mais que as autoridades não lhe ligassem nada, não será difícil perceber também a influência da poesia do David Mestre, que Lopito reconhece antes de tudo, não só nos aspetos formais mas na pose quotidiana emergindo as atitudes como fundamentais para a sua afirmação literária, podemos encontrar resquícios de João Maria Vilanova no seu esforço de síntese que perpassa por todo o seu poemário. Mas não devemos esquecer, além do poeta português Alexandre O'Neill, no seu sarcasmo muito peculiar, que alia cinismo a uma humanização muito clara, um seu conhecimento recente, o poeta concretista português José-Alberto Marques, que aliás já o reconheceu em pleno Festival Correntes de Escrita, da Póvoa de Varzim, Portugal, considerando LopitoFeijóo como um dos grandes poetas experimentais, a par dos melhores do Brasil e Portugal. E é bom lembrar que a exuberância rimática tem muito a ver com um poeta português chamado José Carlos Ary dos Santos, pela sua espontaneidade de verbo fácil e ao mesmo tempo certo e arrojado. Não esqueçamos: as palavras podem ser pedras que ferem mais do que balas.

Como disse o jovem escritor e ensaísta moçambicano, Japone Arijuane, LopitoFeijóo «É sem escrúpulos um poeta que poetiza as vivas e duras vivências africanas, com muita transpiração, que se diga: felizmente consegue transmitir veementemente as imagens desta angolanidade usando a poesia como a fotografia fiel destas convivências.»

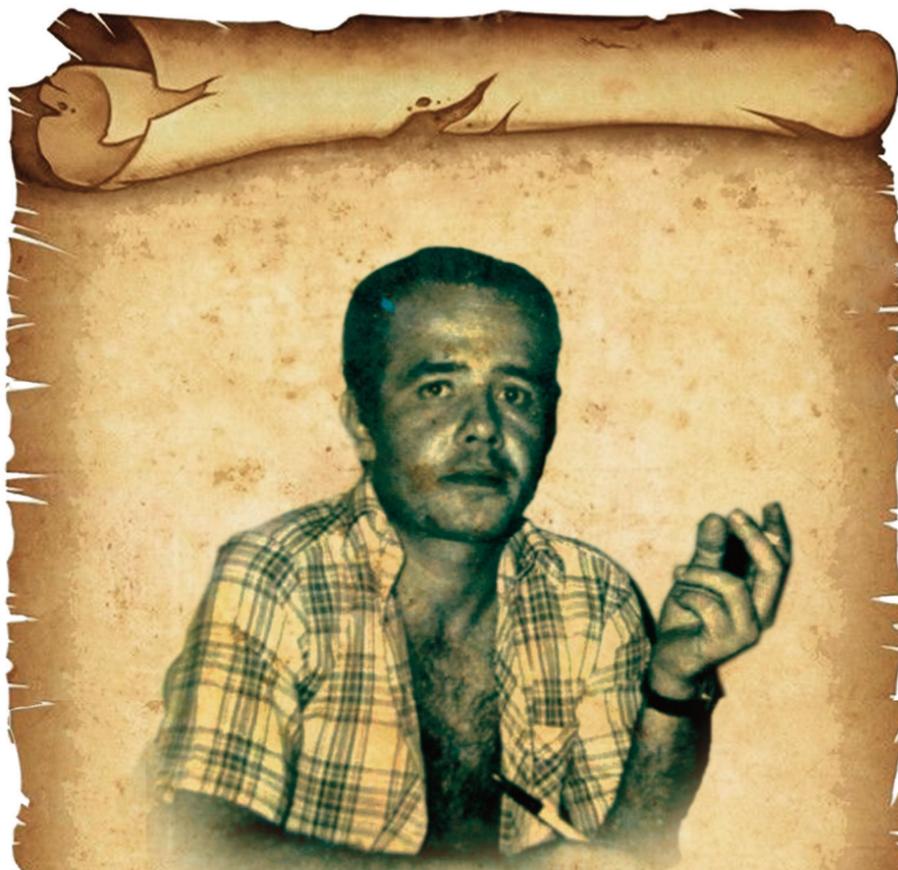
Reafirmo aqui e agora, bisando uma afirmação recente, o LopitoFeijóo é, provavelmente, o maior poeta angolano vivo. De vários modos esta minha afirmação vai contra tudo o

que eu costumo fazer. Não sou de rótulos e muito menos de adjetivos absolutos e generalizações. E respeito muito os atuais nomes da poesia angolana, que os tem de muita qualidade. Mas sobre o Lopito, não tenho dúvidas e repito: o LopitoFeijóo é o maior poeta vivo de Angola. Porque é estridente. Porque tem muita garra e faz da poesia o seu quotidiano. Porque se está marimbando para muita coisa e o poder em especial. Porque pensa a partir da poesia e com ela apenas. Recorrente e simplesmente. É realmente um poeta inteiro, total, por um lado, com uma grande fluência espontânea, na tradição dos chamados poetas repentistas portugueses, que teve em Bocage o principal epígono, por outro lado, com o encanto dos velhos griots da tradição africana, responsáveis pela transmissão da tradição e cultura. Portanto, um poeta para todas as estações, isto é, um poeta tão completo como universal, que vai evoluindo no seu próprio percurso.

Só um poeta assim é que poderia bradar também assim, como fez no seu anterior livro, subvertendo ousadamente gramáticas e semiologias: «Amar liberta e na pele sublime/ o alvorado orvalho da tela carente./ Altas e baixas tensões o amor regula, infernal/ bombeando sangue, deslumbrando almas.»

*Porque, afinal,
«Do clã de sérios animenos
os animais não gerem impérios.
Provocando cheios galinheiros
suportando os maiores impropérios.
não é o ladrão
quem julga a ocasião
nunca o papão
te absolve de antemão!»*

Na verdade, o Lopito cumpre com singular rigor o que se pede aos poetas: é a eles que cabe o primeiro lugar de toda a hierarquia da criação pois são eles que têm o dom de descobrir os próprios fundamentos da vida e ainda antes mesmo de que a vida tenha podido assentar na realidade. Como disse no momento certo o grande Almada Negreiros, nascido em S. Tomé, «a poesia é a garantia da ingenuidade que todos temos ao nascer – depois perdemos, morrendo envenenados».



Poema inédito de David Mestre

Herói até aos dentes

*O que é isto a voz suturada nas
quatro esquinas da boca o que é isto
são os olhos o corpo sua aterna
ebulição?*

*O que é isto as mãos as mãos crescem
como as folhas rompem a pele
rouca do clamor: sua
ferocidade?*

*O que é isto o que é isto fere-se
a larva o presságio dos vivos: a terra
que estala atrás dos
lábios?*

*O que é isto o hálito a língua
do vento frequente no rosto na sombra
nas pernas do herói: e o herói vai
o herói vai morto.*

*“Herói até aos Dentes”, poemas, Luanda, 197?
original dactilografado e enviado pelo Face-
book por
Carlos de Bulhão Pato*

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

Imaginemos –sonhar não é contranatura –, que o poeta angolano Agostinho Neto estivesse vivo, com os seus quase cem anos de idade, e vencesse o Prémio Camões, instituído pelos Governos de Portugal e do Brasil, em 1988, a fim de consagrar anualmente "um autor de língua portuguesa que, pelo valor intrínseco da sua obra, tenha contribuído para o enriquecimento do património literário e cultural da língua comum".

Este esboço imaginário carece de análise prévia do estado actual das literaturas africanas de língua portuguesa e particularmente, da angolana, no universo global da arte de ficcionar a vida.

O Prémio Camões apresenta limites geográficos, beneficiando o Brasil e Portugal. A que se deve este reduto geográfico do Prémio Camões?

É possível detectar três causas centrais desta problemática.

As duas primeiras, de carácter exógeno, são a insularidade geofónica resultante da herança linguística indo-europeia colonial e o diktat editorial e académico dos centros de difusão e de estudos críticos das literaturas africanas de língua portuguesa localizados em Lisboa, Coimbra e São Paulo. Deste fenómeno intra-africano e transatlântico resulta o drama da invisibilidade literária internacional dos países africanos de língua portuguesa e a sua subalternização ao paternalismo académico dos seus estudiosos internacionais.

Esta invisibilidade deriva, por outro lado, do fenómeno endógeno da decadência ou depauperação do sistema literário angolano, com o escasso desenvolvimento do mercado livreiro e do fomento da leitura nas escolas, bem como do vácuo da crítica literária.

O sistema literário angolano ficou agravado, no período do pós-independência, pela doença sistémica da falsi(n)formação geo-política. As células estaminais da formação da literatura angolana pós-colonial não puderam nem souberam ler o ADN do corpus lírico-ficcional do animal de estimação chamado livro, para poderem elevar numa escala à dimensão histórico-cultural do país, às estantes e às mãos dos leitores aquele mínimo de economia e emotividade estética, aquela capacidade de gestão dos recursos estéticos que perfazem o jogo de palavras emocionalmente imperativo.

A poesia de *Sagrada Esperança*, a epopeia libertária de Agostinho Neto, contorna facilmente estes três muros limitativos. Primeiro, é uma obra lida e estudada mundialmente. Segundo, estaria no alto das avaliações para qualquer prémio, dada a tal depauperação da nova literatura que se vai produzindo em Angola, com escassas excepções que nem encheriam os cinco dedos da mão.

Porém, a pergunta permanece: se Agostinho Neto estivesse vivo, ser-lhe-ia atribuído o Prémio Camões, pela sua obra *Sagrada Esperança*?



E se Agostinho Neto vencesse o Prémio Camões?

UM COLÓQUIO E UMA CÁTEDRA

Não foi esta questão condicional levada ao Colóquio "Agostinho Neto e os Prémios Camões Africanos", que teve lugar de 9 a 10 de Setembro de 2019, na Universidade do Porto, Portugal.

Mas, não tendo sido a questão sequer levantada, a resposta também não foi dada. Contudo, as diversas comunicações sobre a obra do poeta da gesta da independência prefigurada e da cidadania estilizada do homem negro, serviriam de emolumentos para carrear sagrada Esperança à dimensão do Prémio Camões.

Dar-se-ia talvez o caso de que, devido ao seu espírito pan-africanista e ao tempo das prisões, perseguições políticas e da direcção da luta armada de libertação de Angola, o poeta recusasse o prémio, tal como o fez Luandino Vieira, em 2006, "por razões pessoais e íntimas".

Essa é outra hipótese a que nenhum dos participantes ao colóquio saberia responder.

Estas questões surgem aqui na reportagem, como pepitas de peneira de garimpo ideológico e histórico do manancial criado pelas várias falas que na Faculdade de Letras da Universidade do Porto fizeram, correr ondas de reflexão sobre o tema.

Não foi atribuído nenhum prémio Camões à obra de Agostinho Neto e ninguém será capaz de dar resposta à segunda preocupação ligada à aceitação ou não do mesmo pelo autor de *Sagrada Esperança*.

No entanto, e com mais alta dimensão que o prémio Camões, a criação da primeira Cátedra Literária de uma ex-colónia em Portugal, significou uma homenagem merecida que em-

prestou orgulho aos intelectuais angolanos participantes no Colóquio e encheu de contentamento a viúva, Maria Eugénio Neto, a filha, Irene Neto e a neta do poeta, Felícia São Vicente.

Maria Eugénia Neto salientou, na ocasião "as renovadas perspectivas e investigações sobre Agostinho Neto, enquanto poeta, homem de cultura e político", destacando que o prémio Camões tem um significado de grande alcance para o conjunto de países que tornou sua a língua de Camões. A escritora confirmou que a criação da cátedra Agostinho Neto visa promover o estudo de Agostinho Neto, das Línguas, da Literatura e da Cultura angolanas, através do estabelecimento de um programa próprio de investigação e ensino na área dos Estudos Africanos.

Para além do simbolismo da efeméride, a criação da Cátedra marcou o encerramento do colóquio e fez ouvir os discursos proferidos por especialistas de Angola, Portugal, Brasil, Cabo Verde e da China e que abordaram aspectos ligados ao tema do evento.

O reitor da Universidade do Porto, João Veloso, considerou o acto um feito internacional, tendo saudado muito entusiasticamente a assinatura do protocolo que homenageia uma figura marcante da história e da cultura angolana que, pelo seu papel de poeta e homem de cultura, é um dos maiores escritores da língua portuguesa.

Parece que, a final, houve uma resposta muito próxima da hipótese levantada no início sobre o mérito camoniano de Agostinho Neto. Vimo-la aflorar na comunicação do ensaísta António Quino "Agostinho Neto e José

Craveirinha: Diálogos pela Negação", na qual, procurou "demonstrar como Agostinho Neto (Angola) e José Craveirinha (Moçambique) estabeleceram um diálogo poético que privilegiou influências por si incorporadas e partilhadas, nomeadamente a tríplice de movimento negritudista, neorealismo e modernismo brasileiro, servindo como base para a recusa de modelos estético-literários defensores da ideologia do então poder (colonial) dominante. Nesse diálogo, os poetas negam o pré-destino confiado aos seus irmãos, negros, e atribuem ao sujeito lírico valores em prol da liberdade, igualdade e valorização do homem."

Com esse estudo comparado, Quino não só comparou os dois poetas. Nas entrelinhas, pareceu-nos dar uma resposta sigilosa à nossa questão.





Passavam já 3 dias do concerto. O músico e cantor decidiu ficar mais um pouco nas Terras Altas do Sudoeste para se sentir em harmonia com o lugar e consigo mesmo. Como ele gosta de fazer. Deixando o seu coração se abrir para o mundo, e a mente ao universo. Que dali, daquelas alturas, lhe pareceu estar mais perto. Como quando, na noite anterior, ficara a contemplar o céu estrelado que só a Humpata oferece...

FERNANDO NEYA HUILIPENY

O CONCERTO

Para ele e para os músicos, teriam gostado mais que tivesse sido um concerto ou, como se gosta de chamar cá na terra: um show, um espetáculo, mas saíram de lá com o sentimento de ter-se ficado um pouco com o gosto de uma animação de jantar. Mas no final não se importou muito com isso, "já estamos habituados a confundir e baralhar os géneros". Coisas da nossa terra. O importante foi, como sempre, a música. E a música, pelo que ficara a perceber do que espelhou a alma dos que lá estavam, foi boa. O palco estava bom. Confortável e sóbrio. "Gostámos da simplicidade e do fundo preto, da ausência de artefactos". O som estava também bom, muito bom: a técnica, assegurada pelo Jorge Daniel Boano, foi das melhores... E a disposição da cena contribuiu de maneira especial para o espírito que progressivamente foi nascendo da música que saía daquele agrupamento inesperado de músicos. Sob a iluminação daquela noite havia seis "instrumentos" apenas: duas violas-solo que, de esquebra, faziam ritmo; dois pares de congas – uma delas acompanhada pela dicanza e uma cozinha de percussões ligeiras (caxixi, shekere, afoché, triângulo...) –, uma bateria e uma viola-baixo. Mais a viola acústica de Mbanza Congo.

Como em todos os concertos, o tempo parou exactamente naquele esperado momento em que se sabe que o som vai começar. Com os sete músicos instalados no palco, os nossos olhos ainda procuravam identificar quem é quem, enquanto o cantor se acomodava, sentando-se num tabouret e nos distraía com um baile gestual improvisado ao tentar acertar a teimosa gola da sua camisa com a alça que lhe segurava a viola. Mal acabou de se acomodar, foi com um breve arranjo introdutório em Sol, Ré e Lá que a sua viola abriu o som. E logo a seguir, aquela sua voz de beija-flor, límpida e expressiva, familiar de qualquer um

dos presentes na sala, melodiou, sem nos deixar respirar: "Nas margens da minha terra.../ Nas margens do rio Congo..." E, desde esses instantes, qualquer coisa nos indicou que o enigma daquela sala haveria de ser descoberto nessa noite. Mas nada assegurava ainda o que haveria de acontecer. O público estava ansioso, e ainda não imaginava o que estava para lhe ser oferecido.

Como não desejar que já se pudesse – com palavras cuidadosamente tecladas uma-a-uma – fazer reviver o som de um concerto e transmitir os sentimentos irrepetíveis como os que se viveram naquela noite de sexta-feira... à medida que os olhos percorrem essas palavras...? Que fosse já realidade o sonho de que um dia a tecnologia vá permitir que uma tal "transposição musical" produza esse milagroso efeito e que, ao se deixar conduzir por um texto como este, o leitor conseguisse "escutar" junto com a imagem que a leitura produz, o exacto som produzido no evento que se relata...?

Mas por enquanto apenas dá para continuar a tentar contar classicamente o que aconteceu naquela noite de cacimbo no Lubango... e quando o cantor e os seus seis músicos subiram ao palco, já passava das 22h de um concerto anunciado prás 19h. E já haviam sido generosamente cantadas, durante cerca de hora-e-meia, uma quinzena de temas pelos miúdos do grupo Lev'Arte do Lubango (...a noite tinha, na verdade, começado com o pré-encanto de os ouvir cantar. Nem o barulho dos talheres nos pratos e das conversas desprendidas puderam impedir que sentíssemos a emoção causada pela escolha que fizeram para iniciar a sua introdutória actuação: saiu um conseguido "O que eu quero", canção que teima tanto em levar às lágrimas aqueles que gostávamos tanto do tão querido arquitecto-músico... E a cidade é orgulhosa daqueles seus miúdos que se reúnem todas as semanas, feitos pirilampos, e insistem em levar a arte para si e levar a arte para todos os que dela precisam, lutando por dias de sol mais quente, raiando paz pão e amor.

São uns miúdos bonitos, simpáticos, motivados pelo que fazem, humildes e carregando consigo as esperanças e as angústias pelas inaceitáveis dificuldades com que toda a sua geração é – dolorosamente, depois de 44 anos de independência – obrigada a viver e que, ainda assim..., são tão bons a cantar.

"Ai ai ai, ié.../ Nas margens do rio Zaire/ Nas margens da minha terra/ Nasceu a mulher mais bela, mulher mais linda...". Prosseguia o canto, como um lamento, e ficou-se com a nítida sensação que algo especial estava a acontecer. Como se, sonhando, estivéssemos a ver o colibri a bater as suas asas para se imobilizar no ar e desatar a cantar em pleno meio da noite. Os nossos sentidos estavam convocados. Os ouvidos se predispuseram. Os corpos na plateia ajeitaram-se nas cadeiras para melhor escutar. E quando se chegou à última estrofe daquela primeira parte cantada ("Não tenho poema para te dedicar/ é só o ritmo que eu tenho pra te dar..."), os instrumentos calaram-se, sincronizados, para uma brevíssima pausa, um, dois, três segundos..., e nem tivemos tempo para manter a respiração suspensa. Começara a fluir um som cujo ritmo aos poucos foi definindo a caudal musical daquela melodia com que o concerto nascia. Já não viria mais voz, apenas os sete instrumentos. Que se apoderaram do tempo e parecia que se

deixavam levar pelas águas do majestoso rio-fronteira que artisticamente decidiu desviar-se do seu leito e passar pelo local onde a Rainha Ginga nasceu. Retomada a respiração, reparámos que os olhos de Teddy Nsingui se fixaram no sorriso apenas disfarçado de Botto Trindade, sentados lado a lado, suas quatro mãos dialogando com uma cumplicidade comovente: as guitarras de Benguela e de Maquela do Zombo tinham começado ali a celebrar as suas origens. O som dos solistas foi logo logo acompanhado por uma batida alegremente "congolesa" que o Dinho Silva conseguiu tão bem gerar, acariciando apaixonadamente com as baquetas as caixas e os pratos da sua bateria. A cobrir o fundo do ritmo, agitando-se atrás do cantor, como que para lhe manter a alma aquecida ao longo do concerto, as 4 mágicas mãos de Joãozinho Morgado e de Mick Trovoada afagavam as congas com o consolidado andamento e as variantes que traziam de longínquos carnavais do BêÔ, e das margens do Rio Cavaco. E no seu cantinho, de onde podia olhar para todos os seus mais velhos companheiros no palco, também sentado, especialmente concentrado na sua sobriedade e na sua responsabilidade de conduzir o compasso daquela coda musical, Mias Galheta sabia que o destino daquele concerto dependia da afinação, da harmonia e da satisfação em que aquela primeira música resultasse: to-



Levarte

dos confiavam na sua arte de pautar o ritmo com o som da sua viola-baixo, que lhe saía como a água profunda, a que corre viscosa, raspando o leito do rio.

A cauda do vestido da nossa Rainha ficou sublimemente definida, os minutos prolongaram-se como uma desejada afinação de instrumentos, de respirações e de aquecimento no palco. Na platéia, pararam todos de comer e até as crianças se encostaram ao colo dos seus pais e familiares. Viraram-se os olhos todos para o palco. Estava claro, ninguém estava à espera que se nos fossem brindar, "de repente", com uma saudação assim. A boa música tem essa vantagem exclusiva e poderosa de penetrar-se-nos pelos ouvidos. E de mobilizar cada célula do nosso corpo. Todos os ouvidos se concentraram naquele ritmo de guitarras africanas e de batidas da nossa terra. Até a vinda-de-tão-longe Nossa Senhora do Monte – quem, que remédio, também ficou a ser da nossa terra – foi apanhada desprevenida. Mesmo fora da sala, foi vista a balancear-se na rigidez da sua estátua. Juraram os miúdos que estavam lá perto: conseguia gingar. Os espectadores e convivas esqueceram-se, como que mágicamente, das vicissitudes de tudo, das maldanças das suas vidas, e só não se emocionou quem não podia mesmo.

Waldemar Bastos só sabia que voltar ao Lubango neste Agosto tinha inevitavelmente de significar algo de especial. Não tinha tido tempo de perceber bem o que era, só o sentiu no dia anterior, quando aterrara na Mukanka. E naquele momento em que o concerto arrancou, soube perfeitamente que não precisava de voltar a colocar a voz naquele intróito. Sentado no seu tabouret, diante daquela "velha guarda" de músicos de excepção, fechou os olhos e sorriu apenas. Mas apesar de se ter calado, continuava a soar uma "voz". Nítida, deitada sobre a aconchegante harmonia que produziam os seus músicos. Todos percebemos: quem continuava a cantar era a sua guitarra de Mbanza Congo, de ali... de onde, segundo ele, nasceu a música africana. E quando já soavam os últimos acordes da cauda daquela primeira peça musical, quando o volume dos instrumentos carinhosamente baixava, nós vimos: os músicos olharam-se todos uns para os outros e parecia que concluíam, sem se falarem, que estava garantido o sucesso daquele concerto. Os corações ficaram avisados. Algo de excepcional se haveria de produzir nessa noite. Quando a música é assim...! Quem sabe, se à leitura destas linhas já alguns leitores consigam antecipar a tecnologia de algum amanhã e consigam ter estado naquela sala e agora ouvem a música que aqui se tenta escrever... (a composição "Rainha Ginga" foi pela primeira vez gravada em Nova York, em 1997, como parte do álbum "Preta luz", ou "Blacklight").

O resto do concerto, as duas horas e tal de sons e de música, foi apenas daqueles momentos em que nos congratulamos de termos podido estar lá, como quando se cruza sem querer com a felicidade. Nos sete pares de mãos que fizeram soar aqueles instrumentos durante cerca de 2 horas e meia, circula um sangue carregado da arte e da sabedoria musical da nossa terra. Músicos de primeira. Desde

as mesas da plateia, ficámos simplesmente maravilhados.

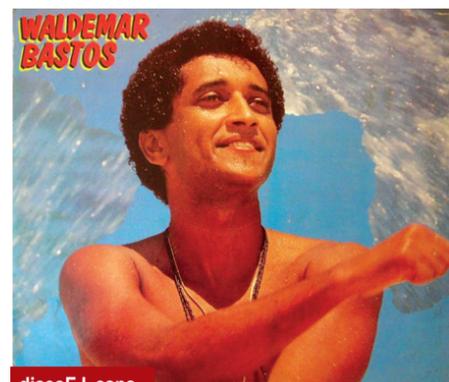
O concerto teve lugar na sexta-feira 9 de Agosto, na localmente conhecida sala Enigma, um formato de sala de bailes e de cerimónias sociais, na cidade do Lubango. Sala que tem um toque arquitectónico que se insere bem no que esta cidade quase sempre nos acostuma: o bom gosto. Sala que vem prestando muitos serviços à cidade, ao longo dos últimos anos.

WALDEMAR BASTOS E O LUBANGO

A canção "Lubango" – que acabaria naturalmente por ser cantada várias vezes naquela noite – foi composta há 40 anos, durante uma visita que fizera à província da Huíla. Mas só quando, poucos anos mais tarde, chegou ao Brasil, é que a juntou a sete outras canções que, em momentos diferentes ao longo daqueles anos, se foram armando, e que resultaram no seu primeiro disco. Que integrou ao todo 8 temas musicais: quatro no "Lado A" e quatro no "Lado B", oferecidas com uma capa de praia e juventude.

Reconfortou-nos ver que mantém a mesma tranquilidade e a mesma sabedoria, quando anunciou ao público que o veio ver: "vou cantar-vos algumas músicas do novo disco que estou a preparar para este ano, para ver como vocês, público, reagem..., para ver se gostam. Vou cantar as músicas antigas que não posso deixar de cantar aqui, mas quero experimentar umas novas, de um álbum que já tenho quase pronto e que sairá ainda este ano. Já tenho o título, mas não vos vou revelar ainda...". Acabou por cantar apenas duas novas canções.

A meio do concerto, quando terminou a primeira das vezes em que cantou "Lubango" parecia que o víamos meditar e perguntar-se: "Mas porquê aqui? Porquê o Lubango?". Vimo-lo a sorrir. Coisas inexplicáveis, mistérios da sua existência que começaram com o legado de tocar guitarra de uma certa maneira que lhe deixou Mbanza Congo, à sua nascença. Reacomodou-se no tabouret e reconfortou-se pela sensação de felicidade que lhe davam os dias recentemente – e finalmente – passados a visitar a cidade onde nasceu, quando ainda se chamava



discoEJ_capa



discoEJ_vinil



Waldemar Bastos

São Salvador do Congo, e onde não tinha podido regressar ainda. Fechou mais uma vez os olhos e reviveu os momentos em que se ajoelhou, ao pisar a terra que em seguida beijou. A humidade do ar quase subequatorial que ali o invadira trouxera-lhe uma sensação nunca vivida antes, de pertença e de liberdade. "O mundo tem sido generoso para mim... Como tantos outros, sofri e sofriam os meus, chorei e revoltei-me, mas há uma razão para o sofrimento, que tentei explicar num discurso diplomático que me convidaram a proferir há alguns anos em Berlim, onde regresssei com gosto. Socorri-me do poeta carioca do século XIX, Francisco Octaviano de Almeida Rosa: 'quem passou pela vida e não sofreu/ só passou, mas não viveu'". E as lágrimas que de repente lhe humedeceram o rosto obrigaram-no a parar a música. Mas já tinha avisado o público daquela noite: havia algo de especial que trazia dentro de si e que ele queria contar. Que o público não se deixasse enganar. Não conseguiu evitar que a longa caminhada, que o levava tão longe na sua carreira, lhe trouxesse as lágrimas ao estar ali. Carregavam sem dúvida o sal de todas as dificuldades que temperaram a sua vida, as incompreensões e infortúnios vividos, as tragédias que afectaram a sua família, mas eram lágrimas de felicidade. Nos disse sem dizer. Lágrimas que reflectiam o orgulho de uma vida persistentemente construída, e ao mesmo tempo abençoada. Lágrimas que brilhavam especialmente nessa noite por querer anunciar ao seu público que estava a vir ao mundo, naquele mesmo momento do concerto, o seu primeiro neto, lá longe em Los Angeles. Mas secaram-se-lhe quase de seguida ao sentir, vindo de traz de si, a vibração silenciosa dos acordes que lhe enviavam os seis músicos: todas aquelas doze mãos tinham de repente parado quando ele começara a falar e não tinha havido som por uns instantes, as cordas de todas as guitarras se imobilizaram, as congas repousaram, e as baquetas nem se mexiam. Tentou contar ao público o que sentia naquele momento da sua vida e as palavras saíam desajeitadamente. E depois, com pudor, sem desculpas, a música recomeçou devagarinho e o concerto prosseguira. O público estava com ele. Se o Lubango tem morango...

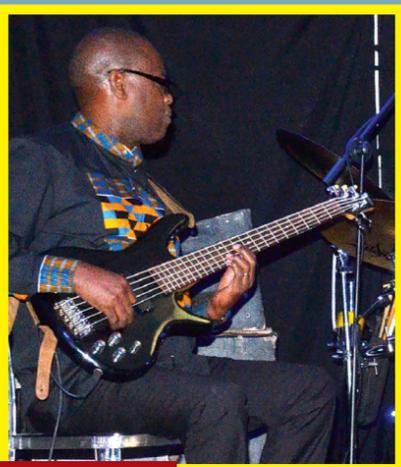
A vez anterior que estivera no Lubango havia sido em 2005, levando a Banda Maravilha consigo. Havia tocado no pavilhão desportivo da cidade e regres-

saram com o sabor estranho de se ter mobilizado um público tão reduzido. Também desta vez foi pouco mais de uma centena e meia de pessoas que assistiram ao concerto. Quem sabe se um dia não haverá de sair de Mbanza Kongo pela estrada e cantar no Ambriz, em Catete, no Dondo, na Gabela e em Porto Amboim. Novamente cantar no Lobito e em Benguela, cantar no Chongorói, em Caluquembe e em Cacula, para terminar na Mapunda do Lubango, um concerto na Tundavala, oferecendo-nos uma versão de Lalipô em nyaneka!? Tournées que se espera ser possível fazer no país um dia, com os companheiros de música que queiram e possam, e que lhe proporcionem o contacto directo com a população, para permitir à música realmente desempenhar o papel que ele gostaria que desempenhasse.

Podemos nos orgulhar, como país, por termos músicos com um talento tão grande e que aperfeiçoaram a sua arte como uma necessidade vital, como um dever de existência, como uma postura ética na vida. Muitos têm de fazer da arte musical, dos discos, dos concertos, uma forma de trabalho, para viver, para subsistir. Mas trabalhar a produzir arte e música de qualidade devia ser algo diferente. O nosso mundo artístico deveria permitir mais do que o modelo comercial e de protagonismo onde subir à ribalta é mais importante que seguir um caminho, um projecto artístico. A ideia de homenagear a guitarra africana é um caminho que Waldemar Bastos escolheu para um dos seus projectos, talvez o principal. Juntar o talento de guitarristas nossos e de além, de diferentes origens e de diferentes estilos, e embrenhar a música de uma africanidade que, segundo ele, nasceu em Mbanza Congo. Há variadas maneiras de valorizar a nossa música e dela extrair a mensagem que pode levar. Às almas carentes de espiritualidade e embrenhadas de uma ocidentalidade resistentemente dominante. O que faz falta é que o trabalho, a dedicação, a profundidade e a sinceridade prevaleçam. Quantos projectos destes fazem falta! Que exponham e potenciem o talento e o amadurecimento que só se consegue com carreiras temperadas pelo tempo. E que têm muito para ensinar. Para nos dar.

Os músicos que Waldemar Bastos trouxe ao Lubango e que permitiram este concerto têm em si mesmos a capacidade individual e colectiva de representar o que de mais importante há no nosso sentimento de angolanidade. Alguns

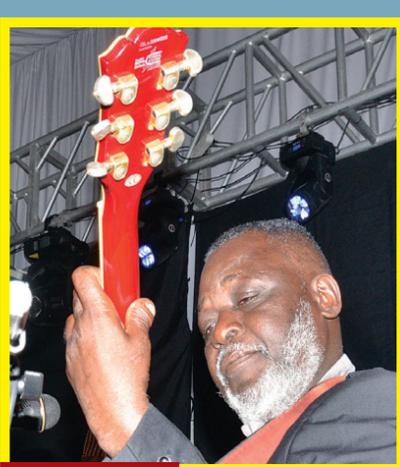
FOTOS CEDIDAS



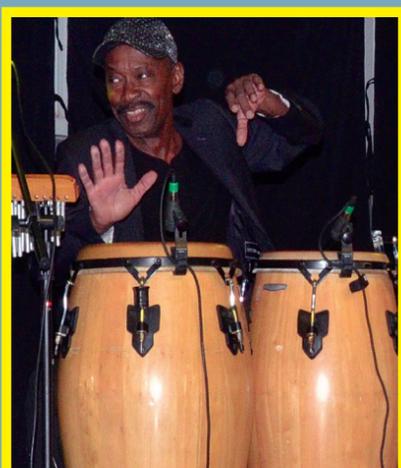
Mias



Boto



Teddy



Joaozinho



Dinho



Mick T

outros excelentes baixistas, guitarristas e percussionistas angolanos poderiam ter estado no lugar dos que vieram. Há que apoiá-los todos, que respeitá-los. Todos os que merecem esse respeito. Há que respeitar, valorizar e saber receber o que nos dão, todos os músicos de qualidade da nossa praça. Que tocam todos os demais instrumentos. E os que cantam e compõem. E que seguem um caminho original. O resto, ainda que necessário, é entretenimento. Já bem nos avisou o respeitado Kota Amadeu Amorim, há que cuidar da identidade, a nossa música tem corrido o risco de deixar, aos poucos, de ter de ver com os lugares, com a cultura e com o ambiente social onde as almas das pessoas habitam. E que agora, com tantas décadas passadas desde as contribuições como a do Ngola Ritmos, num tempo em que tudo é tão rápido e "tecnologicamente" tão fácil, é preciso registrar e escrever, estudar e aprofundar o que se conseguiu de verdadeiramente importante, ao longo de tantos anos de talento. E porque não academizar? A nossa música urbana é parte importante do nosso património cultural. Investigá-la cientificamente e difundi-la é valorizar-nos a nós próprios. É preciso trabalhar a sério... – e sabemos escutar a sábia voz que vem

das congas do Tio Amadeu.

AS MÚSICAS E OS MÚSICOS DO CONCERTO DO LUBANGO

No concerto do Lubango foram oferecidas uma vintena de músicas. A combinar com as populares Colonial, Muxima, Mbirim mbirim e Tata ku matadi, Waldemar Bastos propôs as suas incontornáveis Angola minha namorada, Tereza Ana, Mungueno, Carinho, Olhar deste teu olhar, Aurora, Margarida, Marimbondo, Ndanpandula, Pitanga madura e a sua versão de Humbiumbu yangue. Destas todas, seis pertencentes ao primeiro disco ESTAMOS JUNTOS (de onde só não cantou Carnaval e Velha Chica). E acrescentou ao concerto as novas Mbanza Kongo e Tira poeira.

TOCARAM COM WALDEMAR BASTOS (DA ESQUERDA PARA A DIREITA NO PALCO):

Teddy Simão Nsingui, guitarra solo e ritmo, nasceu em 1954 em Maquela do Zombo, filho de pais angolanos que se exilaram no Congo. Foi onde começou a dedicar-se à música, sendo a sua primeira paixão o canto coral. Cedo elegeu a guitarra e aprendeu a "harmonia congoleza" de grandes mestres locais. Ainda no Congo, as suas primeiras bandas fo-

ram Les Bêbés, Sakayonça e Sosolisso. Regressada a família ao país em 1976, integrou a banda Interpalanca, de Matedidi Mario, e depois a Instrumental Primeiro de Maio onde ficou até aos inícios dos anos 1990. Actualmente é um membro efectivo da Banda Movimento.

José Martins "Botto" Trindade, compositor e guitarrista solo e ritmo, nasceu em 1951 em Benguela. Vem de uma família de músicos onde se destacaram José Cordeiro (Gambás do Ritmo) e o talentoso irmão e mestre Kinito Trindade (Semba Tropical e Madizeza), que a música angolana perdeu em 2010. Foi em Benguela onde começou a sua carreira artística, destacando-se como guitarrista no conjunto Os Bongos, do Lobito. Desde 1976 em Luanda, grava com Os Kiezos as suas célebres peças "Benguela libertada" e "Memórias de Guy". Integrou as bandas Aliança Fapla-Povo, Instrumental Primeiro de Maio (onde se cruza, pela primeira vez com Teddy Nsingui), Semba Tropical, Banda Welwitchia (com o seu irmão Kinito e Joaozinho Morgado) e Banda Maravilha. É actualmente "free-lancer".

Miguel "Mick" Trovoada, percussionista, compositor, produtor musical activista socio-cultural, nasceu em Luanda em 1963 mas cresceu, desde a tenra infân-

cia, em Benguela. Inicia a sua carreira artística em Portugal, para onde foi viver em 1983, começando pelo teatro e dança, com o grupo Kalandula. Integrou vários projectos musicais de entre os quais se destacam os Maricongas, Ngoma Makamba, Kadance e Ébano. Tocou pela primeira vez com Waldemar Bastos em 1991 e desde então têm trabalhado frequentemente juntos. Evolui actualmente como "free-lancer", integrando - com a sua panóplia de instrumentos de precursão (alguns concebidos e fabricados por ele próprio) - bandas de vários músicos de Angola, Cabo-Verde, Moçambique e Portugal.

João Lourenço Morgado, percussionista, nasceu em Luanda em 1947, num lar marcado pela prolífera musicalidade da sua mãe Tantonica (Antónia João Martins) e de seu pai, o conhecido sanfoneiro Mestre Geraldo dos carnavais luandenses. Traz as mãos temperadas desde a sua infância e haveria de começar a tocar profissionalmente na banda Os Negoleiros do Ritmo que ofereceram à música urbana o célebre "Minha cidade é linda". Continuou a sua carreira tocando com Os Merengues, Semba Tropical, e foi fundador de Madizeza e da Banda Maravilha (com Kinito e Botto Trindade). Ao longo da longa carreira, as suas congas têm acompanhado a música dos mais destacados compositores e bandas angolanas e de todo o chamado espaço lusófono da música.

Helder "Dinho" Silva, baterista, nasceu em Luanda em 1963, começou a sua precoce carreira tocando no conjunto da Associação dos Estudantes do Ensino Secundário (AESL), no Maculusso nos finais dos anos 1970. A sua bateria vibrou depois em numerosos grupos ao longo das décadas seguintes: Aliança Fapla-Povo, Afro Sound Stars, Grito di Povo e Instrumental Primeiro de Maio. Integrou também as bandas SOS e Merengues. Em Portugal tocou com os Irmãos Verdades, com Eduardo Paím e Paulo Flores, e destacou-se ainda na Kussondola, Tropical Band e sobretudo na Tabanka Jazz. Free-lancer, toca actualmente com as bandas de Yuri da Cunha e Waldemar Bastos.

Jeremias "Mias" Galheta, guitarrista-baixo, nasceu em Porto Amboim em 1969. Começou a sua carreira musical incorporando o conjunto Os Ekos, e depois na banda Zimbo. Tocou em várias bandas como o Grupo da Banca e a Banda Maravilha e actualmente integra a Banda Movimento, com Teddy Nsingui. Tocou pela primeira vez com Waldemar Bastos no "Show do Mês" que teve lugar em Dezembro de 2018, em Luanda.



Público

O que tem a minha boca de mais velho australopithecus?

O primeiro crânio do Australopithecus anamensis foi descoberto. Com 3,8 milhões de anos, parece um grande macaco, mas é um dos nossos ancestrais.



FREDERIC LEWINO

Descoberto em 2016, mas apenas agora semana objecto de uma publicação na revista Nature, esse crânio chamado MRD pertence à espécie *Australopithecus anamensis*, a mais antiga da família numerosa de *Australopithecus* e, portanto, nossa. Como tal, o MRD deve receber a nossa total consideração. E, no entanto, que boca!

O topo do crânio tem uma crista sagital bem desenvolvida. Seu rosto é robusto, longo e prognóstico. Seus caninos altamente desenvolvidos assustariam um rottweiler; as mastóides estão inchadas. E, especialmente, a cebola, que coincide com o opistocranião, está próxima do nível do plano horizontal de Frankfurt (isso é para os especialistas!). Claramente, ele tem o nariz de um boxeador esmagado. E com isso, um cérebro em miniatura de 370 cm³, um terço do nosso. Uma boca de macaco, mas, bom, respeito, este é um dos nossos ancestrais!

De fato, pela primeira vez, pudemos colocar um rosto na espécie *A. anamensis* que tínhamos até agora apenas alguns fragmentos de maxilar, mandíbula, tibia, raio, dentes... Um rosto que foi reconstituído graças ao conhecimento de um especialista em gênero. Este confirma que seu dono pertencia a uma espécie mais primitiva que a de *Afarensis*. Sim, você sabe, a famosa Lucy, com 3,18 milhões de anos, co-descoberta por Yves Coppens. Contatada, enfatiza o grande interesse dessa descoberta, que confirma definitivamente a existência de *Anamensis*.

UM CRÂNIO REMANESCENTE DE TOUMAÏ

Jean-Jacques Hublin, diretor do departamento de Evolução do Homem no Instituto Max-Planck e professor do Collège de France, acrescenta que é um jovem paleoantropólogo de sua equipe, Stéphanie Melillo, que é co-signatário do artigo. na natureza. "Pela primeira vez, essa descoberta de Johannès e Stéphanie permite ver as características da *anamensis*. Podemos ver a evolução de um para o outro. MRD é um macaco um pouco maior que Lucy."

Entende-se, portanto, que *A. anamensis* evoluirá para *A. afarensis*.



Mas há um grande problema de namoro, já que a MRD tem 3,8 milhões de anos, enquanto um fragmento ósseo frontal de *A. afarensis* tem 3,9 milhões de anos atrás. Alguém pode ser mais velho que o pai? Sim, responde a Coppens e Hublin. "Isso não me incomoda, responde a primeira, a evolução não é linear, assume a forma de uma inflorescência. *A. afarensis* poderia muito bem ter se desenvolvido localmente a partir de um grupo de *A. anamensis*, enquanto o resto da população continuou sua existência sem alterações."

Por outro lado, há uma observação que parece mais interessante aos olhos do nosso paleontólogo nacional: é o grande comprimento de seu crânio que "lembra o de Toumaï". No entanto, o crânio de Toumaï, datado de 7 milhões de anos e descoberto em 2001 no Chade, deve pertencer às espécies mais antigas da linha humana. Este é um argumento adicional a favor da linhagem: Toumaï, *Australopithecus*, *homo habilis*, até ao homem.

Pouco a pouco, os paleoantropólogos reconstroem a extraordinária abundância de espécies que resulta-

ram em seres humanos modernos. Todo osso, todo crânio descoberto por escavação aleatória é uma peça de um quebra-cabeça que certamente possui centenas deles. E há muito a descobrir. "Os que temos nos dão uma vaga idéia da evolução de nossa espécie. Além de 3,5 milhões de anos, os fósseis ainda são raros e podem fornecer apenas uma imagem tendenciosa da realidade", conclui Jean-Jacques Hublin, que, devemos lembrar, descoberto em Marrocos os fósseis mais antigos da espécie *Homo sapiens*, datados de 300.000 anos atrás.



A era do ser humano vivemos no capitaloceno?

O conceito de "Antropoceno" enfatiza o papel do ser humano na transformação do mundo biofísico e na origem dos problemas ambientais globais. No entanto, no caso latino-americano, o conceito parece limitado, por ignorar o papel central das relações de poder e das desigualdades sociais. Seria o conceito alternativo de "Capitaloceno" realmente superior?

ASTRID ULLOA

Os discursos actuais sobre o que se chama de Antropoceno sublinham o papel que os seres humanos desempenham na transformação histórica do mundo biofísico e na crise ambiental global, gerando assim uma nova era geológica. Há vários debates sobre o início dessa era: ela teria se iniciado com a presença humana no planeta, com a conquista das

Américas a partir do século 15, com a industrialização no século 19, ou somente em meados do século 20?

A própria noção de Antropoceno vem provocando discussões em torno dos problemas ambientais em escala global. Em consequência disso, ocorreu uma mudança nas ciências humanas e sociais, bem como uma reformulação de seus fundamentos conceituais, metodológicos e políticos: a natureza tornou-se parte das análises históricas e sociais. Essa mudança permite uma incidência directa do conhecimento académico nos contextos de tomada de decisões globais, nacionais ou locais relacionadas com problemas ambientais actuais, bem como aos consequentes conflitos socioambientais relativos às mudanças climáticas, à redução da biodiversidade e aos extractivismos relacionados com o consumo capitalista.

Na América Latina, o debate sobre o Antropoceno não se desenvolve da mesma forma que na Europa ou nos Estados Unidos. Isso pode ser em parte explicado pelo facto de que a noção de Antropoceno está centrada em problemas globais que requerem respostas globais às custas de histórias locais de desapropriação territorial e ambiental. De facto, a noção de Antropoceno poderia ignorar as relações de poder e o carácter específico das desigualdades sociais e das transformações ambientais no contexto latino-americano. Além disso, a narrativa do

Antropoceno ignora com frequência outras perspectivas culturais e sistemas de conhecimentos. Esses sistemas e perspectivas apoiam-se em relações diversas entre humanos e não-humanos, em contextos históricos particulares. Na América Latina, é necessário considerar a análise dos processos de extracção a partir do período colonial até o século 21 – processos esses que aumentaram as desigualdades socioambientais, respondendo a uma dinâmica económica particular, ou seja, à lógica do capitalismo que vem gerando transformações globais-locais.

CAPITALOCENO OU ANTROPOCENO?

Diante disso, é preciso abrir um debate sobre as implicações dos conceitos de "Capitaloceno" e "Antropoceno". O Capitaloceno surge como uma crítica da noção de Antropoceno, ao considerar que a acção humana é sempre perpassada por relações políticas e económicas de poder e desigualdades no contexto do capitalismo global. O Capitaloceno ressalta, portanto, como as valorizações económicas capitalistas de apropriação da natureza e de territórios, e não apenas as acções humanas directas, são a causa das transformações ambientais.

Não obstante, existem também diferentes aproximações ao conceito do Antropoceno que têm origem na América Latina. Algumas perspectivas consideram que o Antropoceno permite fazer um diagnóstico crítico dos efeitos do desenvolvimento e do capitalismo. Outros o vêem como uma

oportunidade política de repensar as relações sociais a fim de construir novas relações com o ambiente. Especialmente o manifesto Antropoceno em Chile. Hacia un nuevo pacto de convivencia, assinado em 2018 por académicos e activistas chilenos e de outros lugares do mundo, oferece propostas críticas para repensar os contextos sociais, políticos e ambientais tendo em vista uma nova constituição para o planeta. Esta implica um "pacto de convivência" baseado em diversos princípios. Trata-se de uma proposta de vida comum, reconhecendo a existência de todas as espécies e sua diversidade, bem como de seus modos de viver, pensar e actuar em contextos situados e localizados. Também é um chamado para criar novas possibilidades de ser e de futuros mediante a reorganização da vida colectiva, dos bens comuns e das políticas públicas baseadas na justiça socioambiental, transdisciplinar, na educação, na arte e na espiritualidade. Esse manifesto quer superar os conflitos socioambientais actuais criando um mundo diferente.

Os debates tanto em torno do Antropoceno como do Capitaloceno são uma oportunidade política para repensar a relação do ser humano com a natureza. Eles também permitem abrir diferentes discussões e convocar pessoas de distintas trajetórias, culturas e perspectivas a participar da construção de novas noções e práticas no que diz respeito à natureza, ao Estado, aos direitos de seres humanos e não-humanos. Além disso, eles permitem propor reconfigurações territoriais, ambientais e culturais que acarretem propostas alternativas aos extractivismos e sua relação com os territórios globais-locais, reformulem as relações natureza/cultura e gerem uma mudança profunda nas actuais relações do ser humano com a natureza.

||

Na América Latina, o debate sobre o Antropoceno não se desenvolve da mesma forma que na Europa ou nos Estados Unidos.

||

Ora, discursos como os mencionados acima exigem buscar opções tanto individuais como colectivas para repensar o capitalismo e inclusive retomar os princípios filosóficos de relacionamento com o entorno, por exemplo, dos povos indígenas e das sociedades que estabelecem outro tipo de relação não baseada em processos de apropriação económica da natureza.

A partir de uma perspectiva latino-americana, no que concerne aos modelos do Antropoceno e do Capitaloceno, é preciso examinar as implicações em âmbitos territoriais, ambientais, culturais e de género, e na forma como se produzem conhecimentos que incidam nas políticas globais. Isso implica repensar e, de facto, descolonizar a categoria de "natureza" e a forma através da qual se produzem conhecimentos, bem como as relações de poder que perpassam a interacção entre seres humanos e não-humanos a fim de repensar a questão ambiental a partir de uma perspectiva plural e diversa.

Astrid Ulloa é doutora em Antropologia pela Universidade da Califórnia em Irvine e professora do Departamento de Geografia da Universidade Nacional da Colômbia.

Copyright: Copyright: Goethe-Institut Kolumbien, Abril de 2019



Bondade: altruísmo e imaginação literária

Em 2012, Toni Morrison falou na Harvard Divinity School sobre o tema do altruísmo. Na palestra intitulada "Bondade: altruísmo e imaginação literária", Toni Morrison explorou como os autores iluminam os conceitos do bem e do mal e examinou o tratamento da bondade nos seus próprios romances. Publicada pela primeira vez no influente jornal *The New York Times*, a 7 de Agosto de 2019, apresentamo-la ao público angolano nestas páginas.

TONI MORRISON

Numa manhã de Outubro de 2006, um jovem apoiou o caminhão na garagem de uma escola de um cómodo. Ele entrou na escola e depois de ordenar que os estudantes, o professor e alguns outros adultos saíssem, ele alinhou 10 meninas, com idades entre 9 e 13 anos, e atirou nelas. O horror irracional daquele ataque atraiu a imprensa intensa e sustentada, bem como, mais tarde, livros e filmes. Embora houvesse outros dois tiroteios nas escolas apenas alguns dias antes, o que tornou esse massacre especialmente notável foi o fato de que sua paisagem era uma comunidade Amish - notoriamente pacífica e, portanto, o local mais improvável para tal violência.

Antes de a narrativa rastrear o massacre ter sido esgotada na imprensa, outro trilha apareceu, um que era considerado bizarro e de algum modo tão chocante quanto os assassinatos. A comunidade Amish perdoou o assassino, recusou-se a buscar justiça, exigir vingança ou até mesmo julgá-lo. Eles visitaram e confortaram a viúva e os filhos do assassino (que não eram Amish), assim como abraçaram os parentes dos mortos. Surgiram várias explicações para seu comportamento - sua aversão histórica a matar qualquer pessoa por qualquer motivo e suas convicções separatistas. Mais precisamente, a comunidade Amish não tinha nada ou muito pouco a dizer sobre a investigação externa, exceto que era o lugar de Deus para julgar, não o deles. E, como se advertiu, "Não pense mal deste homem". Eles não realizaram conferências de imprensa e não se submetaram a entrevistas na televisão.

Seu silêncio após o massacre, juntamente com sua profunda preocupação pela família do assassino, pareceu-me na época característica da genuína "bondade". E fiquei fascinado com o termo e sua definição.

Pensadores, dos quais nenhum era tão desinformado como eu, há muito tempo analisam o que é bom, o que é bom e quais são ou podem ser suas origens. A miríade de teorias que li me dominou e, para reduzir minha confusão, achei que deveria pesquisar o termo "altruísmo". Rapidamente me vi numa jornada frustrante em direção a uma infinidade de definições e contra-

definições. Comecei pensando no altruísmo como uma versão mais ou menos fiel de sua raiz latina: alter / other; compaixão altruísta pelo "outro". Esse caminho não era apenas estreito; Isso levou a um pântano de interpretações, análises contrárias e dúvidas. Alguns desses argumentos propunham explicações completamente diferentes: (1) O altruísmo não é um ato instintivo de abnegação, mas um ensinamento e aprendizado. (2) O altruísmo pode realmente ser narcisismo, aprimoramento do ego, até um distúrbio mental se manifesta em um desejo desesperado de pensar bem em si mesmo para apagar ou diminuir a auto-aversão. (3) Algumas das teorias mais instigantes vieram da bolsa de estudos que investiga o DNA, se você quiser, buscando evidências de um gene embutido disparando automaticamente para permitir o sacrifício de si mesmo em benefício dos outros; uma espécie de irmão ou irmã da "sobrevivência do mais apto" de Darwin. Exemplos de confirmação ou contradição da teoria darwiniana vieram principalmente dos reinos animal e inseto: esquilos deliberadamente atraindo predadores para si mesmos para avisar os outros esquilos; aves também e especialmente formigas, abelhas, morcegos todos a serviço da colônia, do coletivo, do enxame. Esse comportamento é muito comum entre os seres humanos. Mas a questão colocada é se esse sacrifício por parentes e / ou comunidade é inato, construído, por assim dizer, em nossos genes, assim como a conquista individual dos outros é considerada um impulso natural e instintivo que serve à evolução. Existe um gene "bom" junto com um gene "egoísta"? A questão adicional para mim era a competição entre o gene e a mente.

Confesso que não fui capaz e não estava preparada para entender muito do conhecimento sobre o altruísmo, mas aprendi algo sobre seu peso, sua urgência e sua relevância e irrelevância no pensamento contemporâneo.

Mantendo esses Amish em mente, fiquei imaginando por que a narrativa daquele evento, na mídia impressa e visual, rapidamente ignorou o assassino e as crianças abatidas e começou a se concentrar quase exclusivamente no choque do perdão. Como observei anteriormente, os disparos em massa nas

escolas eram talvez muito comuns; Houve dois tiroteios em outros lugares durante a mesma época, mas a relutância da comunidade Amish de clamar por justiça / vingança / retribuição, ou mesmo de julgar o assassino, foi a história convincente. O choque foi que os pais das crianças mortas se esforçaram para consolar a viúva do assassino, sua família e seus filhos, para angariar fundos para eles, não para si próprios. Da resposta da comunidade vitimizada a esse exemplo quase clássico do mal, além de sua recusa em culpar, o elemento mais extraordinário foi o silêncio.

É claro que pensar em bondade implica, na verdade requer, uma visão de seu oposto. Eu nunca estive interessado ou impressionado com o mal em si, mas tenho me confundido com o quão atraente ele é para os outros. Estou

Repartindo saber e alegria

atoradoado com a atenção dada a cada sussurro e grito. O que não é negar sua existência e devastação, nem sugerir que o mal não exige confronto, mas simplesmente se perguntar por que ele é tão adorado, especialmente na literatura. É sua teatralidade, seu traje, seu spray sanguíneo, a satisfação emocional que vem com sua investigação mais do que com seu colapso? (A história final do detetive, o paradigma

É claro que pensar em bondade implica, na verdade requer, uma visão de seu oposto. Eu nunca estive interessado ou impressionado com o mal em si, mas tenho me confundido com o quão atraente ele é para os outros.

Repartindo saber e alegria



do mistério do assassinato.) Talvez seja assim que danças, a música que inspira, suas roupas, sua nudez, seu disfarce sexual, seu uivo apaixonado e seu perigo. A fórmula na qual o mal reina é ruim contra o bom, mas o baralho está empilhado porque a bondade na literatura contemporânea parece ser equiparada à fraqueza,

O mal tem uma audiência de grande sucesso; A bondade espreita nos bastidores. O mal tem fala vívida; Bondade morde a língua. É *Billy Budd*, que só pode gaguejar. É o Michael K de Coetzee, com um látex que tanto limita seu discurso que a comunicação com ele é virtualmente impossível. É *Bartleby*, de Melville, confinando a linguagem à repetição. É o Benjy de Faulkner, um idiota.

Ao invés de vasculhar a linguagem requintada e persuasiva das religiões - todas as quais imploram aos crentes que classifiquem a bondade como a mais alta e santa das realizações humanas, e muitas das quais identificam seus santos e ícones de adoração como exemplos de puro altruísmo - eu decidi me concentrar Sobre o papel que o bem desempenha na literatura usando minha própria linha de trabalho - ficção - como um teste.

Nos romances do século XIX, independentemente de que atos de perversidade ou indiferença cruel contro-

lassem o enredo, o final era quase sempre o triunfo do bem. Dickens, Hardy e Austen deixaram todos os leitores com um senso de restauração da ordem e do triunfo da virtude, até mesmo de Dostoiévski. Note que Svidrigailov em "Crime e Castigo", exausto pelo seu próprio mal e pela linguagem que o sustenta, fica tão entediado com seus atos terminais de caridade, que comete suicídio. Ele não pode viver sem a linguagem do mal, nem dentro do silêncio das boas ações. Há exceções famosas para o que poderia ser chamado de uma fórmula do século XIX investida em identificar claramente quem ou o que é bom. Obviamente, "Dom Quixote" e "Candide", ambos zombam da busca pela bondade pura. Outras exceções a essa fórmula continuam sendo os enigmas da crítica literária: "Billy Budd" e "Moby-Dick", de Melville, que apoiam múltiplas interpretações sobre o posto, o poder, o significado de que bondade é dada nesses textos. A consequência da inocência de Billy Budd é a execução. Ismael é bom? Acabe é um modelo para o bem, lutando contra o mal até a morte? Ou ele é uma força vingativa e ferida, superada pela natureza indiferente, que não é boa nem má? A inocência representada por Pip que conhecemos é logo abandonada, engolida pelo mar sem um murmúrio. Geralmente, no entanto, na literatura do século XIX, quaisquer que sejam as forças de malícia que o protagonista enfrenta, a redenção e o triunfo da virtude foram sua recompensa. A consequência da inocência de Billy Budd é a execução. Ismael é bom? Acabe é um modelo para o bem, lutando contra o mal até a morte? Ou ele é uma força vingativa e ferida, superada pela natureza indiferente, que não é boa nem má? A inocência representada por Pip que conhecemos é logo abandonada,



Por mais brilhante que seja, nunca li uma fascinação mais profundamente perturbadora com a natureza do mal



da, engolida pelo mar sem um murmúrio. Geralmente, no entanto, na literatura do século XIX, quaisquer que sejam as forças de malícia que o protagonista enfrenta, a redenção e o triunfo da virtude foram sua recompensa. A consequência da inocência de Billy Budd é a execução. Ismael é bom? Acabe é um modelo para o bem, lutando contra o mal até a morte? Ou ele é uma força vingativa e ferida, superada pela natureza indiferente, que não é boa nem má? A inocência representada por Pip que conhecemos é logo abandonada, engolida pelo mar sem um murmúrio. Geralmente, no entanto, na literatura do século XIX, quaisquer que sejam as forças de malícia que o protagonista enfrenta, a redenção e o triunfo da virtude foram sua recompensa.

Os romancistas do século XX não se impressionaram. O movimento longe de finais felizes ou a consagração do bem sobre o mal foi rápida e dura após a Primeira Guerra Mundial I. Essa catástrofe era ampla demais, profunda demais para ser ignorada ou distorcida com um gesto simplista de bondade. Muitos dos primeiros romancistas modernos, especialmente os americanos,



Na sua juventude

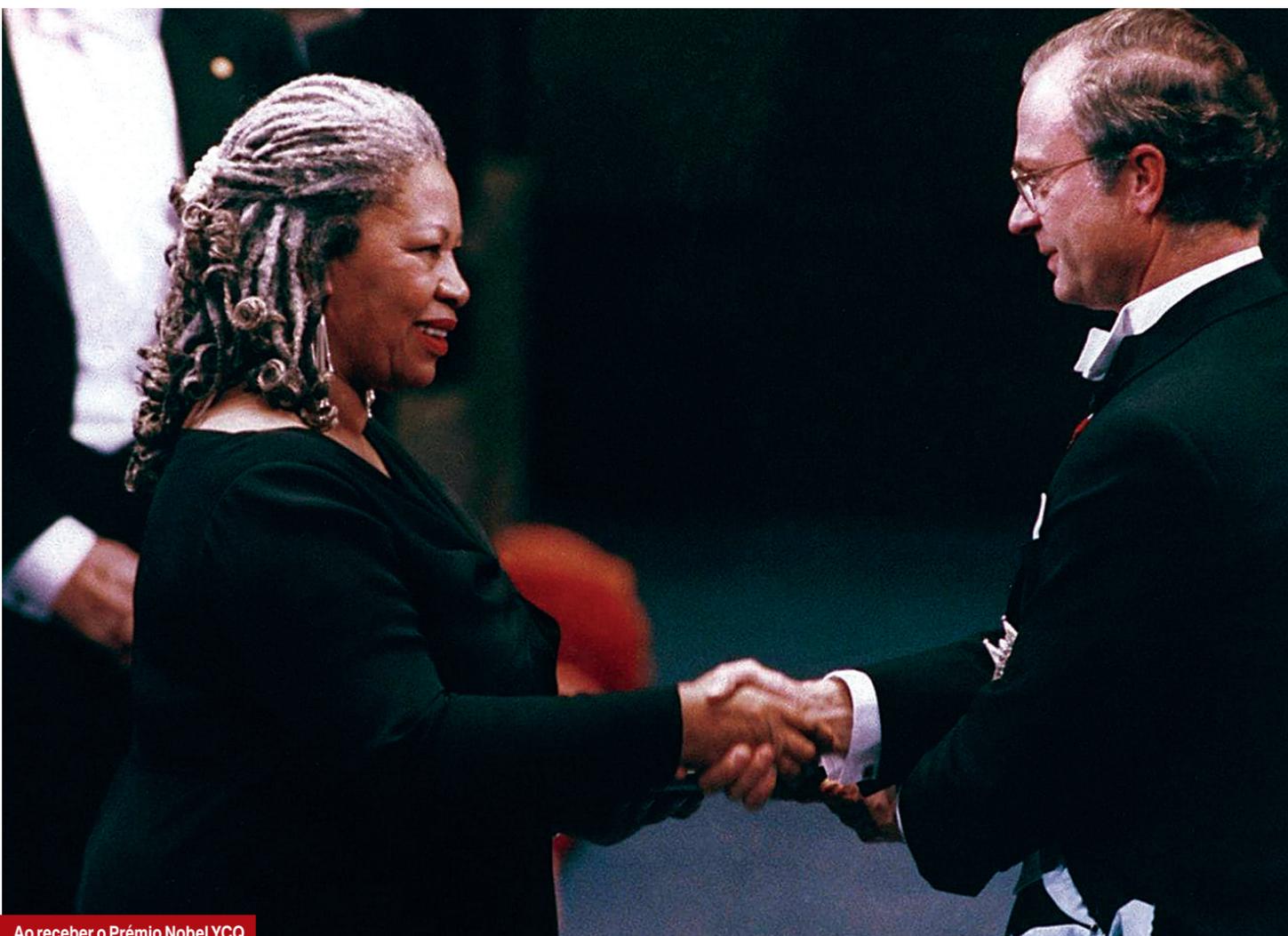
concentraram-se nas consequências irredimíveis da guerra - o dano que causou aos seus guerreiros, à sociedade e à sensibilidade humana. Nesses textos, os atos de pura bondade, se não francamente cômicos, são tratados com ironia na melhor das hipóteses ou carregados de suspeita e improdutividade na pior das hipóteses. Pensa-se na "Fábula" de Faulkner e nos comentários mistos que recebeu, a maioria dos quais desdenhava o armistício deliberado entre soldados em guerra de trincheiras, um contra o outro, motivados por um caráter semelhante a Cristo. O termo "herói" parece estar limitado nos dias de hoje: os socorristas se deparam com construções de fogo, companheiros atirando-se em grana-

das para salvar a vida dos outros, resgatando o afogamento, os feridos.

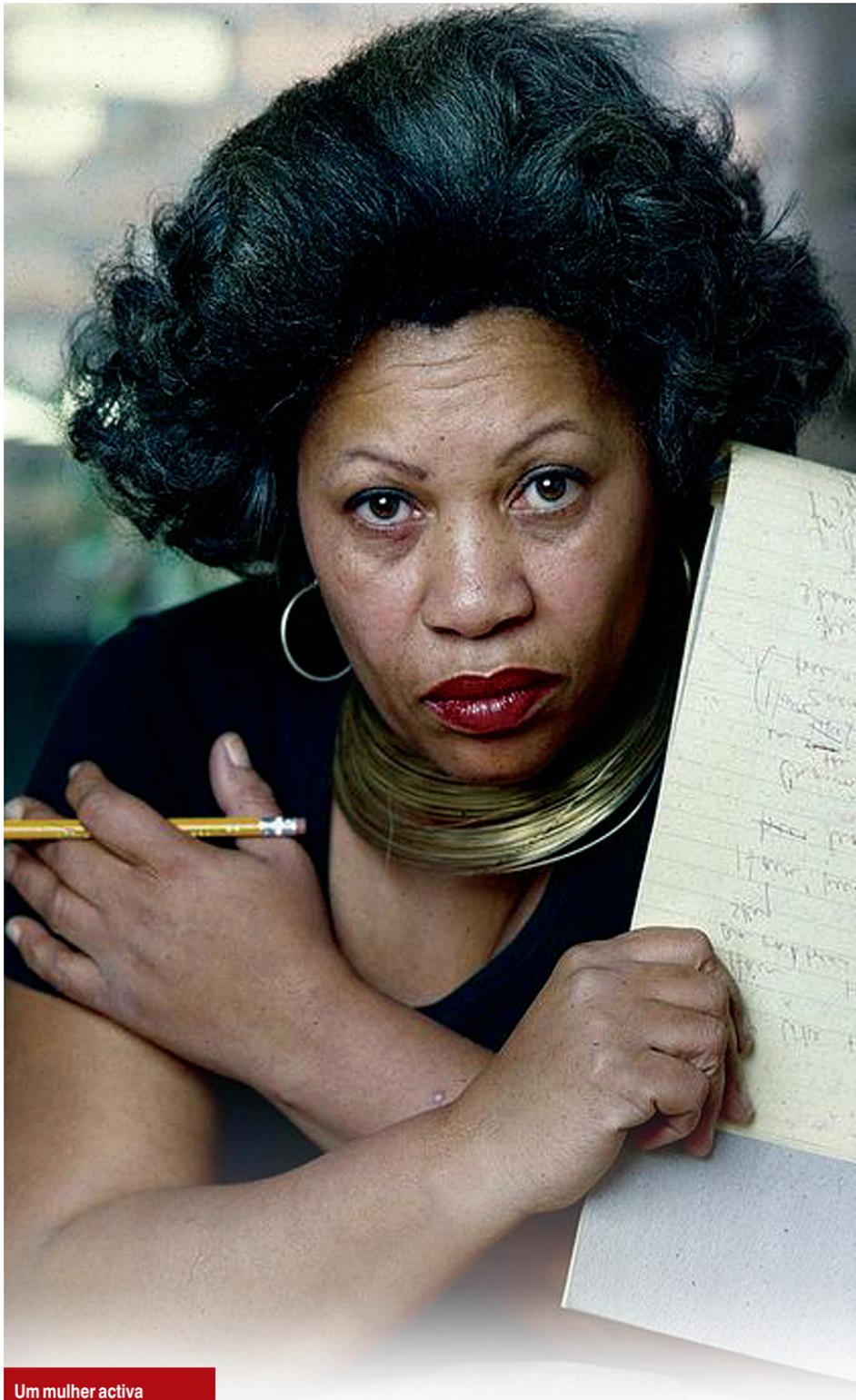
O mal agarra a plataforma intelectual e sua energia; exige exames cuidadosos de suas consequências, suas técnicas, seus motivos, seus sucessos, no entanto, de curta duração ou temporários. O luto, a melancolia, as chances perdidas de felicidade pessoal parecem frequentemente ser o conceito de mal da literatura contemporânea. Isso mata o palco. A bondade senta na platéia e assiste, supondo que até tenha um ingresso para o show. Um exemplo muito convincente dessa obsessão com o mal é "O cemitério de Praga", de Umberto Eco. Por mais brilhante que seja, nunca li uma fascinação mais profundamente perturbadora com a natureza do mal; perturbando precisamente porque é tratado como uma inteligência emocionante desdenhosa da monotonia e da estupidez das boas intenções. A literatura contemporânea não está interessada em bondade em escala grande ou até limitada. Quando aparece, é com uma nota de desculpas na mão e tem dificuldade em falar seu nome. Para cada "To Kill a Mockingbird", existe o "Wise Blood" de Flannery O'Connor ou "A Good Man is Diffícil de Encontrar", que impressiona com um machado literário bem afiado. Muitos dos pesos-pesados do final do século 20 e início do século 21 - Philip Roth, Norman Mailer, Saul Bellow e assim por diante - são mestres em expor a fragilidade, a falta de sentido, a comédia da bondade.

Eu pensei que seria interessante e possivelmente informativo examinar minha tese sobre a vida e a morte do bem na literatura usando meu próprio trabalho. Eu queria medir e esclarecer minha compreensão, empregando as definições de altruísmo que eu tirei da minha tentativa de pesquisa. Para este fim, selecionei três:

1. Bondade ensinada e aprendida (um hábito de ajudar estranhos e / ou



Ao receber o Prémio Nobel YCQ



Um mulher activa

correr riscos por eles).

2. A bondade como uma forma de narcisismo, aprimoramento do ego ou até mesmo um transtorno mental.

3. Bondade como instinto, como resultado da genética (proteger o parente ou o grupo de alguém).

Um exemplo do primeiro: Um hábito instruído de bondade pode ser encontrado em "Uma Misericórdia". Lá, um padre, em algum perigo para si mesmo, ensina as escravas a ler e escrever. Para que isso não seja entendido como gentileza simples, aqui está uma amostra de punições aplicadas a pessoas brancas que arriscam promover a alfabetização entre negros: "Qualquer pessoa branca se reunindo com escravos ou negros livres para instruí-los a ler ou escrever ou se associar a eles, em qualquer assembléia ilegal, deve ser confinado em prisão não superior a seis meses e multado não superior a US \$ 100,00." Esse texto apareceu na lei criminal da Virgínia em 1848.

Exemplos do terceiro: a proteção de parentesco instintiva é o representante mais comum do bem - e reconhecemos várias áreas de falha em articulá-las. A partir da colocação deliberada de uma perna debaixo de um trem para obter dinheiro do seguro para criar sua família em "Sula", para colocar um filho em

chamas para poupar a ele e aos outros a visão de sua autodestruição. Note que esta é a mesma mãe que se joga para fora de uma janela para salvar uma filha do fogo. Esses atos são muito teatrais e não são acompanhados de linguagem convincente. Por outro lado, há a doação de um filho a um estranho, a fim de salvá-la de certos abusos em "A Mercy". O motivo que impulsiona a mãe de Florens, a minha mãe, parece bastante próximo do altruísmo, e o mais importante é a linguagem que eu esperava que fosse uma definição profunda e literal de liberdade: "Ser dominado sobre outro é uma coisa difícil; torcer o domínio sobre o outro é uma coisa errada; dar domínio de si mesmo a outro é uma coisa má".

Outro exemplo do terceiro: Compaixão inquestionável em apoio não apenas dos parentes, mas dos membros do grupo em geral. Em "Lar", por exemplo, as mulheres prestam cuidados de enfermagem não solicitados, mas necessários, a um membro do coletivo que passou a vida inteira desprezando-os; sua "razão" é responsabilidade para com Deus: "Eles não queriam encontrar seu Criador e não têm nada a dizer quando Ele perguntou: 'O que você fez?'" Outro exemplo de compaixão do grupo ina-

to é a cura de Cee, fisicamente bem como mentalmente. Era importante para mim dar aquela voz de compaixão: "Olhe para si mesma", diz a srta. Ethel. "Você esta livre. Nada e ninguém é obrigado a salvar você, mas você ... Você é jovem e mulher e há uma séria limitação em ambos, mas você é uma pessoa também ... Em algum lugar dentro de você é aquela pessoa livre ... Localize-a e deixe-a fazer algo de bom no mundo."

Um exemplo do segundo: a bondade como uma forma de narcisismo, talvez desordem mental, ocorre no primeiro romance que escrevi. Decidido a apagar sua auto-aversão, Soaphead Church, personagem de "O Olho Mais Azul", opta por "dar", ou fingir que dá, olhos azuis a uma menina em necessidade psicótica. Em sua carta a Deus, ele se imagina fazendo o bem que Deus recusa. Incompreendido como é, tem linguagem.

Ao longo do tempo, nestes últimos 40 anos, eu me tornei cada vez mais investido em garantir que atos de bondade (por mais casuais, deliberados ou mal aplicados ou, como a comunidade Amish, abençoada) produzissem linguagem. Mas mesmo quando não articulados, como o padre de ensino em "A Mercy", tais atos devem ter um forte impacto na estrutura do romance e em seu significado. Expressões de bondade nunca são triviais ou incidentais em meus escritos. Na verdade, quero que eles tenham propriedades que mudam a vida e iluminem decisivamente as questões morais embutidas na narrativa. Era importante para mim que nenhuma dessas expressões fosse tratada como comédia ou ironia. E eles raramente são mudos. Permitir

que o próprio bem não aniquile o mal, mas me permite significar minha própria compreensão do bem: a aquisição do autoconhecimento. Um final satisfatório ou bom para mim é quando o protagonista aprende algo vital e moralmente perspicaz que ela ou ele não sabia no começo.

Palavras de Claudia, no final de "The Blueest Eye": "Eu até acho que agora a

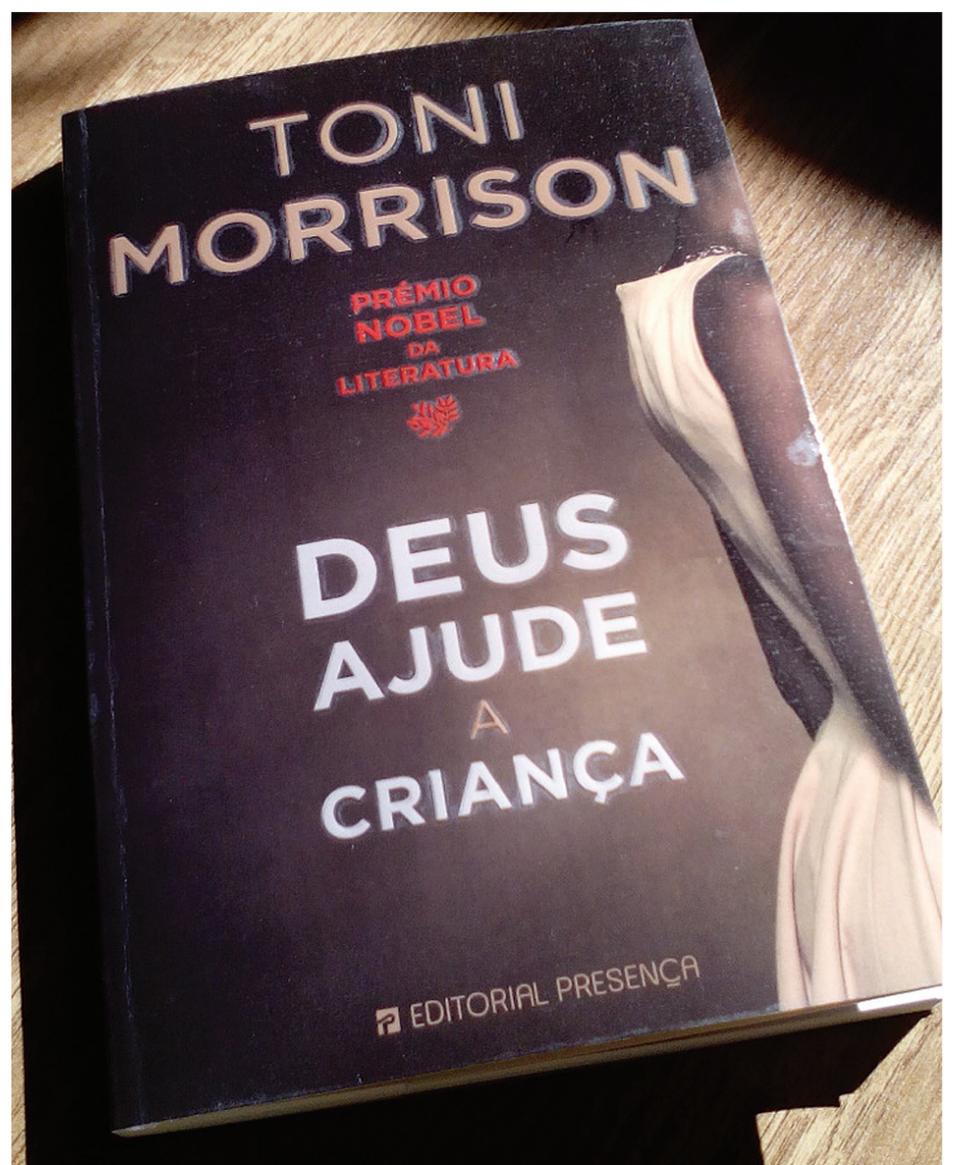


*A bondade como uma
forma de narcisismo,
aprimoramento do ego
ou até mesmo um
transtorno mental*



terra de todo o país era hostil a malmequer naquele ano. Este solo é ruim para certos tipos de flores. Certas sementes não serão cultivadas, certos frutos que não produzirão, e quando a terra mata por sua própria vontade, concordamos e dizemos que a vítima não tinha o direito de viver. Estamos errados, claro, mas isso não importa. É tarde demais. Pelo menos no limite da minha cidade, entre o lixo e os girassóis da minha cidade, é muito, muito, muito tarde.

Essa percepção não tem nada a ver com ganhar, e tudo a ver com a aquisição de conhecimento. Conhecimento exposto na linguagem da clareza moral - da bondade.



Jody Kollapen, entrevistado por Edwin Naidu, jornalista sul-africano



A África do Sul de Mandela: realidade ou sonho distante?

Vinte e cinco anos depois de alcançar a democracia, a África do Sul deu passos gigantes rumo à formação de uma nação unida. No entanto, superar o racismo e concretizar a visão de Nelson Mandela de uma nação que pertença a todos que nela vivem continuam a ser ideais maravilhosos, mas que ainda requerem muito trabalho, segundo o juiz Jody Kollapen. Tanto árbitro quanto vítima de casos de racismo – foi-lhe recusado um corte de cabelo recentemente, em outubro de 2003! –, esse defensor dos direitos humanos afirma que há boa vontade suficiente para construir a visão de Mandela..

Vinte e cinco anos após a liberdade duramente conquistada pela África do Sul, o país progrediu na luta contra o racismo?

Acredito que a resposta para isso deva ser sim, simplesmente porque as divisões raciais que caracterizaram a África do Sul durante o apartheid eram muito fortes, as suspeitas em razão de raça eram profundas, e os casos de violência gratuita contra os negros haviaM quase atingido um nível de aceitação social. Tudo mudou dramaticamente desde então. No entanto, isso não significa que não existam casos sérios de racismo. A diferença é que, quando ocorrem, um grande número de sul-africanos, negros e brancos, se sentem indignados. Além disso, existe um marco legal para lidar com o racismo.

As medidas legislativas propostas na nova lei para criminalizar actos de racismo são necessárias para promover uma África do Sul unida?

Idealmente, nós gostaríamos de combater o racismo por meio de iniciativas voluntárias, apelando ao melhor senso das pessoas. Historicamente, a maioria dos sul-africanos concordaria que, na ausência de sanções criminais, as novas leis poderiam ser importantes, ao autorizar que se aja fortemente contra aqueles que acham que podem se livrar com o pagamento de uma multa, uma vez que nenhum processo actual prevê uma ação criminal. Com base nm marco legal e constitucional no qual estamos dispostos a mandar alguém para a prisão por roubar um pedaço de pão, por que, considerando a hierarquia de seriedade dos actos, não mandamos alguém para a prisão por comportamento racista? Não se pode ser racista e pagar para se livrar. A ideia é usar a lei para lidar com os casos extremos – espera-se que ela seja usada com moderação.

Os analistas se referem ao racismo como um problema não resolvido, herdado do passado, que a nação não conseguiu abordar de forma adequada. Qual é a sua opinião a esse respeito?

Concordo que a Comissão Verdade e Reconciliação (Truth and Reconciliation Commission – TRC) nunca abordou o problema do racismo. Lidou com os crimes do apartheid, mas não o apartheid como um crime. A ampla maioria dos sul-africanos que foram vítimas e autores nunca compareceu perante a TRC para falar sobre o racismo durante o apartheid. Infelizmente, a TRC pode ter se deixado levar pela noção romântica de reconciliação, sem abordar o apartheid, a discriminação – e o facto de que não pode haver reconciliação sem transformação social e económica. Foi uma oportunidade perdida. No entanto, eu não acredito que isso possa ser resolvido por meios legislativos.

O que deve ser feito para garantir que um sentido de unidade prevaleça na África do Sul?

Enquanto a África do Sul continuar sendo a sociedade mais desigual do mundo, e enquanto remontarmos isso como tendo raízes no colonialismo e no apartheid, nós não vamos alcançar esse sentido de unidade. Mesmo que não sejamos capazes de criar a sociedade igualitária que alguns desejam, certamente podemos alcançar uma sociedade mais igualitária. Porém, para que isso ocorra, precisamos ser maduros nos debates sobre questões como recursos, acção afirmativa, acesso à terra, e não podemos ser defensivos. Se não transformarmos a sociedade de uma maneira significativa, esse sentido de unidade pode nos escapar.

Nas eleições de 8 de Maio de 2019, alguns políticos usaram a raça como ferramenta eleitoral. Qual é a sua opinião sobre a conduta deles?

Infelizmente, a raça continua a definir a nossa ordem social e económica e, assim sendo, também define a ordem política. É fácil usar a noção

de raça para provocar ansiedade. Isso não é exclusivo da África do Sul – já vimos isso na Europa e também nos Estados Unidos. No entanto, considerando a nossa história, é fácil evocar o sentimento de insegurança entre as pessoas. Quando as pessoas têm esses sentimentos, eu não tenho a certeza de que são capazes de fazer as escolhas eleitorais correctas.

Espero que alcancemos um nível de maturidade para lidar com isso. O dano de longo prazo causado pelo uso da raça como uma ferramenta de campanha pode não ser quantificável, mas serve para dividir e contradiz o argumento da nação unida que buscamos.

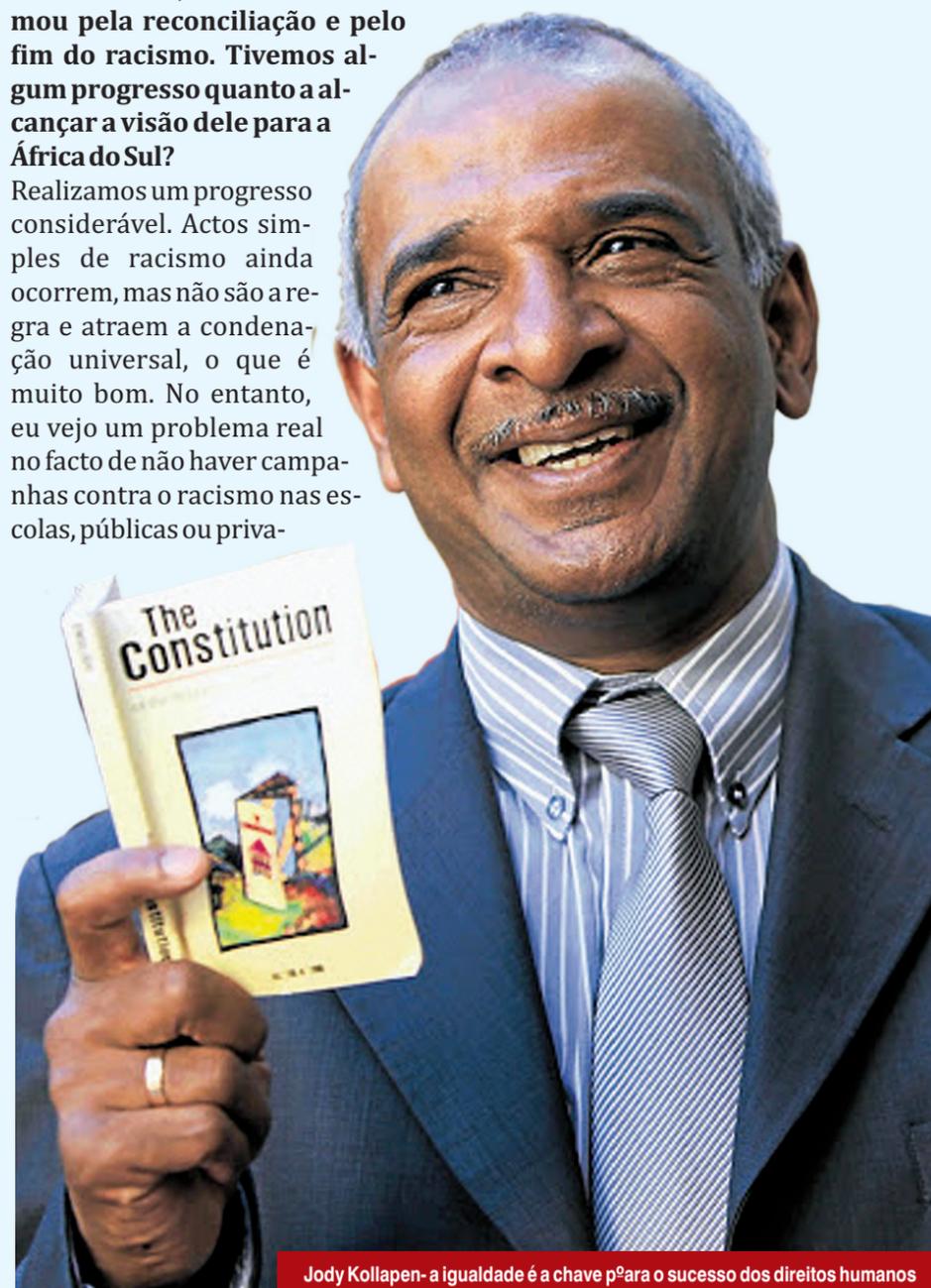
No seu discurso de posse, em 10 de Maio de 1994, Nelson Mandela clamou pela reconciliação e pelo fim do racismo. Tivemos algum progresso quanto a alcançar a visão dele para a África do Sul?

Realizamos um progresso considerável. Actos simples de racismo ainda ocorrem, mas não são a regra e atraem a condenação universal, o que é muito bom. No entanto, eu vejo um problema real no facto de não haver campanhas contra o racismo nas escolas, públicas ou priva-

das. Nós temos programas para lidar com a violência baseada em género, a xenofobia etc., mas não tenho conhecimento de quaisquer campanhas contra o racismo – certamente precisamos delas.

Segundo a Carta da Liberdade, a África do Sul pertence a todos os que nela vivem. Mas esse continua a ser um ideal maravilhoso, e nós permanecemos longe de alcançá-lo. Sim, em alguns aspectos, tivemos progressos. Certamente, somos uma sociedade melhor actualmente, devemos nos consolar com isso, não somos uma sociedade em guerra uns com os outros, e ainda há boa vontade suficiente para construir a visão que Mandela nos deixou.

CORREIO DA UNESCO



Jody Kollapen- a igualdade é a chave para o sucesso dos direitos humanos

ISSN 2617-7986



9 772617 798007

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

24 de Setembro a 7 de Outubro de 2019 | Nº 190 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça

.... Kz 50,00

Pág. 3 **ECO DE ANGOLA**

Bienal De Luanda A Cultura da Paz a partir da identidade africana



LETRAS Pág. 7

E se
**Agostinho
Neto**
vencesse
o Prémio
Camões?



ARTES Pág. 8-10

...e o
beija-flor,
que canta
cantos
de encantar!

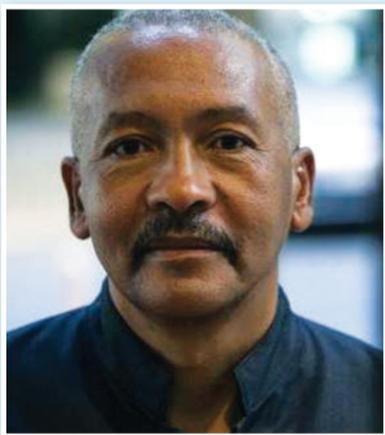


DIÁLOGO INTECULTURAL Pág. 16

A África do Sul
de Mandela: realidade
ou sonho
distante?



JOSÉ LUÍS MENDONÇA



Bienal de Luanda amplia ideal pan-africanista

O homem angolano deste tempo tem três bons motivos para ouvir falar e também falar de paz. O primeiro é a tensão político-militar no Golfo Pérsico, que opõe o Irão e a Arábia Saudita, com desdobramentos potenciais que perigam a paz mundial.

O segundo motivo é a paz firmada entre o Ruanda e o Uganda, sob os auspícios do presidente angolano, João Lourenço, que renova as esperanças de uma calma definitiva na região dos Grandes Lagos e o fim do sofrimento do povo congolês.

O terceiro motivo é a instabilidade social que se vive em Angola, motivada pelo incrível índice de desemprego.

É neste contexto nacional e global que Luanda acolheu, de 18 a 22 de Setembro, a primeira Bienal de Luanda, feita Fórum Pan-Africano para a Cultura da Paz, com mais de 800 participantes, representando 17 países. Este fórum representa mais um passo dado pela comunidade internacional, sob a égide da UNESCO e da União Africana, cujo lema cimeiro é a prevenção da guerra lá onde ela se inicia: nas mentes dos homens.

Durante o Fórum de Ideias, os participantes debateram os modos de prevenção da violência e dos conflitos através da Cultura e da Educação, a prevenção dos conflitos através da gestão transparente dos recursos naturais, a gestão da água, bem como abordaram a questão candente do ano: refugiados, retornados e deslocados africanos.

No último dia, o painel sobre os média seria particularmente interessante, se a moderadora não tivesse monopolizado o tempo com entrevistas seguidas aos oradores, deixando o público sem voz. Se voz tivesse havido para o público, gostaríamos de ouvir os oradores falar e o público refletir sobre os temas que ainda continuam tabu nos média em África e particularmente em Angola: o VIH/Sida, o rapto e o tráfico de menores e a problemática das comunidades invisíveis nos média. E quem fala de VIH, também lhe poderia agregar a primeira causa de morte na África subsariana: as doenças diarreicas. Temas que raramente são focados pela imprensa, ou se o são, quase sempre sob o império da palavra oficial.

Esperamos sinceramente que, na próxima bienal, a organização não nos traga novamente a senhora Geórgia Calvin-Smith, jornalista da France 24, para moderar outro painel sobre “Média livre, independente e pluralista”, pois, a forma como ela conduziu os trabalhos é contrária à cultura de paz que o encontro visou promover.

No final dos trabalhos, os participantes recomendaram o estabelecimento de um Comité de monitorização e seguimento da implementação das recomendações saídas do encontro.

Esta coligação de parceiros vem, agora, ampliar o velho ideal pan-africanista de uma paz continental, pressuposto para a tão almejada unidade de África. E terá, a partir de Setembro deste ano, a tarefa de ajudar a prevenir as crises humanitárias e resolver e aliviar os conflitos que, sem sombra de dúvidas, fazem parte inalienável do ser humano em sociedade. É assim mesmo a Vida em sociedade: de um lado os que promovem, gostam, e sabem pegar em armas, como mecanismo final de resolução dos dissídios. Do outro, uma maioria silenciosa, cansada de servir como carne de canhão, sem voz, a que este Comité pode dar voz.

Como africano da região Austral, tira-me o sono a eternização da guerra na RDC. No dia em que eu vir na televisão o fim desta guerra, farei uma pausa na vida, beberei um trago de hidromel e escreverei um livro novo dedicado à Paz.

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Rui André
Marques Upalavela, Luena Kassonde
Ross Guinapo

Administradores Não Executivos

Filomeno Jorge Manaças
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 189/Ano VII/ 4 a 16 de Setembro de 2019
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editor:

Gaspar Micoló

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: David Mestre, Fernando Neya Huilipeny,

Portugal: Rodrigues Vaz

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha,
Correio da Unesco, Modo de USAR & CO,
Obvious Magazine e Engenharia é.

BIENAL DE LUANDA

A Cultura da Paz
a partir da identidade
africana

Josefa Sacko-Comissaria da União Africana

GASPAR MICOLO

Sob o lema "Construir e preservar a paz: um movimento de vários actores", a Bienal de Luanda - Fórum Pan-Africano para a Cultura de Paz, que teve início no dia 18 e encerra domingo, 22, visa enaltecer os valores da paz e da cidadania e materializar a aliança de povos em torno da cultura da paz. O objectivo é criar plataformas de reflexão sobre o futuro de África, tendo como focos temáticos a juventude, paz e segurança, a criatividade, empreendedorismo e inovação.

É possível promover uma Cultura de Paz à margem dos usos e costumes dos povos africanos? A resposta a questão coube ao médico cirurgião congolês Dinis Mukwege, numa conferência a que presidiu, logo após a cerimónia de abertura, no Centro de Convenções Talatona, que contou com a ministra da Cultura angolana, Maria da Piedade de Jesus, com a directora-geral da UNESCO, Audrey Azoulay, e com o presidente da Comissão da União Africana, Moussa Faki Mahamat.

O prémio Nobel da Paz 2018, Denis Mukwege, foi taxativo ao reafirmar que a cultura da paz "deve estar no centro das preocupações" individuais e colectivas e cabe aos africanos encontrar soluções para o caminho da paz e da prosperidade, com base nas suas culturas e tradições. Para o médico, o alcance dos desideratos da agenda 2063 sobre o desenvolvimento de África assinado em 2013 só será alcançado caso se desenvolva a identidade africana autêntica, o respeito dos direitos humanos e a diversidade cultural, o espírito da solidariedade e de não-violência.

Durante a sua intervenção, o ginecologista que se destacou por tratar milhares de mulheres vítimas de crimes sexuais no seu país, na República De-



Participantes do Fórum



Médico cirurgião congolês Dinis Mukwege

mocrática do Congo, defendeu a preservação da verdadeira identidade africana para uma efectiva promoção da cultura de paz a nível do continente, fazendo referência a vários pontos que considera estarem ainda muito longe de ser alcançados no ponto de vista político, social, direitos humanos e cultural. "O grande problema de África é não ter sabido capitalizar a cultura para desenvolver a sua identidade", disse Mukwege, para quem "a adopção de uma cultura importada" levou a uma incapacidade de dominar as próprias tradições africanas.

Para o médico, "depois dos tempos da escravatura e da colonização dos países ocidentais, hoje em dia as empresas asiáticas estão em vias de tudo monopolizar, no quadro de uma globalização inclusiva que não respeita nem mesmo o ambiente".

Denis Mukwege considerou que a instabilidade permanente é "o maior impedimento à construção de uma paz duradoura" e criticou os africanos que apenas procuram os seus interesses, questionado: "Onde está a nossa soli-

||
"Estamos longe de satisfazer
necessidades básicas
da nossa população e de
satisfazer as suas aspirações
legítimas"
||

dariedade? Onde está a nossa fraternidade? Onde está a nossa dignidade?"

Na sua intervenção no evento que reúne personalidades e grupos de 16 países, bem como dirigentes de importantes organizações como a Unesco e a União Africana, Denis Mukwege lamentou "que a distribuição da riqueza não seja feita de forma equitativa" e que as "mulheres sejam relegadas para segundo plano".

"Estamos longe de satisfazer necessidades básicas da nossa popu-

lação e de satisfazer as suas aspirações legítimas", o que, segundo o Nobel, explica que muitos jovens procurem outras alternativas de sobrevivência, juntando-se a milícias e à 'jihad', como no Sahel, ou busquem o exílio arriscando as vidas no Mediterrâneo.

Denis Mukwege refere que África tem meios humanos e materiais para o desenvolvimento continental em vários sectores, cabendo apenas o compromisso da boa governação democrática, onde a gestão económica dos recursos naturais possam satisfazer a necessidade dos povos.

O médico falou ainda sobre o seu próprio país, cujo ciclo de violência se mantém desde os anos de 1990 e já provocou mais de seis milhões de mortos, quatro milhões de deslocados e milhares de violações de mulheres e raparigas, incluindo bebés, apelando aos chefes de Estado, União Africana, Nações Unidas e sociedade civil para que se mobilizem em torno da justiça para punir os responsáveis pelos crimes.

CONJUGAÇÃO DE ESFORÇOS E DE VONTADES

A ministra da Cultura, Maria da Piedade de Jesus, defendeu a necessidade da conjugação de esforços e de vontades para o desenvolvimento sustentável do continente africano, apelando a governantes, intelectuais, estudantes, investigadores, entre outros, que reforcem a interactividade e as acções para a busca de mais e melhores caminhos para o alcance de uma paz duradora em África.

Maria da Piedade de Jesus, que falava na cerimónia de abertura do evento que acolhe dezasseis países africanos e outros da Europa e América do Sul, lembrou que a bienal tem como principal objectivo a partilha de experiências e de conhecimentos, o reforço da unidade africana e a promoção da diversidade cultural, pelo que é imperioso o comprometimento de todos para a promoção da cultura de paz, visto que a cultura pode e deve ser um meio de promoção da paz.

O presidente da Comissão da União Africana, Moussa Faki Mahamat, pediu aos africanos a envolverem-se colectivamente nos esforços de paz no continente, apontando a bienal como uma oportunidade para se cultivar a paz em África, destacando o papel da mídia na promoção da mesma.

Moussa Faki Mahamat, que falava na cerimónia de abertura do evento, sublinhou a importância de se assegurar a integridade, prosperidade e o alcance da paz definitiva em África, elementos sem os quais não haverá desenvolvimento, razão pela qual deve haver o comprometimento (dos africanos) com um mesmo objectivo, caminhando sempre juntos e unidos.

Já a directora-geral da Organiza-

ção das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), Audrey Azoulay, pediu maior compromisso dos governos para a manutenção da paz, por ser o maior alicerce para a promoção da qualidade de vida da população.

Audrey Azoulay referiu, durante o acto de abertura, ser preciso maior engajamento de todos para a preservação da paz que foi alcançada com muito esforço, devendo-se reafirmar, de forma permanente, o seu compromisso individual e colectivo com a qualidade de vida que esta acarreta para os povos.

A directora referiu que a Bienal funcionará como uma plataforma de reflexão sobre o futuro de África, com abordagens focadas sobre a educação, ciência, cultura ao serviço da cultura de paz, prevenção de conflitos e o papel da mídia na promoção da paz fundamental para os tempos modernos.

Além da directora da Unesco fizeram-se presentes ao país os presidentes da Namíbia e do Mali, Hage Geingob e Ibrahim Boubacar Keïta, o Prémio Nobel da Paz de 2018, Denis Mukwege, e o antigo internacional da Côte d'Ivoire, Didier Drogba.

Lourenço, na abertura do evento.

Na sua intervenção, João Lourenço frisou que uma das grandes tarefas reservadas às lideranças do continente e aos diferentes actores da sociedade civil tem a ver com os objectivos da União Africana, na sua agenda para a promoção de uma cultura de paz e de não-violência denominada



Ministra da Cultura-Maria da Piedade de Jesus

É EPICENTRO DE CULTURAS

Até domingo, Luanda será o epicentro dos debates sobre a resolução de conflitos em África, num evento que conta com 800 delegados de todo o mundo e milhares de participantes nacionais, directamente envolvidos na bienal. Dezasseis países africanos e outros da Europa e América do Sul foram convidados para participar no evento, entre os quais Egito, Marrocos, Etiópia, Quênia, Ruanda, Mali, Nigéria, Cabo Verde, República do Congo, RDC, Namíbia, África do Sul, Brasil e Itália.

Na agenda constam um Festival de Culturas, a decorrer no Museu Nacional de História Militar, e fóruns da mulher, da juventude, de ideias e de parceiros que vão concentrar os participantes no Memorial António Agostinho Neto.

A organização considera o evento como uma oportunidade para intercâmbio e experiência, para se lançar

uma mensagem universal, através da criação artística, apoio ao diálogo intercultural, escuta mútua e paz.

De acordo com a coordenadora nacional da Bienal de Luanda, Alexandra Aparício, com a realização do evento se pretende criar uma cultura de paz e resiliência de conflitos e à necessidade de se viver uma adversidade com diferenças.

A Bienal é uma organização tripartida (Angola, União Africana e UNESCO) que visa, entre outros objectivos, a promoção da harmonia e irmandade entre os povos através de actividades e manifestações culturais e cívicas, com a integração das elites africanas. O desafio "foi assumido pela UNESCO", que formalizou em Dezembro de 2018 um acordo com o executivo angolano para a realização da Bienal em 2019 e 2021. O Governo angolano investiu 512 mil dólares no projecto e está confiante no retorno da iniciativa.

COOPERAÇÃO PARA A PAZ

A Bienal de Luanda-Fórum Pan-Africano para a Cultura de Paz vai proporcionar maior cooperação e parceria entre os vários países presentes no evento, sobretudo em matéria de responsabilidade social, nas diversas áreas carentes do país, considerou o Presidente da República, João

"Silenciar as armas até 2020".

Segundo o Presidente angolano, este objectivo é aparentemente difícil de atingir, mas o legado deixado pelos líderes africanos, "que ergueram bem alto a bandeira do pan-africanismo e se bateram por todos os meios para a libertação da África do colonialismo e de outras formas de dominação",

constitui uma fonte de inspiração para os esforços conjuntos para pôr fim aos conflitos, que "lamentavelmente persistem no continente".

João Lourenço considerou importante o envolvimento dos meios de comunicação social e da redes sociais para que se promova a cultura da paz em todo mundo. "Os meios de comunicação tradicional e digitais têm também um papel de grande importância na difusão e valorização das nossas realizações e a juventude deve aproveitar estes meios para o reforço da cultura da país e da não violência", sublinhou.

Numa mensagem mais directa aos jovens, o Presidente angolano apelou ao uso consciente das redes sociais, porque já ficou demonstrado em vários países o perigo que representam "quando utilizadas para desinformar e alterar a realidade dos factos, com o objectivo de criar convulsões sociais, como meio de pressão para a remoção do poder de Governos legítimos e democraticamente eleitos pela maioria dos cidadãos eleitores".



Doutrina com fabulações

De novo a poesia como doutrina e como arma



RODRIGUES
VAZ

«Está velho. Vermelho
o escaravelho
envelheceu
no seu trípico espelho.
Em boa verdade
o nobre velho
jamais re-conheceu
a riqueza do evangelho.»

O livro de J.A.S. Lopito Feijóo K., cujos títulos integram a palavra Doutrina - o primeiro que publicou, em 1987, chamava-se mesmo Doutrina, a que se seguiram Lex & Cal Doutrina (2012), Andarilho e Doutrinário (2013), ReuniVersos Doutrinários (2015), Pacatos & Doutrinários Recados (2016), Imprescindível Doutrina Contra (2017), Doutrinárias Lâminas Doutrinárias (2018) - é natural que se diga que esta é uma palavra fundamental e mesmo chave no seu projeto literário que também é, obviamente, um projeto de intervenção cívica, ou como ele próprio tem acentuado, de intervenção sociopolítica.

Porque este Doutrina com fabulações é o desenvolvimento natural e lógico desse mesmo projeto, para apresentar aqui e agora este seu novo livro, tive de optar também natural e logicamente por decalcar o que tinha dito do seu poemário anterior, Imprescindível Doutrina Contra (2017), que denunciou o regime anterior com rara acutilância, anunciando corajosamente uma rotura com o poder, através de variações sobre as suas preocupações recorrentes, que eram então o estado da sua nação, cujo levantamento fez estridentemente utilizando com eficácia provérbios angolanos, que compõem parte importante da literatura oral de Angola - e têm natureza pedagógica e filosófica. Um provérbio carrega sempre dois sentidos - literal e conotativo. Traz também uma lição, a síntese subjacente ao significado das palavras e de que se parte para a extracção da ideia, do valor, do pensamento, enfim o ensinamento moral ou filosófico.

Estruturado em 54 poemas que mais não são do que haikus ou haikais, como se diz na variante do português brasileiro, multiplicados umas vezes quatro outras vezes cinco ou seis, Lopito Feijóo serve-se do estilo cortante característico deste género poético para intensificar o martelamento das rimas repetidas até à exaustão para mais eficientemente passar a sua mensagem. Por isso opta por uma grande economia de palavras, que têm de ser, por outro lado, suficientes, rigorosas e objectivas.

Exactamente também por isso, ele avisa:

Aliás, pautando-se sempre por uma objetividade e clareza de realçar, ele próprio há três anos num depoimento que deu para o site Portal de Angola, declarava perentoriamente: «Toda a poesia que é feita com consciência do fazer e do dever fazer é doutrinária. Quando publicamos um texto literário, ele desprende-se do autor, passa a ser de quem o lê e de quem com ele se identifica. Começa a gerar-se um fluído de consciência, uma espécie de doutrina, que orienta o leitor e que o



A marca Lopito Feijóo distingue-se pela característica doutrinária, no sentido de estarmos a fazer doutrina poética.



obriga a ler e reler o texto de forma a que nele possa encontrar novos caminhos e orientação».

E já em 2014, em entrevista concedida ao jornalista Isaquiel Cori, publicada no quinzenário luandense Cultura, ele tinha sido taxativo: «Eu quero fazer uma literatura única e com sequência. A marca Lopito Feijóo distingue-se pela característica doutrinária, no sentido de estarmos a fazer doutrina poética. Queremos que o nosso pensamento poético fique e marque filosoficamente todo um processo literário e a história da literatura angolana. Ao leitor, depois de ler essa poesia, vão-lhe sobrar alguns princípios éticos e estéticos que lhe permitirão encaminhar a sua vida de forma mais esplendorosa, florescente e fluorescente».

Conjunto de princípios que servem de base a um sistema, o vocábulo Doutrina, que deriva do latim doctrina, está sempre relacionado com disciplina, com qualquer coisa que seja objeto de ensino, e pode ser propagada de várias maneiras, saber, ensino, norma, enfim, forma de raciocinar.

Por isso, não foi por acaso, que, recentemente, definiu o livro como uma ferramenta de extrema importância

para o desenvolvimento de qualquer sociedade, pelo facto de contribuir para o crescimento do intelecto do cidadão e representa um elemento indissociável na formação integral.

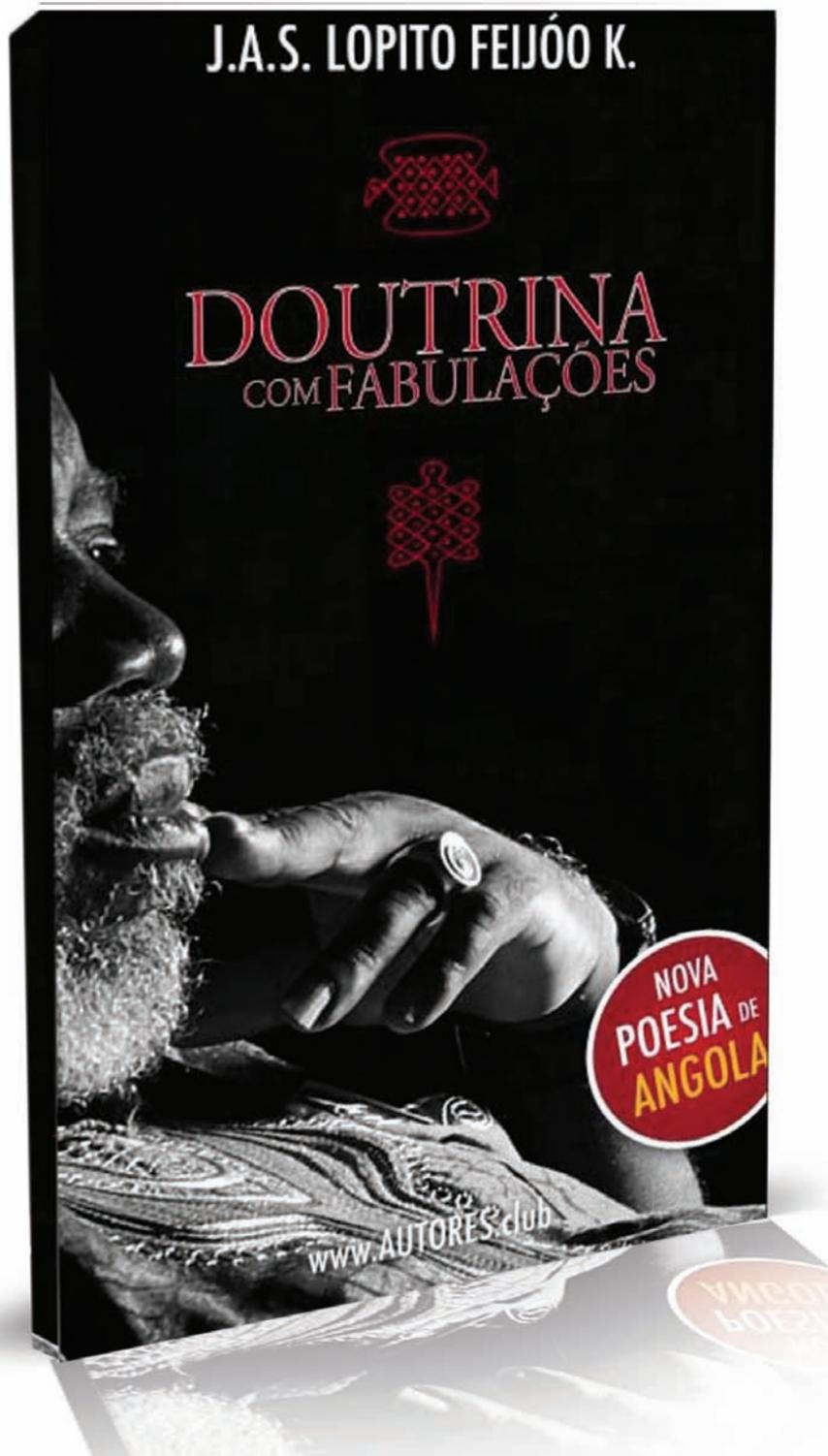
Nunca indiferente, muitas vezes panfletário, ele sabe denunciar:

«Cágado cágado
charmoso e medroso.
Especial exemplar
da última espécie
de homem vaidoso
teimoso turbo lento e rancoroso.
A natureza surpreende
a omnipresença superintende!»

Jogando com as palavras e as rimas em várias figuras de estilo que tanto têm a ver com metonímias como com anáforas, que vai usando de maneira tão espontânea como aparentemente natural, Lopito Feijóo socorre-se de todo um manancial de retórica numa escrita desenvolvida, fazendo aparecer inúmeras «trouvailles» como resultado lógico das lucubrações de um

poeta de causas, mas que não esquece que, mesmo assim, a poesia é um objeto que precisa de ser lapidado, pelo que utiliza com eficiência jogos de trocadilhos através de rimas marteladas muito ao gosto dos vários grupos de jograis que proliferaram em Luanda nos anos 50 e 60, por acaso ou nem tanto, a maior parte integrados por africanos. De notar ainda o esforço de recuperação de personalidades e frases correntes que fizeram época, como a referência ao Jacaré bangão e ao Armando Kanguirima, aqui apresentado como Armado, num jogo recorrente de palavras em que se tornou exímio.

Natural e recorrentemente filosofante, na medida do seu plano doutrinário de grande ambição «deitando mão a diversíssimos formatos arquitectuais (soneto, ode, haiku, dístico, epigrama, prosopoema)», como acentuou em devido tempo o professor Pires Laranjeira, Lopito Feijóo «traz à cena do discurso um descomplexado



ensejo de confrontar códigos e linguagens, por um processo requintado de (re)construção significativa que é herdeiro direto e dileto não só do modernismo e tradição vanguardista, mas (...) do romantismo rebelde, apaixonado, revolucionário.»

Senhor de uma escrita cujas origens se podem reconhecer num seu avô viciado em petições e que nunca deixou de fazer requerimentos para fazer valer a sua razão, por mais que as autoridades não lhe ligassem nada, não será difícil perceber também a influência da poesia do David Mestre, que Lopito reconhece antes de tudo, não só nos aspetos formais mas na pose quotidiana emergindo as atitudes como fundamentais para a sua afirmação literária, podemos encontrar resquícios de João Maria Vilanova no seu esforço de síntese que perpassa por todo o seu poemário. Mas não devemos esquecer, além do poeta português Alexandre O'Neill, no seu sarcasmo muito peculiar, que alia cinismo a uma humanização muito clara, um seu conhecimento recente, o poeta concretista português José-Alberto Marques, que aliás já o reconheceu em pleno Festival Correntes de Escrita, da Póvoa de Varzim, Portugal, considerando LopitoFeijóo como um dos grandes poetas experimentais, a par dos melhores do Brasil e Portugal. E é bom lembrar que a exuberância rimática tem muito a ver com um poeta português chamado José Carlos Ary dos Santos, pela sua espontaneidade de verbo fácil e ao mesmo tempo certo e arrojado. Não esqueçamos: as palavras podem ser pedras que ferem mais do que balas.

Como disse o jovem escritor e ensaísta moçambicano, Japone Arijuane, LopitoFeijóo «É sem escrúpulos um poeta que poetiza as vivas e duras vivências africanas, com muita transpiração, que se diga: felizmente consegue transmitir veementemente as imagens desta angolidade usando a poesia como a fotografia fiel destas convivências.»

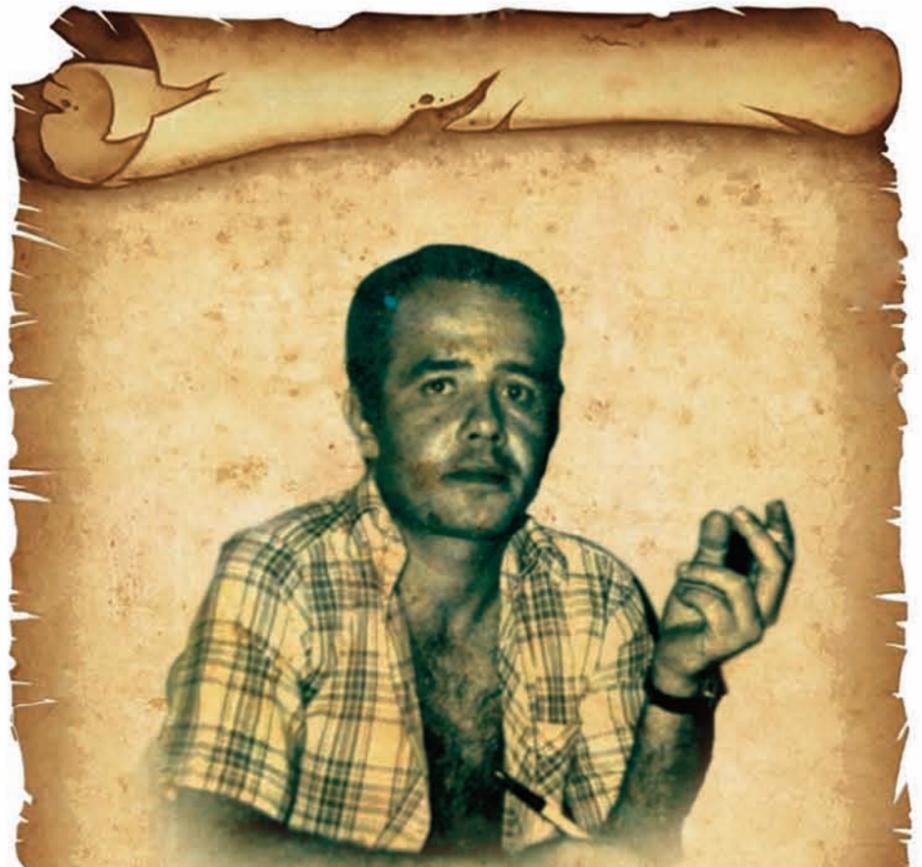
Reafirmo aqui e agora, bisando uma afirmação recente, o LopitoFeijóo é, provavelmente, o maior poeta angolano vivo. De vários modos esta minha afirmação vai contra tudo o

que eu costumo fazer. Não sou de rótulos e muito menos de adjetivos absolutos e generalizações. E respeito muito os atuais nomes da poesia angolana, que os tem de muita qualidade. Mas sobre o Lopito, não tenho dúvidas e repito: o LopitoFeijóo é o maior poeta vivo de Angola. Porque é estridente. Porque tem muita garra e faz da poesia o seu quotidiano. Porque se está marimbando para muita coisa e o poder em especial. Porque pensa a partir da poesia e com ela apenas. Recorrente e simplesmente. É realmente um poeta inteiro, total, por um lado, com uma grande fluência espontânea, na tradição dos chamados poetas repentistas portugueses, que teve em Bocage o principal epígono, por outro lado, com o encanto dos velhos griots da tradição africana, responsáveis pela transmissão da tradição e cultura. Portanto, um poeta para todas as estações, isto é, um poeta tão completo como universal, que vai evoluindo no seu próprio percurso.

Só um poeta assim é que poderia bradar também assim, como fez no seu anterior livro, subvertendo ou sadamente gramáticas e semiologias: «Amar liberta e na pele sublime/ o alvorado orvalho da tela carente./ Altas e baixas tensões o amor regula, infernal/ bombeando sangue, deslumbrando almas.»

*Porque, afinal,
«Do clã de sérios animenos
os animais não gerem impérios.
Provocando cheios galinheiros
suportando os maiores impropérios.
não é o ladrão
quem julga a ocasião
nunca o papão
te absolve de antemão!»*

Na verdade, o Lopito cumpre com singular rigor o que se pede aos poetas: é a eles que cabe o primeiro lugar de toda a hierarquia da criação pois são eles que têm o dom de descobrir os próprios fundamentos da vida e ainda antes mesmo de que a vida tenha podido assentar na realidade. Como disse no momento certo o grande Almada Negreiros, nascido em S. Tomé, «a poesia é a garantia da ingenuidade que todos temos ao nascer – depois perdemos, morrendo envenenados».



Poema inédito de David Mestre

Herói até aos dentes

*O que é isto a voz suturada nas
quatro esquinas da boca o que é isto
são os olhos o corpo sua aterna
ebulição?*

*O que é isto as mãos as mãos crescem
como as folhas rompem a pele
rouca do clamor: sua
ferocidade?*

*O que é isto o que é isto fere-se
a larva o presságio dos vivos: a terra
que estala atrás dos
lábios?*

*O que é isto o hálito a língua
do vento frequente no rosto na sombra
nas pernas do herói: e o herói vai
o herói vai morto.*

*“Herói até aos Dentes”, poemas, Luanda, 197?
original dactilografado e enviado pelo Face-
book por
Carlos de Bulhão Pato*

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

Imaginemos –sonhar não é contranatura –, que o poeta angolano Agostinho Neto estivesse vivo, com os seus quase cem anos de idade, e vencesse o Prémio Camões, instituído pelos Governos de Portugal e do Brasil, em 1988, a fim de consagrar anualmente "um autor de língua portuguesa que, pelo valor intrínseco da sua obra, tenha contribuído para o enriquecimento do património literário e cultural da língua comum".

Este esboço imaginário carece de análise prévia do estado actual das literaturas africanas de língua portuguesa e particularmente, da angolana, no universo global da arte de ficcionar a vida.

O Prémio Camões apresenta limites geográficos, beneficiando o Brasil e Portugal. A que se deve este reduto geográfico do Prémio Camões?

É possível detectar três causas centrais desta problemática.

As duas primeiras, de carácter exógeno, são a insularidade geofónica resultante da herança linguística indo-europeia colonial e o diktat editorial e académico dos centros de difusão e de estudos críticos das literaturas africanas de língua portuguesa localizados em Lisboa, Coimbra e São Paulo. Deste fenómeno intra-africano e transatlântico resulta o drama da invisibilidade literária internacional dos países africanos de língua portuguesa e a sua subalternização ao paternalismo académico dos seus estudiosos internacionais.

Esta invisibilidade deriva, por outro lado, do fenómeno endógeno da decadência ou depauperação do sistema literário angolano, com o escasso desenvolvimento do mercado livreiro e do fomento da leitura nas escolas, bem como do vácuo da crítica literária.

O sistema literário angolano ficou agravado, no período do pós-independência, pela doença sistémica da falsi(n)formação geo-política. As células estaminais da formação da literatura angolana pós-colonial não puderam nem souberam ler o ADN do corpus lírico-ficcional do animal de estimação chamado livro, para poderem elevar numa escala à dimensão histórico-cultural do país, às estantes e às mãos dos leitores aquele mínimo de economia e emotividade estética, aquela capacidade de gestão dos recursos estéticos que perfazem o jogo de palavras emocionalmente imperativo.

A poesia de *Sagrada Esperança*, a epopeia libertária de Agostinho Neto, contorna facilmente estes três muros limitativos. Primeiro, é uma obra lida e estudada mundialmente. Segundo, estaria no alto das avaliações para qualquer prémio, dada a tal depauperação da nova literatura que se vai produzindo em Angola, com escassas excepções que nem encheriam os cinco dedos da mão.

Porém, a pergunta permanece: se Agostinho Neto estivesse vivo, ser-lhe-ia atribuído o Prémio Camões, pela sua obra *Sagrada Esperança*?



E se Agostinho Neto vencesse o Prémio Camões?

UM COLÓQUIO E UMA CÁTEDRA

Não foi esta questão condicional levada ao Colóquio "Agostinho Neto e os Prémios Camões Africanos", que teve lugar de 9 a 10 de Setembro de 2019, na Universidade do Porto, Portugal.

Mas, não tendo sido a questão sequer levantada, a resposta também não foi dada. Contudo, as diversas comunicações sobre a obra do poeta da gesta da independência prefigurada e da cidadania estilizada do homem negro, serviriam de emolumentos para carrear sagrada Esperança à dimensão do Prémio Camões.

Dar-se-ia talvez o caso de que, devido ao seu espírito pan-africanista e ao tempo das prisões, perseguições políticas e da direcção da luta armada de libertação de Angola, o poeta recusasse o prémio, tal como o fez Luandino Vieira, em 2006, "por razões pessoais e íntimas".

Essa é outra hipótese a que nenhum dos participantes ao colóquio saberia responder.

Estas questões surgem aqui na reportagem, como pepitas de peneira de garimpo ideológico e histórico do manancial criado pelas várias falas que na Faculdade de Letras da Universidade do Porto fizeram, correr ondas de reflexão sobre o tema.

Não foi atribuído nenhum prémio Camões à obra de Agostinho Neto e ninguém será capaz de dar resposta à segunda preocupação ligada à aceitação ou não do mesmo pelo autor de *Sagrada Esperança*.

No entanto, e com mais alta dimensão que o prémio Camões, a criação da primeira Cátedra Literária de uma ex-colónia em Portugal, significou uma homenagem merecida que em-

prestou orgulho aos intelectuais angolanos participantes no Colóquio e encheu de contentamento a viúva, Maria Eugénio Neto, a filha, Irene Neto e a neta do poeta, Felícia São Vicente.

Maria Eugénia Neto salientou, na ocasião "as renovadas perspectivas e investigações sobre Agostinho Neto, enquanto poeta, homem de cultura e político", destacando que o prémio Camões tem um significado de grande alcance para o conjunto de países que tornou sua a língua de Camões. A escritora confirmou que a criação da cátedra Agostinho Neto visa promover o estudo de Agostinho Neto, das Línguas, da Literatura e da Cultura angolanas, através do estabelecimento de um programa próprio de investigação e ensino na área dos Estudos Africanos.

Para além do simbolismo da efeméride, a criação da Cátedra marcou o encerramento do colóquio e fez ouvir os discursos proferidos por especialistas de Angola, Portugal, Brasil, Cabo Verde e da China e que abordaram aspectos ligados ao tema do evento.

O reitor da Universidade do Porto, João Veloso, considerou o acto um feito internacional, tendo saudado muito entusiasticamente a assinatura do protocolo que homenageia uma figura marcante da história e da cultura angolana que, pelo seu papel de poeta e homem de cultura, é um dos maiores escritores da língua portuguesa.

Parece que, a final, houve uma resposta muito próxima da hipótese levantada no início sobre o mérito camoniano de Agostinho Neto. Vimo-la aflorar na comunicação do ensaísta António Quino "Agostinho Neto e José

Craveirinha: Diálogos pela Negação", na qual, procurou "demonstrar como Agostinho Neto (Angola) e José Craveirinha (Moçambique) estabeleceram um diálogo poético que privilegiou influências por si incorporadas e partilhadas, nomeadamente a tríade de movimento negritudista, neorealismo e modernismo brasileiro, servindo como base para a recusa de modelos estético-literários defensores da ideologia do então poder (colonial) dominante. Nesse diálogo, os poetas negam o pré-destino confiado aos seus irmãos, negros, e atribuem ao sujeito lírico valores em prol da liberdade, igualdade e valorização do homem."

Com esse estudo comparado, Quino não só comparou os dois poetas. Nas entrelinhas, pareceu-nos dar uma resposta sigilosa à nossa questão.





Passavam já 3 dias do concerto. O músico e cantor decidiu ficar mais um pouco nas Terras Altas do Sudoeste para se sentir em harmonia com o lugar e consigo mesmo. Como ele gosta de fazer. Deixando o seu coração se abrir para o mundo, e a mente ao universo. Que dali, daquelas alturas, lhe pareceu estar mais perto. Como quando, na noite anterior, ficara a contemplar o céu estrelado que só a Humpata oferece...

FERNANDO NEYA HUILIPENY

O CONCERTO

Para ele e para os músicos, teriam gostado mais que tivesse sido um concerto ou, como se gosta de chamar cá na terra: um show, um espetáculo, mas saíram de lá com o sentimento de ter-se ficado um pouco com o gosto de uma animação de jantar. Mas no final não se importou muito com isso, "já estamos habituados a confundir e baralhar os géneros". Coisas da nossa terra. O importante foi, como sempre, a música. E a música, pelo que ficara a perceber do que espelhou a alma dos que lá estavam, foi boa. O palco estava bom. Confortável e sóbrio. "Gostámos da simplicidade e do fundo preto, da ausência de artefactos". O som estava também bom, muito bom: a técnica, assegurada pelo Jorge Daniel Boano, foi das melhores... E a disposição da cena contribuiu de maneira especial para o espírito que progressivamente foi nascendo da música que saía daquele agrupamento inesperado de músicos. Sob a iluminação daquela noite havia seis "instrumentos" apenas: duas violas-solo que, de esquebra, faziam ritmo; dois pares de congas – uma delas acompanhada pela dicanza e uma cozinha de percussões ligeiras (caxixi, shekere, afoché, triângulo...) –, uma bateria e uma viola-baixo. Mais a viola acústica de Mbanza Congo.

Como em todos os concertos, o tempo parou exactamente naquele esperado momento em que se sabe que o som vai começar. Com os sete músicos instalados no palco, os nossos olhos ainda procuravam identificar quem é quem, enquanto o cantor se acomodava, sentando-se num tabouret e nos distraía com um baile gestual improvisado ao tentar acertar a teimosa gola da sua camisa com a alça que lhe segurava a viola. Mal acabou de se acomodar, foi com um breve arranjo introdutório em Sol, Ré e Lá que a sua viola abriu o som. E logo a seguir, aquela sua voz de beija-flor, límpida e expressiva, familiar de qualquer um

dos presentes na sala, melodiou, sem nos deixar respirar: "Nas margens da minha terra.../ Nas margens do rio Congo..." E, desde esses instantes, qualquer coisa nos indicou que o enigma daquela sala haveria de ser descoberto nessa noite. Mas nada assegurava ainda o que haveria de acontecer. O público estava ansioso, e ainda não imaginava o que estava para lhe ser oferecido.

Como não desejar que já se pudesse – com palavras cuidadosamente tecladas uma-a-uma – fazer reviver o som de um concerto e transmitir os sentimentos irrepetíveis como os que se viveram naquela noite de sexta-feira... à medida que os olhos percorrem essas palavras...? Que fosse já realidade o sonho de que um dia a tecnologia vá permitir que uma tal "transposição musical" produza esse milagroso efeito e que, ao se deixar conduzir por um texto como este, o leitor conseguisse "escutar" junto com a imagem que a leitura produz, o exacto som produzido no evento que se relata...?

Mas por enquanto apenas dá para continuar a tentar contar classicamente o que aconteceu naquela noite de cacimbo no Lubango... e quando o cantor e os seus seis músicos subiram ao palco, já passava das 22h de um concerto anunciado prás 19h. E já haviam sido generosamente cantadas, durante cerca de hora-e-meia, uma quinzena de temas pelos miúdos do grupo Lev'Arte do Lubango (...a noite tinha, na verdade, começado com o pré-encanto de os ouvir cantar. Nem o barulho dos talheres nos pratos e das conversas desprendidas puderam impedir que sentíssemos a emoção causada pela escolha que fizeram para iniciar a sua introdutória actuação: saiu um conseguido "O que eu quero", canção que teima tanto em levar às lágrimas aqueles que gostávamos tanto do tão querido arquitecto-músico... E a cidade é orgulhosa daqueles seus miúdos que se reúnem todas as semanas, feitos pirilampos, e insistem em levar a arte para si e levar a arte para todos os que dela precisam, lutando por dias de sol mais quente, raiando paz pão e amor.

São uns miúdos bonitos, simpáticos, motivados pelo que fazem, humildes e carregando consigo as esperanças e as angústias pelas inaceitáveis dificuldades com que toda a sua geração é – dolorosamente, depois de 44 anos de independência – obrigada a viver e que, ainda assim..., são tão bons a cantar.

"Ai ai ai, ié.../ Nas margens do rio Zaire/ Nas margens da minha terra/ Nasceu a mulher mais bela, mulher mais linda...". Prosseguia o canto, como um lamento, e ficou-se com a nítida sensação que algo especial estava a acontecer. Como se, sonhando, estivéssemos a ver o colibri a bater as suas asas para se imobilizar no ar e desatar a cantar em pleno meio da noite. Os nossos sentidos estavam convocados. Os ouvidos se predispuseram. Os corpos na plateia ajeitaram-se nas cadeiras para melhor escutar. E quando se chegou à última estrofe daquela primeira parte cantada ("Não tenho poema para te dedicar / é só o ritmo que eu tenho pra te dar..."), os instrumentos calaram-se, sincronizados, para uma brevíssima pausa, um, dois, três segundos..., e nem tivemos tempo para manter a respiração suspensa. Começara a fluir um som cujo ritmo aos poucos foi definindo a cauda musical daquela melodia com que o concerto nascia. Já não viria mais voz, apenas os sete instrumentos. Que se apoderaram do tempo e parecia que se

deixavam levar pelas águas do majestoso rio-fronteira que artisticamente decidiu desviar-se do seu leito e passar pelo local onde a Rainha Ginga nasceu. Retomada a respiração, reparámos que os olhos de Teddy Nsingui se fixaram no sorriso apenas disfarçado de Botto Trindade, sentados lado a lado, suas quatro mãos dialogando com uma cumplicidade comovente: as guitarras de Benguela e de Maquela do Zombo tinham começado ali a celebrar as suas origens. O som dos solistas foi logo logo acompanhado por uma batida alegremente "congolesa" que o Dinho Silva conseguiu tão bem gerar, acariciando apaixonadamente com as baquetas as caixas e os pratos da sua bateria. A cobrir o fundo do ritmo, agitando-se atrás do cantor, como que para lhe manter a alma aquecida ao longo do concerto, as 4 mágicas mãos de Joãozinho Morgado e de Mick Trovoada afagavam as congas com o consolidado andamento e as variantes que traziam de longínquos carnavais do BêÔ, e das margens do Rio Cavaco. E no seu cantinho, de onde podia olhar para todos os seus mais velhos companheiros no palco, também sentado, especialmente concentrado na sua sobriedade e na sua responsabilidade de conduzir o compasso daquela coda musical, Mias Galheta sabia que o destino daquele concerto dependia da afinação, da harmonia e da satisfação em que aquela primeira música resultasse: to-



dos confiavam na sua arte de pautar o ritmo com o som da sua viola-baixo, que lhe saía como a água profunda, a que corre viscosa, raspando o leito do rio.

A cauda do vestido da nossa Rainha ficou sublimemente definida, os minutos prolongaram-se como uma desejada afinação de instrumentos, de respirações e de aquecimento no palco. Na platéia, pararam todos de comer e até as crianças se encostaram ao colo dos seus pais e familiares. Viraram-se os olhos todos para o palco. Estava claro, ninguém estava à espera que se nos fossem brindar, "de repente", com uma saudação assim. A boa música tem essa vantagem exclusiva e poderosa de penetrar-se-nos pelos ouvidos. E de mobilizar cada célula do nosso corpo. Todos os ouvidos se concentraram naquele ritmo de guitarras africanas e de batidas da nossa terra. Até a vinda-de-tão-longe Nossa Senhora do Monte – quem, que remédio, também ficou a ser da nossa terra – foi apanhada desprevenida. Mesmo fora da sala, foi vista a balancear-se na rigidez da sua estátua. Juraram os miúdos que estavam lá perto: conseguia gingar. Os espectadores e convivas esqueceram-se, como que mágicamente, das vicissitudes de tudo, das maldanças das suas vidas, e só não se emocionou quem não podia mesmo.

Waldemar Bastos só sabia que voltar ao Lubango neste Agosto tinha inevitavelmente de significar algo de especial. Não tinha tido tempo de perceber bem o que era, só o sentiu no dia anterior, quando aterrara na Mukanka. E naquele momento em que o concerto arrancou, soube perfeitamente que não precisava de voltar a colocar a voz naquele intróito. Sentado no seu tabouret, diante daquela "velha guarda" de músicos de excepção, fechou os olhos e sorriu apenas. Mas apesar de se ter calado, continuava a soar uma "voz". Nítida, deitada sobre a aconchegante harmonia que produziam os seus músicos. Todos percebemos: quem continuava a cantar era a sua guitarra de Mbanza Congo, de ali... de onde, segundo ele, nasceu a música africana. E quando já soavam os últimos acordes da cauda daquela primeira peça musical, quando o volume dos instrumentos carinhosamente baixava, nós vimos: os músicos olharam-se todos uns para os outros e parecia que concluíam, sem se falarem, que estava garantido o sucesso daquele concerto. Os corações ficaram avisados. Algo de excepcional se haveria de produzir nessa noite. Quando a música é assim...! Quem sabe, se à leitura destas linhas já alguns leitores consigam antecipar a tecnologia de algum amanhã e consigam ter estado naquela sala e agora ouvem a música que aqui se tenta escrever... (a composição "Rainha Ginga" foi pela primeira vez gravada em Nova York, em 1997, como parte do álbum "Preta luz", ou "Blacklight").

O resto do concerto, as duas horas e tal de sons e de música, foi apenas daqueles momentos em que nos congratulamos de termos podido estar lá, como quando se cruza sem querer com a felicidade. Nos sete pares de mãos que fizeram soar aqueles instrumentos durante cerca de 2 horas e meia, circula um sangue carregado da arte e da sabedoria musical da nossa terra. Músicos de primeira. Desde

as mesas da plateia, ficámos simplesmente maravilhados.

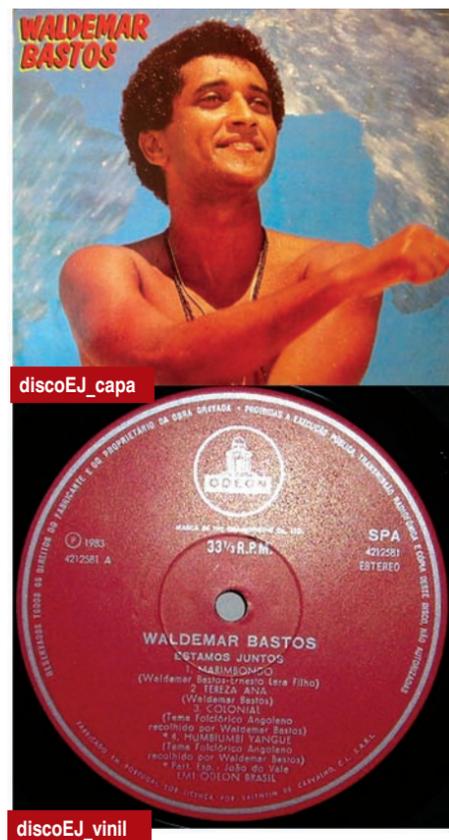
O concerto teve lugar na sexta-feira 9 de Agosto, na localmente conhecida sala Enigma, um formato de sala de bailes e de cerimónias sociais, na cidade do Lubango. Sala que tem um toque arquitectónico que se insere bem no que esta cidade quase sempre nos acostuma: o bom gosto. Sala que vem prestando muitos serviços à cidade, ao longo dos últimos anos.

WALDEMAR BASTOS E O LUBANGO

A canção "Lubango" – que acabaria naturalmente por ser cantada várias vezes naquela noite – foi composta há 40 anos, durante uma visita que fizera à província da Huíla. Mas só quando, poucos anos mais tarde, chegou ao Brasil, é que a juntou a sete outras canções que, em momentos diferentes ao longo daqueles anos, se foram armando, e que resultaram no seu primeiro disco. Que integrou ao todo 8 temas musicais: quatro no "Lado A" e quatro no "Lado B", oferecidas com uma capa de praia e juventude.

Reconfortou-nos ver que mantém a mesma tranquilidade e a mesma sabedoria, quando anunciou ao público que o veio ver: "vou cantar-vos algumas músicas do novo disco que estou a preparar para este ano, para ver como vocês, público, reagem..., para ver se gostam. Vou cantar as músicas antigas que não posso deixar de cantar aqui, mas quero experimentar umas novas, de um álbum que já tenho quase pronto e que sairá ainda este ano. Já tenho o título, mas não vos vou revelar ainda...". Acabou por cantar apenas duas novas canções.

A meio do concerto, quando terminou a primeira das vezes em que cantou "Lubango" parecia que o víamos meditar e perguntar-se: "Mas porquê aqui? Porquê o Lubango?". Vimo-lo a sorrir. Coisas inexplicáveis, mistérios da sua existência que começaram com o legado de tocar guitarra de uma certa maneira que lhe deixou Mbanza Congo, à sua nascença. Reacomodou-se no tabouret e reconfortou-se pela sensação de felicidade que lhe davam os dias recentemente – e finalmente – passados a visitar a cidade onde nasceu, quando ainda se chamava



discoEJ_capa

discoEJ_vinil



Waldemar Bastos

São Salvador do Congo, e onde não tinha podido regressar ainda. Fechou mais uma vez os olhos e reviveu os momentos em que se ajoelhou, ao pisar a terra que em seguida beijou. A humidade do ar quase subequatorial que ali o invadira trouxera-lhe uma sensação nunca vivida antes, de pertença e de liberdade. "O mundo tem sido generoso para mim... Como tantos outros, sofri e sofriam os meus, chorei e revoltei-me, mas há uma razão para o sofrimento, que tentei explicar num discurso diplomático que me convidaram a proferir há alguns anos em Berlim, onde regresssei com gosto. Socorri-me do poeta carioca do século XIX, Francisco Octaviano de Almeida Rosa: 'quem passou pela vida e não sofreu/ só passou, mas não viveu'". E as lágrimas que de repente lhe humedeceram o rosto obrigaram-no a parar a música. Mas já tinha avisado o público daquela noite: havia algo de especial que trazia dentro de si e que ele queria contar. Que o público não se deixasse enganar. Não conseguiu evitar que a longa caminhada, que o levaria tão longe na sua carreira, lhe trouxesse as lágrimas ao estar ali. Carregavam sem dúvida o sal de todas as dificuldades que temperaram a sua vida, as incompreensões e infortúnios vividos, as tragédias que afectaram a sua família, mas eram lágrimas de felicidade. Nos disse sem dizer. Lágrimas que reflectiam o orgulho de uma vida persistentemente construída, e ao mesmo tempo abençoada. Lágrimas que brilhavam especialmente nessa noite por querer anunciar ao seu público que estava a vir ao mundo, naquele mesmo momento do concerto, o seu primeiro neto, lá longe em Los Angeles. Mas secaram-se-lhe quase de seguida ao sentir, vindo de traz de si, a vibração silenciosa dos acordes que lhe enviavam os seis músicos: todas aquelas doze mãos tinham de repente parado quando ele começara a falar e não tinha havido som por uns instantes, as cordas de todas as guitarras se imobilizaram, as congas repousaram, e as baquetas nem se mexiam. Tentou contar ao público o que sentia naquele momento da sua vida e as palavras saíam desajeitadamente. E depois, com pudor, sem desculpas, a música recomeçou devagarinho e o concerto prosseguira. O público estava com ele. Se o Lubango tem morango...

A vez anterior que estivera no Lubango havia sido em 2005, levando a Banda Maravilha consigo. Havia tocado no pavilhão desportivo da cidade e regres-

saram com o sabor estranho de se ter mobilizado um público tão reduzido. Também desta vez foi pouco mais de uma centena e meia de pessoas que assistiram ao concerto. Quem sabe se um dia não haverá de sair de Mbanza Kongo pela estrada e cantar no Ambriz, em Catete, no Dondo, na Gabela e em Porto Amboim. Novamente cantar no Lobito e em Benguela, cantar no Chongorói, em Caluquembe e em Cacula, para terminar na Mapunda do Lubango, um concerto na Tundavala, oferecendo-nos uma versão de Lalipô em nyaneka!? Tournées que se espera ser possível fazer no país um dia, com os companheiros de música que queiram e possam, e que lhe proporcionem o contacto directo com a população, para permitir à música realmente desempenhar o papel que ele gostaria que desempenhasse.

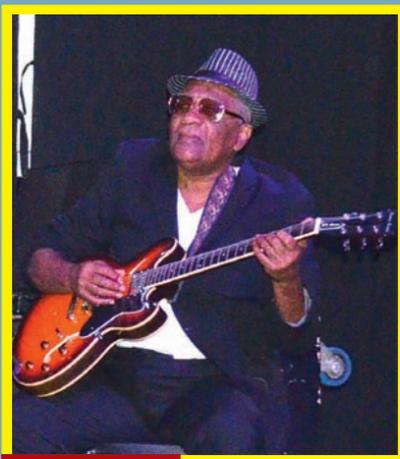
Podemos nos orgulhar, como país, por termos músicos com um talento tão grande e que aperfeiçoaram a sua arte como uma necessidade vital, como um dever de existência, como uma postura ética na vida. Muitos têm de fazer da arte musical, dos discos, dos concertos, uma forma de trabalho, para viver, para subsistir. Mas trabalhar a produzir arte e música de qualidade devia ser algo diferente. O nosso mundo artístico deveria permitir mais do que o modelo comercial e de protagonismo onde subir à ribalta é mais importante que seguir um caminho, um projecto artístico. A ideia de homenagear a guitarra africana é um caminho que Waldemar Bastos escolheu para um dos seus projectos, talvez o principal. Juntar o talento de guitarristas nossos e de além, de diferentes origens e de diferentes estilos, e embrenhar a música de uma africanidade que, segundo ele, nasceu em Mbanza Congo. Há variadas maneiras de valorizar a nossa música e dela extrair a mensagem que pode levar. Às almas carentes de espiritualidade e embrenhadas de uma ocidentalidade resistentemente dominante. O que faz falta é que o trabalho, a dedicação, a profundidade e a sinceridade prevaleçam. Quantos projectos destes fazem falta! Que exponham e potenciem o talento e o amadurecimento que só se consegue com carreiras temperadas pelo tempo. E que têm muito para ensinar. Para nos dar.

Os músicos que Waldemar Bastos trouxe ao Lubango e que permitiram este concerto têm em si mesmos a capacidade individual e colectiva de representar o que de mais importante há no nosso sentimento de angolanidade. Alguns

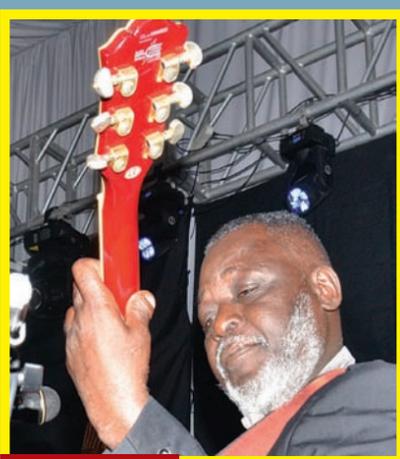
FOTOS CEDIDAS



Mias



Boto



Teddy



Joaozinho



Dinho



Mick T

outros excelentes baixistas, guitarristas e percussionistas angolanos poderiam ter estado no lugar dos que vieram. Há que apoiá-los todos, que respeitá-los. Todos os que merecem esse respeito. Há que respeitar, valorizar e saber receber o que nos dão, todos os músicos de qualidade da nossa praça. Que tocam todos os demais instrumentos. E os que cantam e compõem. E que seguem um caminho original. O resto, ainda que necessário, é entretenimento. Já bem nos avisou o respeitado Kota Amadeu Amorim, há que cuidar da identidade, a nossa música tem corrido o risco de deixar, aos poucos, de ter de ver com os lugares, com a cultura e com o ambiente social onde as almas das pessoas habitam. E que agora, com tantas décadas passadas desde as contribuições como a do Ngola Ritmos, num tempo em que tudo é tão rápido e "tecnologicamente" tão fácil, é preciso registrar e escrever, estudar e aprofundar o que se conseguiu de verdadeiramente importante, ao longo de tantos anos de talento. E porque não acadêmizar? A nossa música urbana é parte importante do nosso património cultural. Investigá-la cientificamente e difundi-la é valorizar-nos a nós próprios. É preciso trabalhar a sério... – e sabemos escutar a sábia voz que vem

das congas do Tio Amadeu.

AS MÚSICAS E OS MÚSICOS DO CONCERTO DO LUBANGO

No concerto do Lubango foram oferecidas uma vintena de músicas. A combinar com as populares Colonial, Muxima, Mbirim mbirim e Tata ku matadi, Waldemar Bastos propôs as suas incontornáveis Angola minha namorada, Tereza Ana, Mungueno, Carinho, Olhar deste teu olhar, Aurora, Margarida, Marimbondo, Ndanpandula, Pitanga madura e a sua versão de Humbiumbu yangue. Destas todas, seis pertencentes ao primeiro disco ESTAMOS JUNTOS (de onde só não cantou Carnaval e Velha Chica). E acrescentou ao concerto as novas Mbanza Kongo e Tira poeira.

TOCARAM COM WALDEMAR BASTOS (DA ESQUERDA PARA A DIREITA NO PALCO):

Teddy Simão Nsingui, guitarra solo e ritmo, nasceu em 1954 em Maquela do Zombo, filho de pais angolanos que se exilaram no Congo. Foi onde começou a dedicar-se à música, sendo a sua primeira paixão o canto coral. Cedo elegeu a guitarra e aprendeu a "harmonia congoleza" de grandes mestres locais. Ainda no Congo, as suas primeiras bandas fo-

ram Les Bêbés, Sakayonça e Sosolisso. Regressada a família ao país em 1976, integrou a banda Interpalanca, de Matedidi Mario, e depois a Instrumental Primeiro de Maio onde ficou até aos inícios dos anos 1990. Actualmente é um membro efectivo da Banda Movimento.

José Martins "Botto" Trindade, compositor e guitarrista solo e ritmo, nasceu em 1951 em Benguela. Vem de uma família de músicos onde se destacaram José Cordeiro (Gambás do Ritmo) e o talentoso irmão e mestre Kinito Trindade (Semba Tropical e Madizeza), que a música angolana perdeu em 2010. Foi em Benguela onde começou a sua carreira artística, destacando-se como guitarrista no conjunto Os Bongos, do Lobito. Desde 1976 em Luanda, grava com Os Kiezos as suas célebres peças "Benguela libertada" e "Memórias de Guy". Integrou as bandas Aliança Fapla-Povo, Instrumental Primeiro de Maio (onde se cruza, pela primeira vez com Teddy Nsingui), Semba Tropical, Banda Welwitchia (com o seu irmão Kinito e Joaozinho Morgado) e Banda Maravilha. É actualmente "free-lancer".

Miguel "Mick" Trovoada, percussionista, compositor, produtor musical activista socio-cultural, nasceu em Luanda em 1963 mas cresceu, desde a tenra infân-

cia, em Benguela. Inicia a sua carreira artística em Portugal, para onde foi viver em 1983, começando pelo teatro e dança, com o grupo Kalandula. Integrou vários projectos musicais de entre os quais se destacam os Maricongas, Ngoma Makamba, Kadance e Ébano. Tocou pela primeira vez com Waldemar Bastos em 1991 e desde então têm trabalhado frequentemente juntos. Evolui actualmente como "free-lancer", integrando - com a sua panóplia de instrumentos de precursão (alguns concebidos e fabricados por ele próprio) - bandas de vários músicos de Angola, Cabo-Verde, Moçambique e Portugal.

João Lourenço Morgado, percussionista, nasceu em Luanda em 1947, num lar marcado pela prolífera musicalidade da sua mãe Tantonica (Antónia João Martins) e de seu pai, o conhecido sanfoneiro Mestre Geraldo dos carnavais luandenses. Traz as mãos temperadas desde a sua infância e haveria de começar a tocar profissionalmente na banda Os Negoleiros do Ritmo que ofereceram à música urbana o célebre "Minha cidade é linda". Continuou a sua carreira tocando com Os Merengues, Semba Tropical, e foi fundador de Madizeza e da Banda Maravilha (com Kinito e Botto Trindade). Ao longo da longa carreira, as suas congas têm acompanhado a música dos mais destacados compositores e bandas angolanas e de todo o chamado espaço lusófono da música.

Helder "Dinho" Silva, baterista, nasceu em Luanda em 1963, começou a sua precoce carreira tocando no conjunto da Associação dos Estudantes do Ensino Secundário (AESL), no Maculusso nos finais dos anos 1970. A sua bateria vibrou depois em numerosos grupos ao longo das décadas seguintes: Aliança Fapla-Povo, Afro Sound Stars, Grito di Povo e Instrumental Primeiro de Maio. Integrou também as bandas SOS e Merengues. Em Portugal tocou com os Irmãos Verdades, com Eduardo Paím e Paulo Flores, e destacou-se ainda na Kussondola, Tropical Band e sobretudo na Tabanka Jazz. Free-lancer, toca actualmente com as bandas de Yuri da Cunha e Waldemar Bastos.

Jeremias "Mias" Galheta, guitarrista-baixo, nasceu em Porto Amboim em 1969. Começou a sua carreira musical incorporando o conjunto Os Ekos, e depois na banda Zimbo. Tocou em várias bandas como o Grupo da Banca e a Banda Maravilha e actualmente integra a Banda Movimento, com Teddy Nsingui. Tocou pela primeira vez com Waldemar Bastos no "Show do Mês" que teve lugar em Dezembro de 2018, em Luanda.



Público

O que tem a minha boca de mais velho australopithecus?

O primeiro crânio do Australopithecus anamensis foi descoberto. Com 3,8 milhões de anos, parece um grande macaco, mas é um dos nossos ancestrais.



FREDERIC LEWINO

Descoberto em 2016, mas apenas agora semana objecto de uma publicação na revista Nature, esse crânio chamado MRD pertence à espécie *Australopithecus anamensis*, a mais antiga da família numerosa de *Australopithecus* e, portanto, nossa. Como tal, o MRD deve receber a nossa total consideração. E, no entanto, que boca!

O topo do crânio tem uma crista sagital bem desenvolvida. Seu rosto é robusto, longo e prognóstico. Seus caninos altamente desenvolvidos assustariam um rottweiler; as mastóides estão inchadas. E, especialmente, a cebola, que coincide com o opistocranião, está próxima do nível do plano horizontal de Frankfurt (isso é para os especialistas!). Claramente, ele tem o nariz de um boxeador esmagado. E com isso, um cérebro em miniatura de 370 cm³, um terço do nosso. Uma boca de macaco, mas, bom, respeito, este é um dos nossos ancestrais!

De fato, pela primeira vez, pudemos colocar um rosto na espécie *A. anamensis* que tínhamos até agora apenas alguns fragmentos de maxilar, mandíbula, tibia, raio, dentes... Um rosto que foi reconstituído graças ao conhecimento de um especialista em gênero. Este confirma que seu dono pertencia a uma espécie mais primitiva que a de *Afarensis*. Sim, você sabe, a famosa Lucy, com 3,18 milhões de anos, co-descoberta por Yves Coppens. Contatada, enfatiza o grande interesse dessa descoberta, que confirma definitivamente a existência de *Anamensis*.

UM CRÂNIO REMANESCENTE DE TOUMAÏ

Jean-Jacques Hublin, diretor do departamento de Evolução do Homem no Instituto Max-Planck e professor do Collège de France, acrescenta que é um jovem paleoantropólogo de sua equipe, Stéphanie Melillo, que é co-sinotário do artigo. na natureza. "Pela primeira vez, essa descoberta de Johannès e Stéphanie permite ver as características da *anamensis*. Podemos ver a evolução de um para o outro. MRD é um macaco um pouco maior que Lucy."

Entende-se, portanto, que *A. anamensis* evoluirá para *A. afarensis*.



Mas há um grande problema de namoro, já que a MRD tem 3,8 milhões de anos, enquanto um fragmento ósseo frontal de *A. afarensis* tem 3,9 milhões de anos atrás. Alguém pode ser mais velho que o pai? Sim, responde a Coppens e Hublin. "Isso não me incomoda, responde a primeira, a evolução não é linear, assume a forma de uma inflorescência. *A. afarensis* poderia muito bem ter se desenvolvido localmente a partir de um grupo de *A. anamensis*, enquanto o resto da população continuou sua existência sem alterações."

Por outro lado, há uma observação que parece mais interessante aos olhos do nosso paleontólogo nacional: é o grande comprimento de seu crânio que "lembra o de Toumaï". No entanto, o crânio de Toumaï, datado de 7 milhões de anos e descoberto em 2001 no Chade, deve pertencer às espécies mais antigas da linha humana. Este é um argumento adicional a favor da linhagem: Toumaï, *Australopithecus*, *homo habilis*, até ao homem.

Pouco a pouco, os paleoantropólogos reconstróem a extraordinária abundância de espécies que resulta-

ram em seres humanos modernos. Todo osso, todo crânio descoberto por escavação aleatória é uma peça de um quebra-cabeça que certamente possui centenas deles. E há muito a descobrir. "Os que temos nos dão uma vaga idéia da evolução de nossa espécie. Além de 3,5 milhões de anos, os fósseis ainda são raros e podem fornecer apenas uma imagem tendenciosa da realidade", conclui Jean-Jacques Hublin, que, devemos lembrar, descoberto em Marrocos os fósseis mais antigos da espécie *Homo sapiens*, datados de 300.000 anos atrás.



A era do ser humano vivemos no capitaloceno?

O conceito de "Antropoceno" enfatiza o papel do ser humano na transformação do mundo biofísico e na origem dos problemas ambientais globais. No entanto, no caso latino-americano, o conceito parece limitado, por ignorar o papel central das relações de poder e das desigualdades sociais. Seria o conceito alternativo de "Capitaloceno" realmente superior?

ASTRID ULLOA

Os discursos actuais sobre o que se chama de Antropoceno sublinham o papel que os seres humanos desempenham na transformação histórica do mundo biofísico e na crise ambiental global, gerando assim uma nova era geológica. Há vários debates sobre o início dessa era: ela teria se iniciado com a presença humana no planeta, com a conquista das

Américas a partir do século 15, com a industrialização no século 19, ou somente em meados do século 20?

A própria noção de Antropoceno vem provocando discussões em torno dos problemas ambientais em escala global. Em consequência disso, ocorreu uma mudança nas ciências humanas e sociais, bem como uma reformulação de seus fundamentos conceituais, metodológicos e políticos: a natureza tornou-se parte das análises históricas e sociais. Essa mudança permite uma incidência directa do conhecimento académico nos contextos de tomada de decisões globais, nacionais ou locais relacionadas com problemas ambientais actuais, bem como aos consequentes conflitos socioambientais relativos às mudanças climáticas, à redução da biodiversidade e aos extractivismos relacionados com o consumo capitalista.

Na América Latina, o debate sobre o Antropoceno não se desenvolve da mesma forma que na Europa ou nos Estados Unidos. Isso pode ser em parte explicado pelo facto de que a noção de Antropoceno está centrada em problemas globais que requerem respostas globais às custas de histórias locais de desapropriação territorial e ambiental. De facto, a noção de Antropoceno poderia ignorar as relações de poder e o carácter específico das desigualdades sociais e das transformações ambientais no contexto latino-americano. Além disso, a narrativa do

Antropoceno ignora com frequência outras perspectivas culturais e sistemas de conhecimentos. Esses sistemas e perspectivas apoiam-se em relações diversas entre humanos e não-humanos, em contextos históricos particulares. Na América Latina, é necessário considerar a análise dos processos de extracção a partir do período colonial até o século 21 – processos esses que aumentaram as desigualdades socioambientais, respondendo a uma dinâmica económica particular, ou seja, à lógica do capitalismo que vem gerando transformações globais-locais.

CAPITALOCENO OU ANTROPOCENO?

Diante disso, é preciso abrir um debate sobre as implicações dos conceitos de "Capitaloceno" e "Antropoceno". O Capitaloceno surge como uma crítica da noção de Antropoceno, ao considerar que a acção humana é sempre perpassada por relações políticas e económicas de poder e desigualdades no contexto do capitalismo global. O Capitaloceno ressalta, portanto, como as valorizações económicas capitalistas de apropriação da natureza e de territórios, e não apenas as acções humanas directas, são a causa das transformações ambientais.

Não obstante, existem também diferentes aproximações ao conceito do Antropoceno que têm origem na América Latina. Algumas perspectivas consideram que o Antropoceno permite fazer um diagnóstico crítico dos efeitos do desenvolvimento e do capitalismo. Outros o vêem como uma

oportunidade política de repensar as relações sociais a fim de construir novas relações com o ambiente. Especialmente o manifesto Antropoceno em Chile. Hacia un nuevo pacto de convivencia, assinado em 2018 por académicos e activistas chilenos e de outros lugares do mundo, oferece propostas críticas para repensar os contextos sociais, políticos e ambientais tendo em vista uma nova constituição para o planeta. Esta implica um "pacto de convivência" baseado em diversos princípios. Trata-se de uma proposta de vida comum, reconhecendo a existência de todas as espécies e sua diversidade, bem como de seus modos de viver, pensar e actuar em contextos situados e localizados. Também é um chamado para criar novas possibilidades de ser e de futuros mediante a reorganização da vida colectiva, dos bens comuns e das políticas públicas baseadas na justiça socioambiental, transdisciplinar, na educação, na arte e na espiritualidade. Esse manifesto quer superar os conflitos socioambientais actuais criando um mundo diferente.

Os debates tanto em torno do Antropoceno como do Capitaloceno são uma oportunidade política para repensar a relação do ser humano com a natureza. Eles também permitem abrir diferentes discussões e convocar pessoas de distintas trajetórias, culturas e perspectivas a participar da construção de novas noções e práticas no que diz respeito à natureza, ao Estado, aos direitos de seres humanos e não-humanos. Além disso, eles permitem propor reconfigurações territoriais, ambientais e culturais que acarretem propostas alternativas aos extractivismos e sua relação com os territórios globais-locais, reformulem as relações natureza/cultura e gerem uma mudança profunda nas actuais relações do ser humano com a natureza.

Na América Latina, o debate sobre o Antropoceno não se desenvolve da mesma forma que na Europa ou nos Estados Unidos.

Ora, discursos como os mencionados acima exigem buscar opções tanto individuais como colectivas para repensar o capitalismo e inclusive retomar os princípios filosóficos de relacionamento com o entorno, por exemplo, dos povos indígenas e das sociedades que estabelecem outro tipo de relação não baseada em processos de apropriação económica da natureza.

A partir de uma perspectiva latino-americana, no que concerne aos modelos do Antropoceno e do Capitaloceno, é preciso examinar as implicações em âmbitos territoriais, ambientais, culturais e de género, e na forma como se produzem conhecimentos que incidam nas políticas globais. Isso implica repensar e, de facto, descolonizar a categoria de "natureza" e a forma através da qual se produzem conhecimentos, bem como as relações de poder que perpassam a interacção entre seres humanos e não-humanos a fim de repensar a questão ambiental a partir de uma perspectiva plural e diversa.

Astrid Ulloa é doutora em Antropologia pela Universidade da Califórnia em Irvine e professora do Departamento de Geografia da Universidade Nacional da Colômbia.

Copyright: Copyright: Goethe-Institut Kolumbien, Abril de 2019



Bondade: altruísmo e imaginação literária

Em 2012, Toni Morrison falou na Harvard Divinity School sobre o tema do altruísmo. Na palestra intitulada "Bondade: altruísmo e imaginação literária", Toni Morrison explorou como os autores iluminam os conceitos do bem e do mal e examinou o tratamento da bondade nos seus próprios romances. Publicada pela primeira vez no influente jornal *The New York Times*, a 7 de Agosto de 2019, apresentamo-la ao público angolano nestas páginas.

TONI MORRISON

Numa manhã de Outubro de 2006, um jovem apoiou o caminhão na garagem de uma escola de um cómodo. Ele entrou na escola e depois de ordenar que os estudantes, o professor e alguns outros adultos saíssem, ele alinhou 10 meninas, com idades entre 9 e 13 anos, e atirou nelas. O horror irracional daquele ataque atraiu a imprensa intensa e sustentada, bem como, mais tarde, livros e filmes. Embora houvesse outros dois tiroteios nas escolas apenas alguns dias antes, o que tornou esse massacre especialmente notável foi o fato de que sua paisagem era uma comunidade Amish - notoriamente pacífica e, portanto, o local mais improvável para tal violência.

Antes de a narrativa rastrear o massacre ter sido esgotada na imprensa, outro trilho apareceu, um que era considerado bizarro e de algum modo tão chocante quanto os assassinatos. A comunidade Amish perdoou o assassino, recusou-se a buscar justiça, exigir vingança ou até mesmo julgá-lo. Eles visitaram e confortaram a viúva e os filhos do assassino (que não eram Amish), assim como abraçaram os parentes dos mortos. Surgiram várias explicações para seu comportamento - sua aversão histórica a matar qualquer pessoa por qualquer motivo e suas convicções separatistas. Mais precisamente, a comunidade Amish não tinha nada ou muito pouco a dizer sobre a investigação externa, exceto que era o lugar de Deus para julgar, não o deles. E, como se advertiu, "Não pense mal deste homem". Eles não realizaram conferências de imprensa e não se submetaram a entrevistas na televisão.

Seu silêncio após o massacre, juntamente com sua profunda preocupação pela família do assassino, pareceu-me na época característica da genuína "bondade". E fiquei fascinado com o termo e sua definição.

Pensadores, dos quais nenhum era tão desinformado como eu, há muito tempo analisam o que é bom, o que é bom e quais são ou podem ser suas origens. A miríade de teorias que li me dominou e, para reduzir minha confusão, achei que deveria pesquisar o termo "altruísmo". Rapidamente me vi numa jornada frustrante em direção a uma infinidade de definições e contra-

definições. Comecei pensando no altruísmo como uma versão mais ou menos fiel de sua raiz latina: alter / other; compaixão altruísta pelo "outro". Esse caminho não era apenas estreito; Isso levou a um pântano de interpretações, análises contrárias e dúvidas. Alguns desses argumentos propunham explicações completamente diferentes: (1) O altruísmo não é um ato instintivo de abnegação, mas um ensinamento e aprendizado. (2) O altruísmo pode realmente ser narcisismo, aprimoramento do ego, até um distúrbio mental se manifesta em um desejo desesperado de pensar bem em si mesmo para apagar ou diminuir a auto-aversão. (3) Algumas das teorias mais instigantes vieram da bolsa de estudos que investiga o DNA, se você quiser, buscando evidências de um gene embutido disparando automaticamente para permitir o sacrifício de si mesmo em benefício dos outros; uma espécie de irmão ou irmã da "sobrevivência do mais apto" de Darwin. Exemplos de confirmação ou contradição da teoria darwiniana vieram principalmente dos reinos animal e inseto: esquilos deliberadamente atraindo predadores para si mesmos para avisar os outros esquilos; aves também e especialmente formigas, abelhas, morcegos todos a serviço da colônia, do coletivo, do enxame. Esse comportamento é muito comum entre os seres humanos. Mas a questão colocada é se esse sacrifício por parentes e / ou comunidade é inato, construído, por assim dizer, em nossos genes, assim como a conquista individual dos outros é considerada um impulso natural e instintivo que serve à evolução. Existe um gene "bom" junto com um gene "egoísta"? A questão adicional para mim era a competição entre o gene e a mente.

Confesso que não fui capaz e não estava preparada para entender muito do conhecimento sobre o altruísmo, mas aprendi algo sobre seu peso, sua urgência e sua relevância e irrelevância no pensamento contemporâneo.

Mantendo esses Amish em mente, fiquei imaginando por que a narrativa daquele evento, na mídia impressa e visual, rapidamente ignorou o assassino e as crianças abatidas e começou a se concentrar quase exclusivamente no choque do perdão. Como observei anteriormente, os disparos em massa nas

escolas eram talvez muito comuns; Houve dois tiroteios em outros lugares durante a mesma época, mas a relutância da comunidade Amish de clamar por justiça / vingança / retribuição, ou mesmo de julgar o assassino, foi a história convincente. O choque foi que os pais das crianças mortas se esforçaram para consolar a viúva do assassino, sua família e seus filhos, para angariar fundos para eles, não para si próprios. Da resposta da comunidade vitimizada a esse exemplo quase clássico do mal, além de sua recusa em culpar, o elemento mais extraordinário foi o silêncio.

É claro que pensar em bondade implica, na verdade requer, uma visão de seu oposto. Eu nunca estive interessado ou impressionado com o mal em si, mas tenho me confundido com o quão atraente ele é para os outros. Estou

Repartindo saber e alegria

atoradoado com a atenção dada a cada sussurro e grito. O que não é negar sua existência e devastação, nem sugerir que o mal não exige confronto, mas simplesmente se perguntar por que ele é tão adorado, especialmente na literatura. É sua teatralidade, seu traje, seu spray sanguíneo, a satisfação emocional que vem com sua investigação mais do que com seu colapso? (A história final do detetive, o paradigma

É claro que pensar em bondade implica, na verdade requer, uma visão de seu oposto. Eu nunca estive interessado ou impressionado com o mal em si, mas tenho me confundido com o quão atraente ele é para os outros.

do mistério do assassinato.) Talvez seja assim que danças, a música que inspira, suas roupas, sua nudez, seu disfarce sexual, seu uivo apaixonado e seu perigo. A fórmula na qual o mal reina é ruim contra o bom, mas o baralho está empilhado porque a bondade na literatura contemporânea parece ser equiparada à fraqueza,

O mal tem uma audiência de grande sucesso; A bondade espreita nos bastidores. O mal tem fala vívida; Bondade morde a língua. É *Billy Budd*, que só pode gaguejar. É o Michael K de Coetzee, com um látex que tanto limita seu discurso que a comunicação com ele é virtualmente impossível. É *Bartleby*, de Melville, confinando a linguagem à repetição. É o Benjy de Faulkner, um idiota.

Ao invés de vasculhar a linguagem requintada e persuasiva das religiões - todas as quais imploram aos crentes que classifiquem a bondade como a mais alta e santa das realizações humanas, e muitas das quais identificam seus santos e ícones de adoração como exemplos de puro altruísmo - eu decidi me concentrar Sobre o papel que o bem desempenha na literatura usando minha própria linha de trabalho - ficção - como um teste.

Nos romances do século XIX, independentemente de que atos de perversidade ou indiferença cruel contro-



lassem o enredo, o final era quase sempre o triunfo do bem. Dickens, Hardy e Austen deixaram todos os leitores com um senso de restauração da ordem e do triunfo da virtude, até mesmo de Dostoiévski. Note que Svidrigailov em "Crime e Castigo", exausto pelo seu próprio mal e pela linguagem que o sustenta, fica tão entediado com seus atos terminais de caridade, que comete suicídio. Ele não pode viver sem a linguagem do mal, nem dentro do silêncio das boas ações. Há exceções famosas para o que poderia ser chamado de uma fórmula do século XIX investida em identificar claramente quem ou o que é bom. Obviamente, "Dom Quixote" e "Candide", ambos zombam da busca pela bondade pura. Outras exceções a essa fórmula continuam sendo os enigmas da crítica literária: "Billy Budd" e "Moby-Dick", de Melville, que apoiam múltiplas interpretações sobre o posto, o poder, o significado de que bondade é dada nesses textos. A consequência da inocência de Billy Budd é a execução. Ismael é bom? Acabe é um modelo para o bem, lutando contra o mal até a morte? Ou ele é uma força vingativa e ferida, superada pela natureza indiferente, que não é boa nem má? A inocência representada por Pip que conhecemos é logo abandonada, engolida pelo mar sem um murmúrio. Geralmente, no entanto, na literatura do século XIX, quaisquer que sejam as forças de malícia que o protagonista enfrenta, a redenção e o triunfo da virtude foram sua recompensa. A consequência da inocência de Billy Budd é a execução. Ismael é bom? Acabe é um modelo para o bem, lutando contra o mal até a morte? Ou ele é uma força vingativa e ferida, superada pela natureza indiferente, que não é boa nem má? A inocência representada por Pip que conhecemos é logo abandonada,



Por mais brilhante que seja, nunca li uma fascinação mais profundamente perturbadora com a natureza do mal



da, engolida pelo mar sem um murmúrio. Geralmente, no entanto, na literatura do século XIX, quaisquer que sejam as forças de malícia que o protagonista enfrenta, a redenção e o triunfo da virtude foram sua recompensa. A consequência da inocência de Billy Budd é a execução. Ismael é bom? Acabe é um modelo para o bem, lutando contra o mal até a morte? Ou ele é uma força vingativa e ferida, superada pela natureza indiferente, que não é boa nem má? A inocência representada por Pip que conhecemos é logo abandonada, engolida pelo mar sem um murmúrio. Geralmente, no entanto, na literatura do século XIX, quaisquer que sejam as forças de malícia que o protagonista enfrenta, a redenção e o triunfo da virtude foram sua recompensa.

Os romancistas do século XX não se impressionaram. O movimento longe de finais felizes ou a consagração do bem sobre o mal foi rápida e dura após a Primeira Guerra Mundial I. Essa catástrofe era ampla demais, profunda demais para ser ignorada ou distorcida com um gesto simplista de bondade. Muitos dos primeiros romancistas modernos, especialmente os americanos,



Na sua juventude

concentraram-se nas consequências irredimíveis da guerra - o dano que causou aos seus guerreiros, à sociedade e à sensibilidade humana. Nesses textos, os atos de pura bondade, se não francamente cômicos, são tratados com ironia na melhor das hipóteses ou carregados de suspeita e improdutividade na pior das hipóteses. Pensa-se na "Fábula" de Faulkner e nos comentários mistos que recebeu, a maioria dos quais desdenhava o armistício deliberado entre soldados em guerra de trincheiras, um contra o outro, motivados por um caráter semelhante a Cristo. O termo "herói" parece estar limitado nos dias de hoje: os socorristas se deparam com construções de fogo, companheiros atirando-se em grana-

das para salvar a vida dos outros, resgatando o afogamento, os feridos.

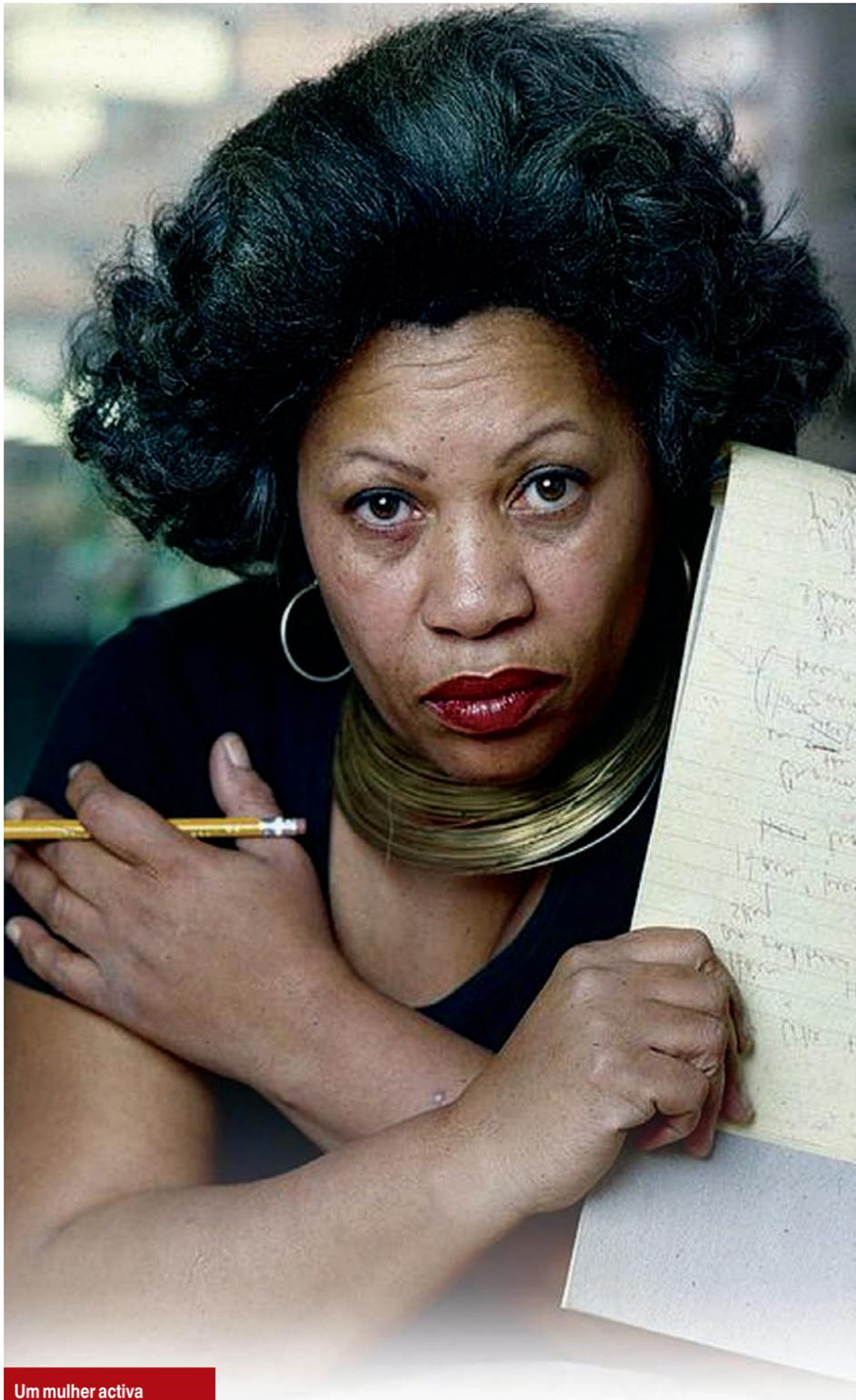
O mal agarra a plataforma intelectual e sua energia; exige exames cuidadosos de suas consequências, suas técnicas, seus motivos, seus sucessos, no entanto, de curta duração ou temporários. O luto, a melancolia, as chances perdidas de felicidade pessoal parecem frequentemente ser o conceito de mal da literatura contemporânea. Isso mata o palco. A bondade senta na platéia e assiste, supondo que até tenha um ingresso para o show. Um exemplo muito convincente dessa obsessão com o mal é "O cemitério de Praga", de Umberto Eco. Por mais brilhante que seja, nunca li uma fascinação mais profundamente perturbadora com a natureza do mal; perturbando precisamente porque é tratado como uma inteligência emocionante desdenhosa da monotonia e da estupidez das boas intenções. A literatura contemporânea não está interessada em bondade em escala grande ou até limitada. Quando aparece, é com uma nota de desculpas na mão e tem dificuldade em falar seu nome. Para cada "To Kill a Mockingbird", existe o "Wise Blood" de Flannery O'Connor ou "A Good Man is Diffícil de Encontrar", que impressiona com um machado literário bem afiado. Muitos dos pesos-pesados do final do século 20 e início do século 21 - Philip Roth, Norman Mailer, Saul Bellow e assim por diante - são mestres em expor a fragilidade, a falta de sentido, a comédia da bondade.

Eu pensei que seria interessante e possivelmente informativo examinar minha tese sobre a vida e a morte do bem na literatura usando meu próprio trabalho. Eu queria medir e esclarecer minha compreensão, empregando as definições de altruísmo que eu tirei da minha tentativa de pesquisa. Para este fim, selecionei três:

1. Bondade ensinada e aprendida (um hábito de ajudar estranhos e / ou



Ao receber o Prémio Nobel YCQ



Um mulher activa

correr riscos por eles).

2. A bondade como uma forma de narcisismo, aprimoramento do ego ou até mesmo um transtorno mental.

3. Bondade como instinto, como resultado da genética (proteger o parente ou o grupo de alguém).

Um exemplo do primeiro: Um hábito instruído de bondade pode ser encontrado em "Uma Misericórdia". Lá, um padre, em algum perigo para si mesmo, ensina as escravas a ler e escrever. Para que isso não seja entendido como gentileza simples, aqui está uma amostra de punições aplicadas a pessoas brancas que arriscam promover a alfabetização entre negros: "Qualquer pessoa branca se reunindo com escravos ou negros livres para instruí-los a ler ou escrever ou se associar a eles, em qualquer assembléia ilegal, deve ser confinado em prisão não superior a seis meses e multado não superior a US \$ 100,00." Esse texto apareceu na lei criminal da Virginia em 1848.

Exemplos do terceiro: a proteção de parentesco instintiva é o representante mais comum do bem - e reconhecimento várias áreas de falha em articulá-las. A partir da colocação deliberada de uma perna debaixo de um trem para obter dinheiro do seguro para criar sua família em "Sula", para colocar um filho em

chamas para poupar a ele e aos outros a visão de sua autodestruição. Note que esta é a mesma mãe que se joga para fora de uma janela para salvar uma filha do fogo. Esses atos são muito teatrais e não são acompanhados de linguagem convincente. Por outro lado, há a doação de um filho a um estranho, a fim de salvá-la de certos abusos em "A Mercy". O motivo que impulsiona a mãe de Florens, a minha mãe, parece bastante próximo do altruísmo, e o mais importante é a linguagem que eu esperava que fosse uma definição profunda e literal de liberdade: "Ser dominado sobre outro é uma coisa difícil; torcer o domínio sobre o outro é uma coisa errada; dar domínio de si mesmo a outro é uma coisa má".

Outro exemplo do terceiro: Compaixão inquestionável em apoio não apenas dos parentes, mas dos membros do grupo em geral. Em "Lar", por exemplo, as mulheres prestam cuidados de enfermagem não solicitados, mas necessários, a um membro do coletivo que passou a vida inteira desprezando-os; sua "razão" é responsabilidade para com Deus: "Eles não queriam encontrar seu Criador e não têm nada a dizer quando Ele perguntou: 'O que você fez?'" Outro exemplo de compaixão do grupo ina-

to é a cura de Cee, fisicamente bem como mentalmente. Era importante para mim dar aquela voz de compaixão: "Olhe para si mesma", diz a srta. Ethel. "Você esta livre. Nada e ninguém é obrigado a salvar você, mas você ... Você é jovem e mulher e há uma séria limitação em ambos, mas você é uma pessoa também ... Em algum lugar dentro de você é aquela pessoa livre ... Localize-a e deixe-a fazer algo de bom no mundo."

Um exemplo do segundo: a bondade como uma forma de narcisismo, talvez desordem mental, ocorre no primeiro romance que escrevi. Decidido a apagar sua auto-aversão, Soaphead Church, personagem de "O Olho Mais Azul", opta por "dar", ou fingir que dá, olhos azuis a uma menina em necessidade psicótica. Em sua carta a Deus, ele se imagina fazendo o bem que Deus recusa. Incompreendido como é, tem linguagem.

Ao longo do tempo, nestes últimos 40 anos, eu me tornei cada vez mais investido em garantir que atos de bondade (por mais casuais, deliberados ou mal aplicados ou, como a comunidade Amish, abençoada) produzissem linguagem. Mas mesmo quando não articulados, como o padre de ensino em "A Mercy", tais atos devem ter um forte impacto na estrutura do romance e em seu significado. Expressões de bondade nunca são triviais ou incidentais em meus escritos. Na verdade, quero que eles tenham propriedades que mudam a vida e iluminem decisivamente as questões morais embutidas na narrativa. Era importante para mim que nenhuma dessas expressões fosse tratada como comédia ou ironia. E eles raramente são mudos. Permitir

que o próprio bem não aniquile o mal, mas me permite significar minha própria compreensão do bem: a aquisição do autoconhecimento. Um final satisfatório ou bom para mim é quando o protagonista aprende algo vital e moralmente perspicaz que ela ou ele não sabia no começo.

Palavras de Claudia, no final de "The Blueest Eye": "Eu até acho que agora a

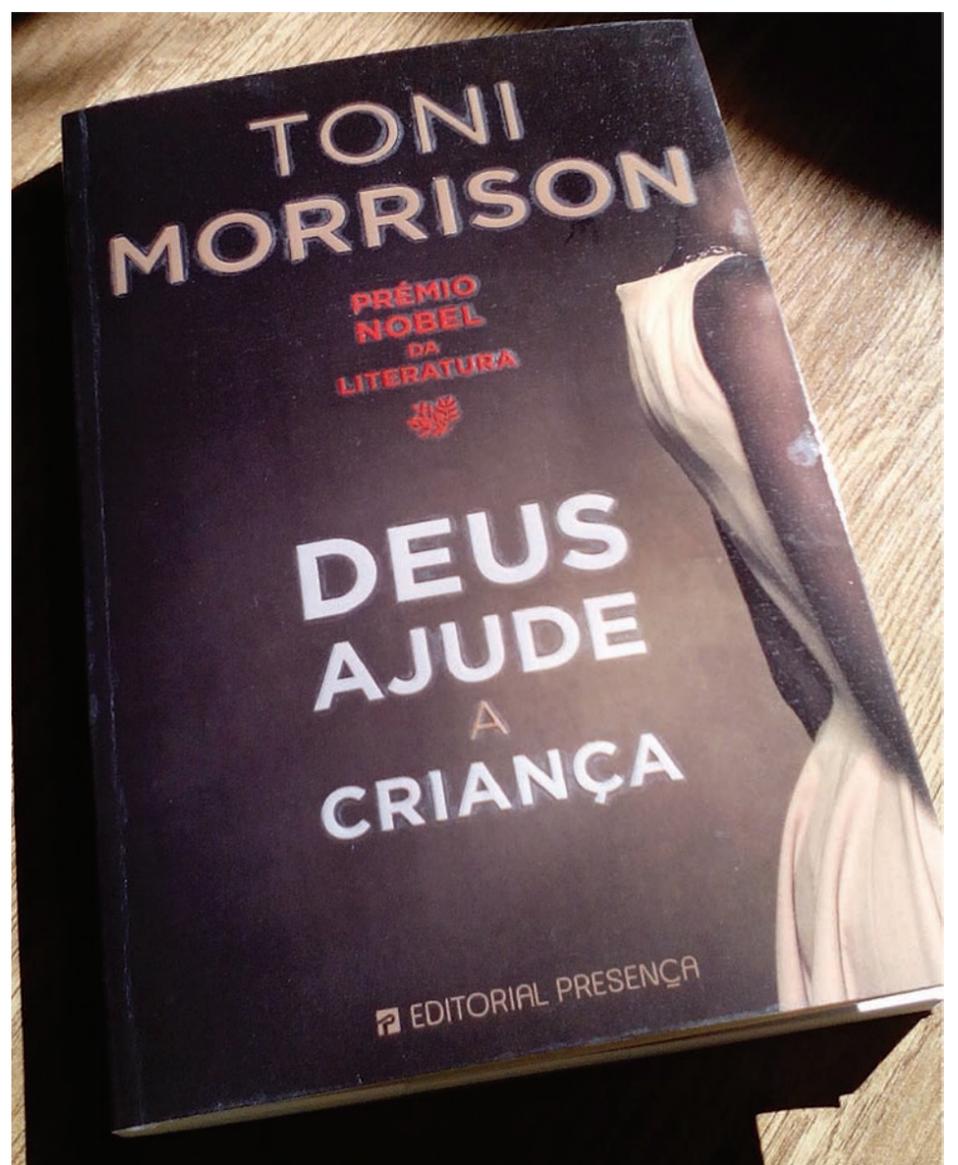


A bondade como uma forma de narcisismo, aprimoramento do ego ou até mesmo um transtorno mental



terra de todo o país era hostil a malmequer naquele ano. Este solo é ruim para certos tipos de flores. Certas sementes não serão cultivadas, certos frutos que não produzirão, e quando a terra mata por sua própria vontade, concordamos e dizemos que a vítima não tinha o direito de viver. Estamos errados, claro, mas isso não importa. É tarde demais. Pelo menos no limite da minha cidade, entre o lixo e os girassóis da minha cidade, é muito, muito, muito tarde.

Essa percepção não tem nada a ver com ganhar, e tudo a ver com a aquisição de conhecimento. Conhecimento exposto na linguagem da clareza moral - da bondade.



Jody Kollapen, entrevistado por Edwin Naidu, jornalista sul-africano



A África do Sul de Mandela: realidade ou sonho distante?

Vinte e cinco anos depois de alcançar a democracia, a África do Sul deu passos gigantes rumo à formação de uma nação unida. No entanto, superar o racismo e concretizar a visão de Nelson Mandela de uma nação que pertença a todos que nela vivem continuam a ser ideais maravilhosos, mas que ainda requerem muito trabalho, segundo o juiz Jody Kollapen. Tanto árbitro quanto vítima de casos de racismo – foi-lhe recusado um corte de cabelo recentemente, em outubro de 2003! –, esse defensor dos direitos humanos afirma que há boa vontade suficiente para construir a visão de Mandela..

Vinte e cinco anos após a liberdade duramente conquistada pela África do Sul, o país progrediu na luta contra o racismo?

Acredito que a resposta para isso deva ser sim, simplesmente porque as divisões raciais que caracterizaram a África do Sul durante o apartheid eram muito fortes, as suspeitas em razão de raça eram profundas, e os casos de violência gratuita contra os negros haviaM quase atingido um nível de aceitação social. Tudo mudou dramaticamente desde então. No entanto, isso não significa que não existam casos sérios de racismo. A diferença é que, quando ocorrem, um grande número de sul-africanos, negros e brancos, se sentem indignados. Além disso, existe um marco legal para lidar com o racismo.

As medidas legislativas propostas na nova lei para criminalizar actos de racismo são necessárias para promover uma África do Sul unida?

Idealmente, nós gostaríamos de combater o racismo por meio de iniciativas voluntárias, apelando ao melhor senso das pessoas. Historicamente, a maioria dos sul-africanos concordaria que, na ausência de sanções criminais, as novas leis poderiam ser importantes, ao autorizar que se aja fortemente contra aqueles que acham que podem se livrar com o pagamento de uma multa, uma vez que nenhum processo actual prevê uma ação criminal. Com base nm marco legal e constitucional no qual estamos dispostos a mandar alguém para a prisão por roubar um pedaço de pão, por que, considerando a hierarquia de seriedade dos actos, não mandamos alguém para a prisão por comportamento racista? Não se pode ser racista e pagar para se livrar. A ideia é usar a lei para lidar com os casos extremos – espera-se que ela seja usada com moderação.

Os analistas se referem ao racismo como um problema não resolvido, herdado do passado, que a nação não conseguiu abordar de forma adequada. Qual é a sua opinião a esse respeito?

Concordo que a Comissão Verdade e Reconciliação (Truth and Reconciliation Commission – TRC) nunca abordou o problema do racismo. Lidou com os crimes do apartheid, mas não o apartheid como um crime. A ampla maioria dos sul-africanos que foram vítimas e autores nunca compareceu perante a TRC para falar sobre o racismo durante o apartheid. Infelizmente, a TRC pode ter se deixado levar pela noção romântica de reconciliação, sem abordar o apartheid, a discriminação – e o facto de que não pode haver reconciliação sem transformação social e económica. Foi uma oportunidade perdida. No entanto, eu não acredito que isso possa ser resolvido por meios legislativos.

O que deve ser feito para garantir que um sentido de unidade prevaleça na África do Sul?

Enquanto a África do Sul continuar sendo a sociedade mais desigual do mundo, e enquanto remontarmos isso como tendo raízes no colonialismo e no apartheid, nós não vamos alcançar esse sentido de unidade. Mesmo que não sejamos capazes de criar a sociedade igualitária que alguns desejam, certamente podemos alcançar uma sociedade mais igualitária. Porém, para que isso ocorra, precisamos ser maduros nos debates sobre questões como recursos, acção afirmativa, acesso à terra, e não podemos ser defensivos. Se não transformarmos a sociedade de uma maneira significativa, esse sentido de unidade pode nos escapar.

Nas eleições de 8 de Maio de 2019, alguns políticos usaram a raça como ferramenta eleitoral. Qual é a sua opinião sobre a conduta deles?

Infelizmente, a raça continua a definir a nossa ordem social e económica e, assim sendo, também define a ordem política. É fácil usar a noção

de raça para provocar ansiedade. Isso não é exclusivo da África do Sul – já vimos isso na Europa e também nos Estados Unidos. No entanto, considerando a nossa história, é fácil evocar o sentimento de insegurança entre as pessoas. Quando as pessoas têm esses sentimentos, eu não tenho a certeza de que são capazes de fazer as escolhas eleitorais correctas. Espero que alcancemos um nível de maturidade para lidar com isso. O dano de longo prazo causado pelo uso da raça como uma ferramenta de campanha pode não ser quantificável, mas serve para dividir e contradiz o argumento da nação unida que buscamos.

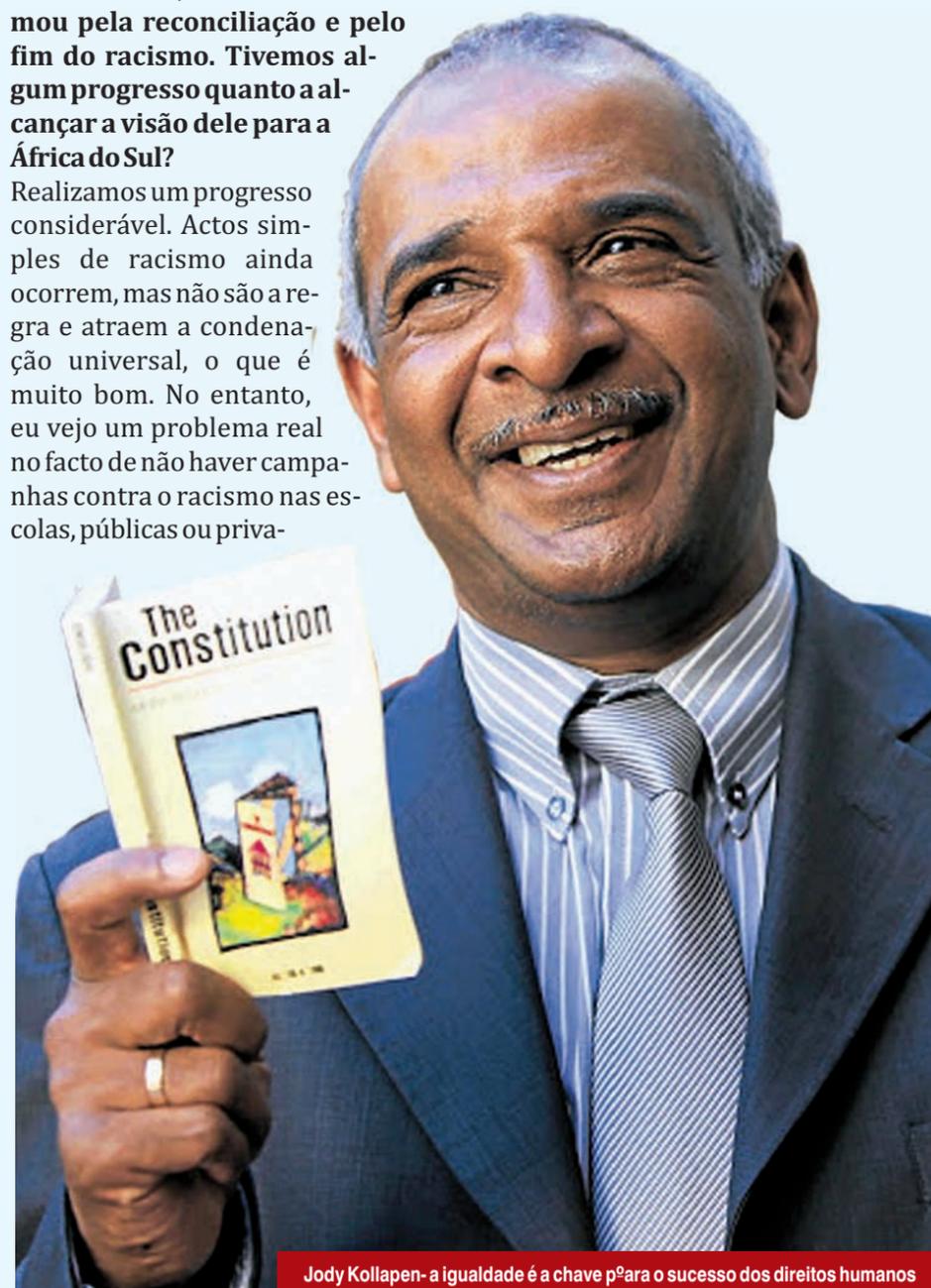
No seu discurso de posse, em 10 de Maio de 1994, Nelson Mandela clamou pela reconciliação e pelo fim do racismo. Tivemos algum progresso quanto a alcançar a visão dele para a África do Sul?

Realizamos um progresso considerável. Actos simples de racismo ainda ocorrem, mas não são a regra e atraem a condenação universal, o que é muito bom. No entanto, eu vejo um problema real no facto de não haver campanhas contra o racismo nas escolas, públicas ou priva-

das. Nós temos programas para lidar com a violência baseada em género, a xenofobia etc., mas não tenho conhecimento de quaisquer campanhas contra o racismo – certamente precisamos delas.

Segundo a Carta da Liberdade, a África do Sul pertence a todos os que nela vivem. Mas esse continua a ser um ideal maravilhoso, e nós permanecemos longe de alcançá-lo. Sim, em alguns aspectos, tivemos progressos. Certamente, somos uma sociedade melhor actualmente, devemos nos consolar com isso, não somos uma sociedade em guerra uns com os outros, e ainda há boa vontade suficiente para construir a visão que Mandela nos deixou.

CORREIO DA UNESCO



Jody Kollapen- a igualdade é a chave para o sucesso dos direitos humanos

ISSN 2617-7986



9 772617 798007